

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**JUVENTUDES E AS EMOÇÕES: NARRATIVAS UNIVERSITÁRIAS A PARTIR DA
PANDEMIA COVID-19 NO BRASIL**

LÚCIA VERÔNICA MUNIZ DE PAULO

São Cristóvão

2024

LÚCIA VERÔNICA MUNIZ DE PAULO

**JUVENTUDES E AS EMOÇÕES: NARRATIVAS UNIVERSITÁRIAS A PARTIR DA
PANDEMIA COVID-19 NO BRASIL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientador(a): Prof. Dr. Frank Nilton Marcon

São Cristóvão

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P331j Paulo, Lúcia Verônica Muniz de.
Juventudes e as emoções: narrativas universitárias a partir da
pandemia COVID-19 no Brasil / Lúcia Verônica Muniz de Paulo;
orientador Frank Nilton Marcon. – São Cristóvão, SE, 2024.
111 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2024.

1. Antropologia. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 3. Jovens –
Conduta. 4. Juventude – Pesquisa. 5. Identidade de gênero. 6.
Emoções. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 572.024-053.81

AGRADECIMENTOS

Sintetizar em palavras o sentimento de gratidão é tarefa muito difícil. Muitos nomes, relações, lugares e circunstâncias surgem em minha mente. Pensei em não formalizar pela escrita este momento de agradecimentos, mas vi, a partir do que diz Conceição Evaristo, que era preciso reconhecer que por baixo da assinatura de próprio punho, outras letras e marcas existem. Assim, agradeço, primeiramente, a Divina Providência que toca diariamente no meu coração. Meu mais profundo agradecimento também a minha mãe e ao meu pai, Ivone e João Paulo, que além do imensurável apoio que me deram ao longo de todos os anos desta existência, me incentivaram a acreditar no poder da educação. Agradeço ao Centro de Estudos Espírita Joanna de Angelis (CEEJA) e a Juventude Luiz Sérgio, em especial a minha querida amiga Célia Cristina, que foram essenciais no processo de construção e reconstrução de mim mesma ao longo dos últimos anos. Agradeço também ao Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTS), principalmente ao meu orientador Frank Marcon, que tanto me auxiliaram nas reflexões aqui apresentadas e no aprendizado que levarei para toda a minha vida. Demonstro, por fim, minha imensa gratidão aos meus amigos e amigas, visíveis e invisíveis, que de perto ou de longe sempre estão comigo.

“(…), mas essa ideia de que somos livres e os únicos responsáveis por nossa vida e destino não será uma fonte permanente de angústia?”

(Érico Veríssimo)

RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um trabalho etnográfico no qual busquei apreender os significados das experiências emocionais vivenciadas pelos jovens durante e após a pandemia da COVID-19 no Brasil. Pude desenvolvê-la no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe – PPGA/UFS, e tive como interlocutores os jovens alunos dos diversos cursos da graduação desta mesma instituição que experienciaram o modelo remoto de ensino durante os períodos de distanciamento social. Semelhante à inquietação de Margareth Mead (2015 [1928]) nos anos vinte, que se perguntava sobre “o que explica a presença do transtorno e da tensão entre as adolescentes americanas?” (p. 31), questiono o que explicaria os dados e narrativas sobre o aumento dos transtornos mentais entre os jovens brasileiros e qual seria a sua relação com o contexto da pandemia da COVID-19. Apesar de as emoções apresentarem-se a partir do que é sentido no corpo dos indivíduos, os seus significados e interpretações têm origens encontradas no corpo social coletivamente construído (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 13). O objetivo aqui foi analisar como a pandemia no Brasil, enquanto um contexto de confluência de crises – crise sanitária somada à crise político-social –, influenciou na produção das narrativas jovens sobre as emoções e nos entendimentos quanto às formas de sofrimento. As vivências ocasionadas em razão da pandemia não foram significadas individualmente, mas sim com base nas partilhas e trocas proporcionadas pela vida social estabelecida em meio ao período de crises. Pude apreender parte dos reflexos destas partilhas por meio do trabalho de campo e do uso do questionário desta investigação, que me possibilitaram observar as interações e os significados narrados pelos interlocutores. A tentativa aqui, portanto, foi identificar os modos como os jovens, dentro deste cenário de confluência de crises, produziram e significaram suas experiências emocionais (FEIXA, 2021b), sem esquecer que este contexto foi marcado por instabilidades nas instituições brasileiras e pela ascensão de um governo de extrema-direita e neoliberal.

Palavras-chave: jovens; pandemia; emoções; narrativas; crises no Brasil.

ABSTRACT

This research is an ethnographic work in which I sought to understand the meanings of the emotional experiences experienced by young people during and after the COVID-19 pandemic in Brazil. I was able to develop it in the Graduate Program in Anthropology at the Federal University of Sergipe – PPGA/UFS, and I had as interlocutors the young students of the various undergraduate courses of this same institution who experienced the remote teaching model during periods of social distancing. Based on Margaret Mead (2015 [1928]), who asked herself "what explains the presence of disorder and tension among American adolescent girls?" (p. 31), I raise the question: what explains the increase in mental disorders among young Brazilians? Although emotions are presented based on what is felt in the body of individuals, their meanings and interpretations have origins found in the collectively constructed social body (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 13). The objective here was to analyze how the pandemic in Brazil, as a context of confluence of crises – a health crisis added to the political-social crisis – influenced the production of young narratives about emotions and suffering. The experiences caused by the pandemic were not signified individually, but based on the sharing and exchanges provided by the social life established by the period of crises. I was able to apprehend part of the reflections of these exchanges through fieldwork and the use of the questionnaire of this investigation, which allowed me to observe the interactions and meanings narrated by the interlocutors. The attempt here, therefore, was to identify the ways in which young people, within this scenario of confluence of crises, produced and signified their emotional experiences (FEIXA, 2021b), without ignoring that this context was marked by instabilities in Brazilian institutions and the rise of an alt-right and neoliberal government.

Keywords: young people; pandemic; emotions; narratives; crises in Brazil.

LISTA DE SIGLAS

CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas

DICAC – Divisão de Controle Acadêmico

DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GERTS – Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas

OMS – Organização Mundial de Saúde

SIDI – Superintendência de Indicadores de Desempenho Institucional

SUS – Sistema Único de Saúde

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNICEF – United Nations Children's Fund

WHO – World Health Organization

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Praça da Democracia no Campus São Cristóvão/UFS	29
Figura 2 - Principais locais de aplicação dos questionários	30
Figura 3 - Principais Lanchonetes do Campus	43
Figura 4 - Meme retirado do Instagram.....	64
Figura 5 - Meme retirado do Instagram.....	64
Figura 6 - Meme retirado do Instagram.....	65

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Identidade de Gênero (questão 2)	32
Gráfico 2 - Autodeclaração Racial (questão 3)	32
Gráfico 3 - Trabalhou X Não Trabalhou (questão 6)	33
Gráfico 4 - Trabalho Remoto X Trabalho Presencial (questão 6a)	33
Gráfico 5 – Quanto às limitações no aprendizado (questão 10c)	53
Gráfico 6 - Trancou curso e/ou disciplina (questão 11)	54
Gráfico 7 - Já buscou rede de atendimento à saúde mental (questão 14).....	72
Gráfico 8 - Já pensou em buscar rede de atendimento à saúde mental (questão 14c).....	72
Gráfico 9 - Tipo de atendimento psicossocial (questão 14b)	73
Gráfico 10 - Sentimentos utilizados para significar a pandemia (respostas mais frequentes na questão 16).....	77
Gráfico 11 - Respostas da questão 17.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONTEXTOS E CONFLUÊNCIAS – INSERÇÃO DA PESQUISA EM MEIO AO CENÁRIO BRASILEIRO DE CRISES	21
1.1. Redescobrimiento da UFS – Minha inserção em campo	23
1.2. Universo na Universidade – os jovens e a diversidade dentro da UFS	25
1.3. Pandemia no Brasil – O Encontro de Crises	34
2. JUVENTUDES E A PANDEMIA NO BRASIL	46
2.1. Imposições de uma Nova Realidade	48
2.2. Geração Viral – Emoções e Significados Partilhados	59
2.3. Vulnerabilidade à flor-da-pele – o ser jovem no Brasil	67
3. INTERPRETAÇÕES DE SOFRIMENTO ENTRE OS JOVENS – RELAÇÃO DA INDIVIDUALIZAÇÃO COM AS CAUSAS DAS DORES	75
3.1. Adoecimento entre os jovens – significados em comum	76
3.2. Narrativas de sofrimento e a ideia de culpa	81
3.3. Ausência do Estado Enquanto Materialização da Individualização Neoliberal	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101
ANEXO 1 – Localização da UFS na América Latina	108
ANEXO 2 – Questionário	109

INTRODUÇÃO

As mudanças trazidas pela pandemia do vírus Sars-CoV-2 criou desafios individuais e coletivos. As pessoas perceberam-se impotentes e incapazes; viram o velho mundo colidir com a nova realidade marcada pelo distanciamento social. As novas rotinas impostas, dentro de um cenário de impossibilidade de contato face a face, foram mediadas por aparelhos eletrônicos. Como o momento da pandemia parecia não ter limites, nem temporais nem espaciais, nós, os atores sociais da situação, nos encontramos dentro de um jogo situacional com novas regras, mas sem sabermos quais eram estas novas regras ou como jogar o jogo (KOURY, 2018, p. 28). Além de percebermo-nos em meio aos temores ocasionados pela crise sanitária, experimentamos, a partir das necessidades de reestruturação das relações interpessoais, uma transformação na forma como as experiências emocionais foram vivenciadas, gerenciadas e significadas. Neste cenário, em que tantas necessidades de readaptação foram enfrentadas, um processo de transformação na significação das emoções entre os grupos de jovens parecia revelar-se. A ideia de que este grupo passou a ser o mais vulnerabilizados emocional e psiquicamente não surgiu isoladamente, e embora tenha tido maior destaque diante do cenário pandêmico, não surgiu exclusivamente em razão das mudanças trazidas por ele (WHO, 2022).

A conjuntura em que o Brasil experimentou a pandemia foi caracterizada pela confluência de duas crises: a crise sanitária, em razão da COVID-19, enfrentada por todo o globo; e a crise política e social, fruto das instabilidades nas instituições brasileiras e da ascensão de um governo de extrema-direita e neoliberal (KOURY, 2020). Esta confluência de crises influenciou a maneira como as juventudes estabeleceram suas vivências na pandemia, e segue influenciando a forma com que estes grupos significam o presente. Embora as experiências de dor psíquica tenham ganhado maior atenção com esses acontecimentos, entendo que o momento atual é o apogeu de um problema iniciado antes do advento da crise sanitária. Esta crise parece representar, na verdade, um momento em que o paradigma individualizador sai da obscuridade e emerge até a superfície por meio das narrativas de sofrimento. Apesar destas não se originarem individualmente, são significadas por um viés que as representam como se assim fossem, o que tem induzido estes jovens a observarem suas vivências de dor emocional a partir da autorresponsabilidade e do adoecimento (HAN, 2017).

Como dissera Koury (2020), as emoções ligadas à ansiedade, ao medo e à tristeza moldaram o humor cotidiano das pessoas durante a pandemia (p. 19). Notei, a partir dos dados obtidos em campo, que as linguagens e as formas que os jovens expressaram essas emoções traziam relações com o paradigma neoliberal de individualização dos sofrimentos, sobretudo

quando os significados atribuídos às emoções surgiam vinculados à culpa e à improdutividade. Acredito que o paradigma interpretativo utilizado por meus interlocutores para analisar os seus sofrimentos é um dos resultados da ascensão do neoliberalismo no Brasil, que tornou a pandemia da COVID-19 um momento de responsabilização individual das dificuldades enfrentadas, mesmo quando estas estavam ligadas ao aprofundamento do empobrecimento e da vulnerabilidade social no país.

Após o fim da fase grave da pandemia, dentro de diálogos cotidianos, as pessoas, apesar de reconhecerem a necessidade geral de maior cuidado com a saúde mental, passaram a discutir a vulnerabilização psíquica do jovem como parte natural desta “fase”. Em minhas observações, principalmente com a escuta dos discursos cotidianos sobre o assunto, vi que esta vulnerabilização emocional do jovem ainda não é verdadeiramente entendida como algo social, e sim reforçada discursivamente como atrelada a uma etapa “natural” da vida. Considero como indispensável observar as representações construídas e atribuídas aos jovens – tanto historicamente como especificamente nos últimos anos – que podem ter influenciado tanto os discursos sociais sobre a saúde emocional das juventudes, quanto as narrativas dos próprios jovens acerca de suas emoções. Neste sentido, mesmo com a difusão do reconhecimento da necessidade de atenção à saúde mental em razão da pandemia, noto que quando esta necessidade é pensada a partir dos sentimentos produzidos pelo corpo dos jovens, estes não são somente associados ao contexto de crise sanitária e social, e sim ao como se o próprio corpo jovem fosse naturalmente propício a produzir crises psíquicas e emocionais (BERNI; ROSO, 2014).

Parafraseando Margareth Mead (2015), que se perguntou “o que explica a presença do transtorno e da tensão entre as adolescentes americanas?” (p. 31), pergunto-me: o que explica o aumento dos transtornos mentais entre os jovens brasileiros? Com a presente investigação, pude observar a naturalização do jovem enquanto mais “emocionalmente instável” ganhar força com a adoção da linguagem médico-psiquiátrica. Diante de pesquisas que apontaram maior vulnerabilidade da juventude durante a pandemia e as consequências do período à saúde mental deste grupo, a interpretação de que os jovens vivem “naturalmente em crises” tem sido reforçado socialmente. A forma com que as representações dos jovens foram feitas durante e após o cenário pandêmico reforça e, ao mesmo tempo, recria as estigmatizações atribuídas ao ser jovem. Entendo estes pontos como fundamentais para esta pesquisa, pois no reforço dessas estigmatizações pode residir uma das causas da maior vulnerabilização emocional e psíquica

deste grupo social, o que também pode influenciar nas narrativas individualizadoras das experiências de sofrimento entre as juventudes.

Embora as emoções sejam manifestadas no corpo humano dos indivíduos, e ligadas a ideia de saúde mental, as suas origens também precisam ser situadas no corpo social, de forma que seja possível observá-las como socialmente construídas e significadas (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 13). A experiência emocional não surge abstratamente, e as linguagens utilizadas para mediar os seus significados são apreensíveis dentro dos contextos que lhes deram forma. O fato de as emoções dos jovens atualmente caracterizarem-se como enfermidades não ocorre em razão a um “fato” em si, e sim a partir de uma interpretação. Assim, o que me levou a desenvolver esta pesquisa foi a busca por compreender como estas interpretações são reproduzidas nas narrativas dos jovens, sem deslocá-las dos contextos sociais em que são construídas (REZENDE, COELHO, 2010). Por isto, ao longo do texto, apresento as circunstâncias sociais que foram – e continuam sendo – o plano de fundo das experiências emocionais aqui analisadas, mesmo quando estas foram interpretadas como enfermidades. Destaco que meu intuito aqui não é o de deslegitimar o que foi narrado pelos jovens, tampouco as eventuais enfermidades existentes em suas experiências. Meu propósito com a observação da enfermidade como uma interpretação é estabelecer a relação que existe entre o paradigma neoliberal de individualização da dor e a maior adoção do discurso médico-psiquiátrico para significar vivências sociais de sofrimento.

Essas interpretações não são dadas individualmente, e surgem com os processos de socialização (ALVES, 1994, p. 93). Os conceitos que envolvem o que se entende por “saúde mental” e “doença mental” são culturalmente específicos, estabelecidos a partir dos sentidos do que são as “perturbações físico-morais”. A forma com que a mente é referida depende também de como a dualidade corpo e mente são significadas socialmente (DUARTE, 1994, p. 84). Para que esta pesquisa não recaia em interpretações deterministas, observei com cautela esta evidenciação da vulnerabilização que os jovens experimentam. Para não reforçar a ideia de que a experiência da juventude implica em “perturbações” naturalmente desenvolvidas nesta fase, busquei, primeiramente, entender o que isto significa na sociedade e no contexto em análise. Como dissera Le Breton (2013), “uma dor identificada com uma causa, com um significado, é mais suportável do que uma dor que permaneceu no *nonsense*, não diagnosticada, não compreendida pelo ator” (p. 71), o que me faz acreditar que as interpretações que pude observar, adotadas a partir das socializações decorrentes da pandemia, dão sentido ao que foi experienciado pelos jovens, mesmo que este sentido seja buscado a partir da perspectiva do adoecimento.

A vulnerabilidade emocional e psíquica dos jovens, enquanto um fenômeno social, é criada e recriada pelo contexto em que ocorre. Diante do que me foi exposto, acredito que as sucessivas condições de precarização social, econômica e política das vidas dos jovens na sociedade contemporânea (MARCON, 2018) surge também da naturalização das supostas rebeldia e instabilidade que lhes são atribuídas como inerentes. Como a vulnerabilidade é um conceito relacional (RE, 2019), os jovens são vulnerabilizados a partir das relações sociais que lhes são impostas. Por estarem em um estágio que é considerado como “naturalmente” conturbado, estes são estigmatizados e deslegitimados socialmente, o que também os coloca em uma condição social vulnerável. Neste sentido, não há como analisar as experiências emocionais e psíquicas dos jovens no contexto brasileiro da pandemia sem observar a crise sanitária no país como um cenário de ascensão das políticas neoliberais e extremistas, que tem como consequência o aprofundamento das suas vulnerabilidades e o reforço do discurso individualizador das experiências.

Parto do entendimento de que, a evidência da vulnerabilização emocional e psíquica entre jovens correlaciona dois aspectos: o que se entende por juventude enquanto uma fase da vida “naturalmente instável”; e esta experiência vivenciada durante a pandemia enquanto uma dupla crise. Ao fazer essa correlação pude chegar as análises dos fatores sociais que transformaram e influenciaram os significados emocionais adotados pela chamada “Geração Viral”, como definiu Feixa, (2021b) – a geração dos jovens que experimentaram as fases iniciais desta fase da vida durante a pandemia. Observei que as experiências emocionais desta geração de jovens, dentro do cenário brasileiro, não têm suas origens tão somente nas individualidades, e sim na vida social; nas condições políticas e econômicas que intensificaram tanto as “vulnerabilidades pré-pandêmicas” quanto a apreensão do discurso neoliberal individualizador na construção dos significados emocionais.

As bases desta pesquisa foram apreendidas em campo a partir da observação das narrativas dos jovens sobre suas experiências emocionais vivenciadas tanto no durante quanto no pós pandemia¹. Com a observação e a escuta, pude analisar as maneiras com que as juventudes estabeleceram suas interações sociais durante as crises enfrentadas no Brasil, suas inserções neste cenário e os significados produzidos diante destas circunstâncias (ABU-

¹Apesar de utilizar a ideia de “pós pandemia”, destaco que no dia 05 de maio de 2023 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), e não o fim da pandemia. O vírus que produz a COVID-19 não deixou de ser uma ameaça à saúde humana, e a sua propagação permanece sendo caracterizada como uma pandemia.

LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 10-11). Busco, através da Antropologia das Emoções, entender a construção dos significados emocionais destas experiências vivenciadas pelos jovens (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990) (LUTZ; WHITE, 2021) (REZENDE; COELHO, 2010); por meio da Antropologia da Saúde, apreender como estes significados emocionais contribuem para a percepção individual e coletiva do que é saúde e doença – em especial a doença mental (LE BRETON, 2013) (MALUF, 2020, 2021, 2022) (ALVES, 1994) (DUARTE, 1994); e a partir dos Estudos sobre Juventudes, a particularidade das concepções de tal experiência geracional do “ser jovem” (MARCON, 2018) (MARCON; NETO, 2021) (FEIXA; LECCARDI, 2010; FEIXA, 2021a; FEIXA, 2021b).

Diante das questões postas até aqui, apresento como **Objetivo Geral** desta pesquisa analisar em que medida o cenário de pandemia no Brasil, enquanto um contexto de convergência de crises, produziu e ainda produz os significados adotados para interpretar as experiências de sofrimento entre os diversos grupos de jovens. Os interlocutores da investigação são os jovens estudantes dos cursos de graduação do campus de São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que estavam matriculados na instituição durante o período das restrições sanitárias e a adesão ao ensino remoto ou híbrido provocados pela pandemia, entre os anos de 2020 e 2021, e que depois disto mantiveram-se ativos nos anos de 2022 e 2023, já sem as restrições sanitárias e o retorno das aulas presenciais. Além do objetivo central mencionado, destaco também os **Objetivos Específicos**, que foram: 1. observar quais foram as experiências emocionais vivenciadas entre esses jovens durante o período das restrições sanitárias; 2. correlacionar, sem perder de vista a perspectiva interseccional, os sentimentos observados às mudanças trazidas ao cotidiano dos jovens; 3. identificar quais discursos, situações e trocas contribuíram para a significação das suas experiências; 4. identificar as possíveis correlações entre o modo com que os interlocutores perceberam a saúde mental e a experiência de ser jovem na sociedade brasileira em meio a sobreposição das crises mencionadas.

Embora a pesquisa não tenha o intuito de produzir um estudo sobre a Universidade Federal de Sergipe em si, e sim sobre os jovens que dela fazem parte, destaco que as análises que aqui trago desenvolveram-se principalmente a partir das observações feitas com alunos desta instituição, e são, portanto, atravessadas por questões que podem ser próprias da realidade que envolve a UFS enquanto uma Instituição Federal situada na região Nordeste do Brasil (ANEXO 1). Estas análises surgem da pesquisa de campo realizada no primeiro ano após o retorno às aulas no formato presencial e dentro do campus São Cristóvão – o maior da

Universidade². Observo a UFS, portanto, como um espaço atravessado por relações, conflitos sociais e dinâmicas de poder que produzem e/ou reproduzem lógicas externas a ele; lógicas advindas do entorno social que transpassa as vidas daqueles que vivem parte de suas experiências de vida nesta universidade.

Em termos metodológicos, como estratégia de revisão de literatura, busquei trabalhos produzidos durante o período pandêmico que davam foco à saúde mental ou que direcionavam suas discussões às questões que envolvem as juventudes e as mudanças trazidas pelo ensino remoto nas escolas e universidades. Utilizei o Diário de Campo como forma de registro das minhas reflexões acerca destes assuntos, o que me foi de imensurável auxílio tanto na delimitação do tema e quanto na mobilização da literatura que dialogasse com as considerações registradas. O utilizei também como forma de guardar e revisitar os meus diálogos as interações com o meu orientador e com os meus colegas do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTS), o que fez com que o meu olhar aperfeiçoasse as observações acerca de determinadas questões. Percebi o uso do meu Diário de Campo como uma das formas reflexivas mais importantes para entender o que vi, ouvi e senti ao longo de toda a presente investigação, sobretudo em razão dos registros feitos durante a pesquisa empírica, que me possibilitaram a análise posterior de detalhes do campo que, ao estar em meio a ele, não tinham sido apreendidos antropologicamente. Destaco ainda que desenvolvi esta pesquisa dentro dos padrões éticos estabelecidos no Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga (ABA, 2012), sem prescindir os princípios de participação voluntária e o respeito ao anonimato dos participantes, sobretudo por se tratar de um estudo que se relaciona diretamente com a ideia e os significados de saúde física e mental.

Como a escolha metodológica da pesquisa depende diretamente do problema de pesquisa (RAMOS, 2016, p. 58), após os primeiros momentos da etapa de levantamento bibliográfico, percebi que o alcance dos objetivos desta investigação se daria a partir de uma perspectiva etnográfica, uma vez que esta apreende as dimensões que não são capturadas pela perspectiva restritivamente biomédica (MALUF, 2020, p. 131). Embora eu tenha utilizado durante o meu trabalho de campo algumas técnicas quantitativas de levantamento de dados – como a aplicação dos questionários e os cálculos percentuais das respostas obtidas –, esta investigação se revelou essencialmente qualitativa. Durante todos os momentos da pesquisa,

² No momento do trabalho de campo, de acordo com os dados fornecidos pela própria UFS, a instituição tinha o total de 23.187 alunos matriculados, sendo 18.419 destes como alunos do Campus São Cristóvão.

realizei anotações e reflexões sobre o entorno e o contexto em análise, sobre as sensações que em mim foram provocadas em razão do tema e do campo que o envolve, além de ter observado e refletido sobre como se deu a minha relação, enquanto pesquisadora, com os interlocutores da investigação. No questionário que utilizei (ANEXO 2), portanto, está o roteiro da pesquisa e sua essência está na análise das experiências que tive ao circular pela UFS, selecionar interlocutores, interagir com eles e observar o antes, o durante e o depois deste contato e da aplicação do questionário. Ao longo das escritas que aqui trago será evidenciado que não considero somente a tabulação dos questionários e os dados objetivos obtidos, mas também, e principalmente, os meus diálogos com os jovens, as reações deles ao responderem as perguntas, e as interações produzidas quando estavam acompanhados de outros jovens. A vida desta investigação reside nas diversas informações, interações, partilhas e significados apreendidos que pude ter acesso a partir do questionário. Este foi, portanto, um instrumento que utilizei para acessar o campo e chegar ao universo que eu pretendia delimitar nesta análise. Assim, metodologicamente, utilizo nesta pesquisa uma perspectiva etnográfica na qual o questionário aplicado foi um instrumento para aproximar-me dos jovens da graduação da UFS, acessar suas experiências e as questões sociais que fazem parte de suas vidas.

Para a elaboração do questionário (ANEXO 2), busquei formular questões direcionadas às experiências do jovem durante e após a pandemia. Subdividi as perguntas a partir de três perspectivas: o perfil social e econômico do jovem (questões 1 a 9); como foi a sua experiência do ensino remoto (questões 10, 10a, 10b, 10c, 11 e 11a); e como foi a sua experiência emocional da pandemia (questões 12 a 17a). Formulei as perguntas desta maneira inspirada em pesquisas desenvolvidas durante a pandemia que buscavam analisar o impacto do ensino remoto sobre os jovens (BELTRÁN; VILLARREAL, PAZ MEYER, 2022) (DOMINGUEZ; TORRES; ROSARIO, 2022) (FALAVIGNA; LUNA; CASTAGNO, 2022) (OLIVEIRA; SANTOS, 2021) e em bibliografias que discutiam sobre os métodos quantitativos nas Ciências Sociais (LIMA, 2016) (RAMOS, 2013).

Antes de ir a campo, fiz uma solicitação ao setor da UFS chamado de Divisão de Controle Acadêmico - DICAC, com o objetivo de obter alguns dados quantitativos para a pesquisa. Esta solicitação fora respondida pela Superintendência de Indicadores de Desempenho – SIDI, também da UFS. A partir destes dados e dos objetivos aqui apresentados, decidi fazer a pesquisa com base na quantificação dos alunos que estavam matriculados durante o ensino remoto. Isto porquê entendi que foi neste período que os alunos experimentaram algumas das mudanças que tento analisar nesta pesquisa, como, por exemplo, as experiências

emocionais decorrentes do ensino sob a modalidade remota e as tensões da vida cotidiana provocadas pelo isolamento social e pelas regras sanitárias. Por isto, os questionários foram aplicados tão somente com os jovens alunos que estavam na graduação durante o período de pandemia, isto é, durante o período em que a UFS estava sob a modalidade remota de ensino (entre os períodos letivos de 2020.1 e 2021.2). Desta forma, os alunos que ingressaram a partir do período letivo de 2022.1 não participaram do universo da pesquisa, uma vez que eles não vivenciaram a experiência do ensino remoto como discentes da UFS³. Fiz a aplicação deste questionário entre os dias 10/04/2023 e 28/04/2023, com o objetivo de coletar dados em todos os turnos (manhã, tarde e noite) de todos os dias letivos da semana (de segunda-feira a sexta-feira), como forma de buscar alcançar diversos perfis de alunos.

Apliquei o questionário com 450 pessoas da graduação, e considerei como válidos 434 destes. Este número, de acordo com os dados fornecidos pela própria instituição, representa 2,8% da quantidade total de jovens alunos do campus São Cristóvão da UFS que participaram das aulas durante o ensino remoto, e 2,77% da quantidade total de jovens alunos matriculados neste campus durante o período em que a coleta dos dados aqui presentes foi feita – o período 2022.2 da graduação⁴.

Em relação ao local do campus onde os graduandos foram abordados, escolhi o método de Ponto de Fluxo (DIAS, 2018), onde, de acordo com a dinâmica do campus, selecionei os locais em que alunos de diversos cursos costumam transitar. Embora a ideia deste método seja que o pesquisador fique “parado” em um ponto específico, percebi que apesar de determinados espaços serem os pontos fixos mais propícios a serem utilizados pelos discentes, a “fluidez” deveria se dar a partir de quem aplica as questões, uma vez que os alunos que estão em movimento tenderiam a permanecer em movimento, e, assim, recusariam parar para responder ao questionário. Optei então por eu mesma transitar entre os lugares de maior fluxo e abordar as pessoas que estivessem paradas, para que assim fosse possível que estas de fato respondessem ao questionário com a atenção necessária e até conversassem comigo sobre o assunto, caso demonstrassem interesse.

³ “Componentes curriculares serão ofertados somente na modalidade presencial a partir do período 2022.1”. Portal UFS. Disponível em: <<https://www.ufs.br/conteudo/69662-componentes-curriculares-serao-ofertados-somente-na-modalidade-presencial-a-partir-do-periodo-2022-1>>.

⁴ Os números percentuais apresentados neste trecho foram calculados a partir da quantidade de alunos matriculados na UFS que tinham idade entre 18 anos incompletos e 29 anos completos.

A tabulação dos dados observados com as respostas obtidas nas questões foi feita a partir do Programa Excel, no qual o que fora colocado pelos jovens pôde ser visualizado de maneira mais abrangente e ser calculado e observado com maior facilidade – como será visto a partir dos dados aqui apresentados ao longo do texto. Apesar de atualmente ser possível a utilização de questionários que podem ser respondidos de forma virtual, optei por aplicá-los de maneira presencial em razão da perspectiva etnográfica que pretendia adotar para a pesquisa. Assim, embora a forma virtual propicie a tabulação dos dados de forma mais rápida, ao fazer a aplicação dos questionários de forma presencial consegui observar o campo com maior riqueza de detalhes, e, ao dar “um rosto” para a pesquisadora, fez com que os alunos se sentissem mais confortáveis em eventualmente participar de entrevistas. A minha ideia, como fora dito, era a de observar o ambiente, a dinâmica, os alunos. Enfim, com a interação na forma presencial foi possível “sentir” o campo.

Além das perguntas objetivas presentes no questionário do Anexo 2, inclui um espaço ao fim das perguntas que diz “Caso deseje, use o espaço abaixo para expressar algo sobre sua experiência emocional durante a pandemia, sua experiência emocional depois dela, sobre a presente pesquisa e/ou algo a mais que gostaria de compartilhar!”. Este espaço foi bastante utilizado pelos jovens, e as narrativas que nele surgiram fizeram parte das minhas análises. Ao longo do texto elas serão mencionadas sem que haja a identificação de quem as escreveu. Destaco que, ao citar as narrativas escritas no questionário, faço a menção do perfil social dos jovens (identidade de gênero, identidade étnico-racial, idade e curso em que está matriculado) como forma de possibilitar uma observação interseccional (AKOTIRENE, 2020) dos atravessamentos sociais que criaram a experiência emocional apresentada.

Antes de aplicar os questionários, eu fazia a seguinte pergunta aos transeuntes: “Você/s é/são da graduação?”. Ao responder afirmativamente, para identificar se a pessoa experimentou as mudanças dentro da UFS durante a pandemia, perguntava: “Você/s já estava/m na UFS durante o período de aulas remotas?”. Quando esta última pergunta também era afirmativa, explicava brevemente sobre a pesquisa e perguntava se o(s) interlocutor(es) gostaria(m) de participar dela. Por fim, quando o questionário era devolvido, e percebia que a situação era propícia para tanto, perguntava se o interlocutor gostaria de participar de uma possível etapa de entrevistas também com o mesmo tema. Quando este dizia que sim, era disponibilizado um pequeno papel para que fosse possível colocar um e-mail de contato. Este contato era grampeado no questionário da pessoa a quem ele correspondia. Importante destacar, contudo,

que embora eu tenha conseguido mais de 60 e-mails de contato, a etapa de entrevistas não pôde ser de fato executada.

Diante do curto período de tempo que restava para a conclusão desta pesquisa quando da sua qualificação junto ao PPGA, aceitei sugestões do meu orientador e de colegas em fazer o que se assemelharia a uma Roda de Conversa (FIGUEIRÊDO; QUEIROZ, 2012), em que reuniria aproximadamente 10 jovens para, com base em um roteiro semiestruturado, conduzir um diálogo relacionado ao tema da pesquisa e obter informações mais profundas a partir das narrativas dos participantes. Contudo, quando fiz as tentativas de agendamento desse espaço com os jovens que disponibilizaram seus contatos, entre o final de setembro e início de outubro de 2023, obtive apenas cinco respostas. Entre estas respostas, apenas uma mulher e dois homens disseram que poderiam participar da Roda de Conversa, enquanto uma mulher e um homem indicaram que ainda não poderiam confirmar a participação. Acredito que a falta de êxito em conseguir mais respostas positivas tenha acontecido por três razões: durante o período em que enviei os e-mails os alunos da graduação estavam em processo de finalização do período letivo, o que geralmente os mantém ocupados com as avaliações finais; os meses que não tive contato com os participantes da pesquisa pode ter dissipado o interesse em participar das entrevistas; o contato via e-mail, diferentemente do contato face a face, gera menor proximidade, consequentemente, uma menor aceitação em participar. Por estes motivos e pelo curto espaço de tempo para realização de pesquisas prolongadas durante o mestrado, restringi a análise ao material empírico obtido com a aplicação do questionário.

Com base na proposta da pesquisa, busquei dividir a dissertação em três capítulos, em que apresento as minhas análises com base em minhas observações e nos dados obtidos a partir do campo, correlacionando-os à bibliografia acessada. No **primeiro capítulo**, cujo título é “Contextos e Confluências – Inserção da pesquisa em meio ao cenário brasileiro de crises”, tenho o intuito de apresentar o que caracterizou a pandemia no Brasil e como a presente pesquisa foi desenvolvida e pensada a partir desse contexto, sem esquecer de inserir a mim mesma como alguém que também vivenciou parte das experiências aqui narradas – o que certamente influencia direta ou indiretamente as conclusões que aqui trago. Busquei descrever a situação social e política que formou o cenário brasileiro da pandemia do COVID-19 a partir da ideia de que ele foi caracterizado, principalmente, por um aprofundamento da vulnerabilidade social e de individualização das experiências de sofrimento. Com isso procuro estabelecer a relação deste cenário com modo como as juventudes foram afetadas social e emocionalmente. Este capítulo subdivide-se em três subpartes: “Redescobrimento da UFS –

Minha inserção em campo”, na qual abordo sobre como passei a me perceber como parte da pesquisa; “Universo na Universidade – os jovens e a diversidade dentro da UFS”, em que faço a apresentação de como foram as minhas aproximações e observações em meio à diversidade social dos jovens estudantes da graduação da instituição; “Pandemia no Brasil – O Encontro de Crises”, na qual discorro sobre a crise sanitária dentro do contexto brasileiro de crises que, juntas, ensejaram o aprofundamento da vulnerabilização social e do empobrecimento no país, propiciando a evidenciação das experiências de sofrimento entre as juventudes.

Com o **segundo capítulo**, abordarei sobre as experiências dos jovens durante e após o período de crises no Brasil, como deixa evidente o título “Juventudes e a Pandemia no Brasil”. O subdividi nas seguintes partes: “Imposições de uma Nova Realidade”, na qual abordo as adaptações impostas e como os jovens passaram a se sentir diante da necessidade de mudanças em suas rotinas, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito acadêmico-profissional; “Geração Viral – Emoções e Significados Partilhados”, em que utilizo o conceito de Carles Feixa (2021a, 2021b) para compreender as partilhas feitas intrageracionalmente entre os jovens que experimentaram a pandemia, sobretudo quanto ao processo de significação de suas experiências emocionais; “Vulnerabilidade à flor-da-pele – o ser jovem no Brasil”, que, com base no que pude observar, faço a relação das narrativas sobre as experiências de sofrimento que obtive em campo com o contexto brasileiro de dupla crise, que foi o plano de fundo das experiências dos jovens brasileiros.

No **terceiro capítulo** e último capítulo, intitulado “Interpretações de sofrimento entre os jovens – relação da individualização com as causas das dores”, com base nas narrativas dos interlocutores, descrevo como a mudança nas dinâmicas sociais durante e após o período pandêmico evidenciaram o processo de responsabilização individual das experiências de sofrimento, mesmo quando a razão destas é eminentemente social. Busco demonstrar que parte da vulnerabilização emocional que a “Geração Viral” evidencia, longe de ter suas causas em uma fase da vida, é resultado de uma lógica neoliberal de responsabilização individual das experiências sociais de dor e sofrimento. A primeira parte deste capítulo, “Adoecimento entre os jovens – significados em comum”, traz como as partilhas feitas entre os jovens durante e depois da pandemia influenciaram a significação das experiências emocionais como parte de um adoecimento da mente. No segundo subcapítulo, que intitulei de “Narrativas de sofrimento e a ideia de culpa”, trago a autorresponsabilidade como um fator que foi bastante evidente nas narrativas observadas em campo, onde os jovens apontaram o sentimento de culpa atrelado a uma suposta improdutividade. Por fim, em “Ausência do Estado enquanto materialização da

individualização neoliberal”, o terceiro e último subcapítulo, apresento como a suposta ineficiência do Estado na comunicação e na garantia de políticas públicas para a juventude faz parte, na verdade, da eficiência da lógica de individualização – social e emocional – inerente ao pensamento neoliberal.

Por fim, nas considerações finais, procuro conectar e sintetizar as discussões levantadas em todos os capítulos de modo a demonstrar que os significados das experiências emocionais vivenciadas entre os jovens durante a pandemia e após a pandemia têm suas origens na vida social e nas partilhas feitas ao longo das crises aqui analisadas. As circunstâncias que marcaram as narrativas de adoecimento mental dos jovens, portanto, escapam das individualidades e dos acontecimentos que lhes são supostamente particulares. Elas encontram suas origens principais na falta de perspectiva de futuro que assombra as juventudes e nos sofrimentos sociais experimentados a partir da “negligência” do Estado brasileiro.

1. CONTEXTOS E CONFLUÊNCIAS – INSERÇÃO DA PESQUISA EM MEIO AO CENÁRIO BRASILEIRO DE CRISES

Ao pensar na pandemia, resgato na memória uma sensação de caos generalizado. O caos de não saber o que era a COVID-19 e perceber o ser humano enquanto ser biologicamente vulnerável; o caos das mudanças abruptas nas rotinas, que incorporaram procedimentos que exigiam readaptação – lavar constantemente as mãos, usar máscaras, isolar-se do convívio físico com as pessoas, entre outras coisas. Em meio a todos os transtornos do período, os sentimentos dos jovens tornaram-se um dos focos de preocupação, tanto coletivamente quanto no âmbito familiar. Tento lembrar o que ouvi acerca dos sentimentos da juventude durante a pandemia. Nesta tentativa, minhas recordações reconstroem conversas com pessoas próximas acerca da “situação dos jovens”. Os conteúdos que eram ditos ainda parecem próximos do experimentado na realidade, mesmo após a crise sanitária já ter supostamente chegado ao fim. A proximidade do agora com o que fora vivenciado na pandemia materializa-se nas consequências emocionais que continuam a ser narradas e vinculadas ao hoje pelos jovens. Por isto, durante a construção inicial desta pesquisa, perguntei-me quais as causas destes sentimentos.

Uma investigação como esta não se desenvolve a margem do contexto político, uma vez que a escrita surge a partir de um lugar, tanto de quem escreve como de onde se escreve (RESTREPO, 2018, p. 111). Localizo as minhas reflexões no cenário brasileiro da pandemia,

que foi o resultado do encontro da crise sanitária com um ambiente de insegurança política e social, iniciado antes da chegada deste advento no país. Os que supostamente administravam a situação da crise, tomavam medidas que aprofundavam cada vez mais os riscos à saúde, as vulnerabilidades sociais e, conseqüentemente, as vivências de sofrimento. Com este exercício de localização das emoções dos jovens neste contexto específico, busco compreender como a situação brasileira da pandemia ainda produz conseqüências nas experiências das juventudes no país, sem recair em determinismos que estigmatizam este grupo como inerentemente vulnerável. Entendo aqui que a vulnerabilidade emocional dos jovens, amplamente falada e discutida – em relatórios da World Health Organization, em trabalhos acadêmicos, na mídia de grande circulação, entre outros espaços ⁵ –, longe de ser algo intrínseco ao ser jovem, é um dos produtos de um cenário onde predominava um discurso de responsabilização individual das mazelas sociais e que apresentava uma baixa perspectiva de futuro entre as juventudes, principalmente as pertencentes às classes mais empobrecidas.

A partir da relação do jovem com o planejamento do futuro (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 200), observei que apesar das implicações do que foi vivenciado no Brasil não estarem restritas às experiências da juventude, estas conseqüências parecem mais evidentes entre os que pertencem a esta “fase da vida”, já que as possibilidades de pensar em futuros foram comprometidas pelas situações de crises no país. Assim, neste capítulo da dissertação, com base na pesquisa de campo, na literatura que dialoga com o assunto e na minha própria experiência enquanto jovem, busco entender como se deu a produção de sentimentos entre os jovens em meio a “desordem generalizada” vivenciada no Brasil. Isto tudo, certamente, sem esquecer dos aspectos sociais e políticos que influenciaram as experiências emocionais e o processo de maior vulnerabilização social das juventudes.

Neste capítulo busco relacionar esse contexto de desordem – que entendo como produto da organização social brasileira – com o vivenciado pelos jovens, para demonstrar que as vivências deste grupo não são problemas intrínsecos à juventude, mas sim resultado desse fluxo constante de vulnerabilização e empobrecimento imposto a maior parte da população, como no caso do Brasil. Começo com uma descrição do grupo de interlocutores que fizeram parte da fase empírica desta pesquisa, como forma de demonstrar, inicialmente, o universo diversificado de jovens que contribuíram para as reflexões aqui trazidas. Em seguida, trago aspectos que entendo como relevantes na contextualização da minha inserção no campo de análise enquanto

⁵ Como, por exemplo, WHO (2022), Sobrinho e Abramo (2022), Oliveira e Santos (2021) e Andriolo (2023).

pesquisadora e jovem. Posteriormente, trago reflexões sobre o que pude observar do contexto brasileiro da pandemia enquanto um cenário de confluência de crises, com base em minhas vivências e também nas vivências pontuadas por meus interlocutores. Ao fim do capítulo, apresento como este contexto impôs aos jovens uma maior vulnerabilização social, que, a partir da minha investigação, observo como a causa primária do aumento da vulnerabilização emocional e psíquica deste grupo.

1.1.Redescobrimto da UFS – Minha inserção em campo

Quando iniciei o mestrado, ainda não sabia ao certo qual o objeto que gostaria de analisar. O que eu sabia era que gostaria de trabalhar com um tema que envolvesse as juventudes. Não pensava em analisar a pandemia, tampouco os seus efeitos emocionais. Este tema parecia uma ferida que estava – e ainda está – em processo de cicatrização. A princípio, ao direcionar o meu olhar para a pandemia, pensei em investigar sobre as vivências das juventudes neste período de forma mais abrangente, e não necessariamente sobre as experiências emocionais. Com o tempo, passei a perceber que as emoções estiveram muito à flor da pele, e influenciaram diretamente “o que” e “como” os jovens experimentaram as crises no Brasil. Talvez por isso não quis pensar sobre este assunto, pois assim parecia que intimamente esse mergulho nas emoções terminariam por interromper o processo de cicatrização das minhas próprias feridas. Entendi, ao longo dessa jornada que este tema era quase inevitável. Diante dos eventos decorrentes da crise sanitária, os significados emocionais resultantes deste momento situacional marcaram toda a experiência geracional dos que são jovens no presente, e as emoções desse período, analisadas ou não, permaneceriam ali, à espreita, à espera de um momento para emergirem da obscuridade.

Ao identificar semelhança nas narrativas e nas experiências de outros jovens, a luz da antropologia, passei a perceber a mim como pertencente e afetada pelo contexto em questão. Nas análises dos meus diários pessoais, além dos diários de campo desta pesquisa, identifiquei semelhanças entre determinados sentimentos que foram evocados entre os meus interlocutores e os meus próprios sentimentos. Esse contato com as experiências emocionais de outros jovens foi uma ponte para chegar ao caminho de compreensão sobre minha própria experiência com a pandemia. O meu olhar, que era, até então, mais distanciado – talvez porque ainda queria manter ocultas de mim mesma as emoções vividas –, passou a perceber que o “Outro” também era o “Eu”. E nesse jogo do Eu e do Outro, penso que parte das reflexões que aqui apresento são formas de conscientizar a mim mesma de que o que sinto e senti não é descontextualizado, não foi vivido solitária e individualmente. Por estas razões, as observações feitas nesta investigação,

de certo modo, também são observações e interpretações que atravessam a minha própria vivência da pandemia, aspecto que só pude compreender de fato depois do meu mergulho nesse rio de emoções que foi o contato face a face com os interlocutores da pesquisa.

Na medida em que vi a mim mesma como afetada por aquilo que tenho buscado observar, passei a compreender que as barreiras do “o que falar” na investigação surgem, muitas vezes, por encontrar obstáculos para compreender os significados das minhas próprias emoções enquanto jovem que vivenciou a pandemia no Brasil. Falar sobre o que é do outro parece uma tarefa menos desafiadora do que descrever questões que também são nossas, principalmente a partir da perspectiva científica e pública. Depois do campo, entendi que minha dificuldade inicial em “aparar as arestas” da pesquisa surgiu dessa tentativa de examinar um contexto do qual eu faço parte; um contexto que segue contribuindo na produção dos significados dos quais me sirvo para entender minhas experiências. Parafraseando Érico Veríssimo, enquanto analisar uma situação da qual não faço parte seria como viajar em um avião em grande altura e ter uma visão geral do conjunto de uma grande floresta que está no solo, analisar um contexto que faz parte do que vivencio seria como buscar ter uma visão geral dessa mesma grande floresta enquanto estou a pisar no solo dela; seria como analisar essa floresta sendo uma das árvores⁶.

No começo do Mestrado, em 2022, ainda estávamos com as aulas de forma híbrida, o que significa que, apesar de ter ingressado na pós-graduação, também passei por algumas experiências semelhantes às narradas por meus interlocutores. O uso das máscaras nos corredores esvaziados da UFS nos demonstrava que ainda permanecíamos com o ar da pandemia – literalmente. A partir das minhas vivências durante o ensino remoto, bem como do uso de máscara para circular dentro do ambiente universitário, minha relação com o campus São Cristóvão, que me parecia tão íntima, foi transformada. Antes, minha conexão com este espaço era totalmente presencial e a seguir precisou adaptar-se ao modelo que exigia uma conexão diferente, que me parecia menos íntima, via internet. Hoje vejo que as emoções – nem sempre positivas – de estar no mestrado no PPGA/UFS, não advinham somente desta nova experiência, mas também dessa necessidade de readequação por meio de um distanciamento social dentro de um espaço com o qual já estava familiarizada⁷.

⁶ RUFFATO, Luiz. **Prefácio**. In: VERISSIMO, Érico. O tempo e o vento, parte III: O arquipélago, vols. I a III. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 8.

⁷ Falo dessa familiaridade por, além de ter cursado minha graduação nesse espaço, o conheci quando tinha 11 anos de idade, em 2007, quando entrei no Colégio de Aplicação, que faz parte da UFS.

Ao perceber a mim como uma das árvores da floresta, entendi que não há como tirar os pés do solo e entrar em uma aeronave, como se fosse possível alçar voo e me distanciar para as análises que aqui serão feitas. Compreendi que, embora aqui eu me posicione como pesquisadora, meus sentimentos e os significados atribuídos a eles também fazem parte da minha investigação. Eles não precisam ser deixados de lado para falar sobre os sentimentos dos outros, pois os meus e os dos outros foram e seguem sendo significados por circunstâncias semelhantes: a pandemia e o pós-pandemia. Em meio a compreensão de que eu também sou uma das árvores da floresta, defini quais os caminhos necessários para a investigação. Com efeito, as interpretações aqui feitas trazem também a minha própria subjetividade e as minhas vivências, já que todos esses pontos terminam por impactar nas análises. Com esta percepção, fui impulsionada pela tentativa e pela esperança de compreender, interpretar e partilhar as vivências emocionais de jovens universitários que, de certa forma, apreendem um “outro” do qual me sinto parte.

1.2. Universo na Universidade – os jovens e a diversidade dentro da UFS

A pesquisa de campo, como fora dito, foi desenvolvida nas dependências de um dos campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS), o campus de São Cristóvão, que é onde há uma maior concentração dos cursos oferecidos pela instituição. Durante minhas idas a campo busquei jovens interlocutores que estivessem matriculados em cursos de graduação, e aqui apresentarei o universo de perfis com que me deparei mediante o uso do questionário.

As diferenças entre os alunos e as alunas da UFS ficaram mais evidentes durante as minhas idas ao campo. Observar a UFS como pesquisadora foi muito interessante, pois diversos detalhes que não reparava emergiam em meio às múltiplas observações a serem feitas. Achei interessante – e até engraçadas – as distinções nas formas com que era recebida após as minhas aproximações. Enquanto os estudantes de Comunicação Social eram totalmente receptivos, risonhos e interagem muito, por exemplo, estudantes de física, astrofísica e matemática pareciam não saber bem como interagir comigo, uma estranha. Ao abordar grupos e pessoas sozinhas com variadas características, tanto físicas quanto interacionais, as imagens em preto e branco pareciam ganhar cor. Sob esse olhar mais vigilante, a UFS enquanto um espaço diversificado, parecia ganhar também novas dimensões. Sentia-me em um lugar de interconexões, onde pessoas de diferentes “mundos”, de áreas completamente distintas, ocupam os mesmos espaços e compõe o que se entende dessa Universidade.

Meu objetivo nessa exposição inicial é demonstrar a diversidade de perfis sociais dos jovens com que me deparei nesta investigação. Essa demonstração também é útil para dar base

às discussões que se seguirão ao longo do texto, uma vez que nessa diversidade reside tanto as diferentes experiências vivenciadas durante e após o período pandêmico, quanto as diferentes interpretações acerca dessas vivências. Neste sentido, embora minhas discussões abordem, principalmente, aspectos mais gerais da precariedade e das vulnerabilizações sociais impostas aos jovens brasileiros (MARCON, 2018), existem circunstâncias que não foram experimentadas por todos. Algumas das experiências que foram vivenciadas e que aqui serão expostas são reflexos das opressões que fundamentaram e fundamentam o Estado brasileiro. Trago essa diversidade a partir de uma perspectiva interseccional (GONZALEZ, 1988) (RIBEIRO, 2018) (AKOTIRENE, 2020) por entender a relevância de observar como algumas experiências foram atravessadas, além da vivência da juventude, por sofrimentos decorrentes das relações de gênero, raça e classe estabelecidas no país. Embora eu faça a apresentação dos perfis sociais dos interlocutores, o campo da minha análise estende-se além destes. As descrições trazidas não são exaustivas, e podem ser somente parte do que o campo de fato apresenta e representa.

Destaco que, apesar de estabelecer qual a representação amostral dos dados coletados, o meu interesse na pesquisa não é descrever os jovens numericamente, tampouco afixar as minhas análises aos dados quantitativos obtidos. Exponho estes números para que estes sejam utilizados futuramente, caso assim sejam considerados pertinentes. Reitero que esta é uma pesquisa que tem uma perspectiva etnográfica e, por isto, observo as variáveis obtidas pelo questionário e as repetições de padrões de respostas qualitativamente.

O aprendizado – ou a falta dele – a partir do modelo remoto de ensino foi um dos elementos centrais na experiência pandêmica dos graduandos. A partilha dessa experiência comum pode ser considerada como um dos “laços geracionais” que marcaram a compreensão do que foi a pandemia para essa geração de jovens (FEIXA; LECCARDI, 2010 p. 189-190). Diante do meu interesse em observar determinadas especificidades relacionados ao ensino a distância – como, por exemplo, as limitações decorrentes da necessidade de aparelhos eletrônicos –, os interlocutores da pesquisa foram os jovens alunos que estavam na graduação durante o período de pandemia, isto é, durante os períodos que a UFS funcionou sob o modelo de ensino a distância (entre os períodos letivos de 2020.1 e 2021.2). Esta escolha me permitiu direcionar algumas questões produzidas diretamente em razão das mudanças trazidas pela modalidade de ensino remoto. Por isto, não apliquei o questionário com os alunos que ingressaram na UFS a partir do período letivo de 2022.1 – período em que as aulas já tinham

retornado para a modalidade totalmente presencial⁸. Analisar a experiência do ensino remoto é indispensável uma vez que este modelo redefiniu as dinâmicas de ensino e aprendizado, o que implicou novos desafios. Os efeitos destas mudanças demarcaram a geração dos jovens universitários que conheceram a UFS a partir das telas ou que precisaram passar por uma readaptação do que conheciam sobre a vida universitária. As gerações podem ser consideradas como o resultado das partilhas feitas nos momentos de descontinuidades e processos históricos (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 189). Assim, observo a experiência remota da UFS como um dos elementos de partilha que a geração de jovens universitários se serviu – consciente ou inconscientemente –, para significar os modos como vivenciaram a pandemia.

Apesar de compreender que as gerações não são demarcadas a partir das datas de nascimento (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 189), para considerar a validade dos questionários utilizei como base o ano de nascimento da pessoa que o respondeu. Considerei válidos os 434 questionários dos nascidos entre os anos de 1993 e 2005, que naquele momento teriam idades entre 18 anos incompletos ou completos e 30 anos incompletos ou completos. Assim o fiz, pois, esta faixa etária é utilizada nacionalmente para a categorização de quem é jovem e quem não o é⁹ (entre 18 e 29 anos de idade), além de acreditar que esta escolha me permitiu uma maior abrangência da diversidade de alunos que fazem parte dessa instituição.

Utilizei o ano de nascimento também em razão da forma com que os dados da UFS são disponibilizados para consultas e análises. A instituição classifica seus alunos, em termos etários, a partir do ano em que estes nasceram, e não da idade que têm. Assim, de acordo com os dados fornecidos pelo SIDI, o número de 434 jovens alunos que responderam ao questionário representaria 2,8% da quantidade total de alunos do campus São Cristóvão da UFS que participaram das aulas durante o ensino remoto, e 2,77% da quantidade total de alunos matriculados neste campus durante a coleta dos dados aqui presentes – durante o período 2022.2 da graduação – e que nasceram entre os anos mencionados acima. Não há como saber exatamente quantos alunos que nasceram neste período de tempo estavam matriculados na UFS durante o período de ensino remoto, pois este tipo de dado não é mensurado pela instituição, e somente seriam possíveis se fossem contados individualmente na planilha que me foi fornecida – o que era inviável para esta pesquisa.

⁸ A UFS publicou oficialmente o retorno às aulas totalmente presenciais em 02 de junho de 2022.

⁹ Lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.

Acredito ser importante destacar o porquê de existir um número de questionários que terminei por não considerar nas análises que se seguirão. Durante a aplicação dos questionários em campo, achei importante não utilizar a pergunta sobre a idade como filtro de quem responderia às questões, pois senti que delimitar a idade de quem responderia poderia causar desconfortos e um certo reforço ao estigma de que a graduação é feita somente para pessoas jovens. Logo no primeiro dia em campo uma situação demonstrou que essa realmente era a melhor decisão. Ao aproximar-me de duas mulheres que estavam na Praça da Democracia (Figura 1), percebi que uma delas tinha a idade correspondente à faixa etária utilizada nesta pesquisa e a outra era um pouco mais velha. Quando as abordei, preferi não perguntar as idades, pois imaginei que isso poderia causar constrangimentos, o que já não vinha fazendo com outros estudantes¹⁰. Até então, aproximei-me de jovens com fisionomias que aparentavam não muito mais do que 20 anos, o que não me fez pensar em mencionar uma delimitação etária para solicitar a participação na pesquisa. Percebi que tomei a decisão certa ao não perguntar a idade quando esta mulher que mencionei – que tinha mais de 30 anos de idade – perguntou, em tom jocoso, se precisaria colocar a data de nascimento no questionário, pois já se considerava como “velha” e não mais uma jovem. Apesar desse uso da jocosidade, percebi que essa fala poderia carregar questões íntimas mais profundas. Também em tom de brincadeira, que imaginei ser uma tentativa de encorajamento, a outra mulher interveio e disse que ela era “jovenzinha sim”, e não tinha porque não responder qual a data de nascimento. Assim, diante dessa situação, e de outras que se seguiram, preferi não perguntar a idade nem dessa mulher e nem das outras pessoas durante meus pedidos de colaboração com a pesquisa, pois vi que isso evitaria constrangimentos e reforços aos estigmas dentro da universidade.

¹⁰ Recordo-me de, nesse momento, ter pensado no caso da mulher que fora ridicularizada por colegas universitárias nas redes sociais por ter 44 anos e estar na graduação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/baurumaria/noticia/2023/03/11/video-de-universitarias-de-sp-debochando-de-colega-por-ter-40-anos-viraliza-e-gera-indignacao.ghml>>.

Figura 1 - Praça da Democracia no Campus São Cristóvão/UFS



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Antes de aplicar o questionário, eu fazia a seguinte pergunta: “Você é da graduação?”. Quando a resposta era afirmativa, dizia: “Você já estava na UFS durante o período de aulas remotas?”. Quando esta também era respondida afirmativamente, perguntava se a pessoa gostaria de responder o questionário e explicava brevemente do que se trata a pesquisa. Poucas pessoas recusaram. As que o fizeram, em sua maioria, diziam apenas não querer ou que estavam com pressa. Contudo, como dito, a maioria aceitou, muitas vezes com certa empolgação. A maior parte das minhas aproximações com os interlocutores foram feitas com pessoas que estavam paradas em algum local, sobretudo algum local que as permitia responder as questões – como, por exemplo, que estivessem em mesas ou bancos (Figura 2). Apesar dessa dinâmica ter sido mais desgastante do ponto de vista físico, saía do campo com a sensação de que estava colhendo bons resultados. Vi que se eu ficasse inerte, em um ponto fixo, não conseguiria fazer com que pessoas se dispusessem a parar para responder ao questionário. Percebi que em vez de esperar que os estudantes passassem por mim em meio aos seus fluxos de movimento pelas dependências da UFS, eu que precisava percorrer os espaços do campus em busca de participantes. Fixar-me nos locais de fluxo me tornaria um ponto de interrupção ao movimento dos outros, o que poderia incidir em um maior número de recusas em participar da investigação. Acredito que obtive esse número de participantes também por me aproximar dos interlocutores de modo que os permitisse que ficassem onde estavam, em um local propício a recorrer rapidamente às canetas – que também carregava várias comigo – e a algum apoio para escrever.

Figura 2 - Principais locais de aplicação dos questionários



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Entre as questões que buscaram aferir qual o perfil social e econômico do jovem participante da pesquisa, uma delas (a pergunta 2) refere-se à identidade de gênero. Isto vai de encontro à forma como a UFS categoriza seus alunos, pois os dados que são colhidos e fornecidos pela instituição partem da perspectiva do sexo biológico, sendo os alunos categorizados como do sexo masculino ou feminino. Durante a aplicação de um questionário piloto que tive a oportunidade de fazer¹¹, coloquei uma pergunta referente ao tema sem preestabelecer alternativas, onde deixei um espaço em branco para que a pessoa escrevesse qual o gênero com que se identificava. Ao analisar as respostas, percebi que boa parte dos alunos ainda não estão familiarizados com este vocabulário, pois a maioria deles escrevia coisas como “homem hetero” ou “hetero” em resposta à pergunta. Assim, escolhi colocar três possibilidades de identidade: “Homem”; “Mulher”; “Não-Binário”. Não tenho o objetivo de investigar diretamente sobre as questões que envolvem a categoria gênero, mas considerei esta uma escolha importante para que nenhuma das pessoas que respondessem ao questionário se sentisse em uma situação de constrangimento, sobretudo aquelas que não se percebem a partir das categorias de sexo masculino ou feminino.

Assim, embora a investigação não seja sobre a Universidade, ela se dá dentro desta instituição, e, enquanto instituição, a UFS adapta-se às dinâmicas sociais e as absorve

¹¹ Pude aplicar o questionário piloto em uma turma da graduação durante o meu Estágio Docente, onde, assim como para esta pesquisa, tive o professor Frank Marcon como orientador.

(ALMEIDA, 2021, p. 42). A partir das dinâmicas que estabelecem “a natureza sexuada” para a classificação dos corpos, a instituição ainda segue compelindo seus estudantes ao constrangimento de serem classificados por uma perspectiva que nem sempre se identificam. “Todo discurso que estabelece as fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de troca apropriados, que definem o que constitui o corpo” (BUTLER, 2003b, p. 175). Percebi que esta escolha foi de fato pertinente quando observei que 6 dos alunos que responderam ao questionário marcaram “Não-Binário” na pergunta 2 (1,3% do total de participantes da pesquisa), e alguns dos que marcaram “Homem” ou “Mulher” acrescentaram que se percebiam como pessoas trans¹², o que mostra que estas pessoas seguem invisibilizadas pela instituição e merecem ter suas subjetividades respeitadas.

Dentro do universo de 434 alunos que responderam aos questionários e têm idade entre 18 anos incompletos e 30 anos completos, estão presentes estudantes de 63 áreas do conhecimento¹³. Quanto ao gênero, 194 identificaram-se enquanto Homens, 234 enquanto Mulheres e 6 enquanto Não-binários (Gráfico 1). Já quanto às identidades étnico-raciais,

¹² Como, por exemplo, uma mulher trans que marcou a alternativa “Mulher” e escreveu ao lado “trans”, além de uma outra jovem mulher trans que escreveu ao final do questionário que a pandemia trouxe a descoberta da sua identidade de gênero. Entendo como importante que essas identidades não sejam invisibilizadas, além de entender que não poderia compelir as pessoas que participaram da pesquisa ao constrangimento das classificações limitantes e cisnormativas.

¹³ Optei por fazer menção aqui às áreas do conhecimento, e não aos cursos. Isto porquê, de acordo com os dados fornecidos pelo SIDI, o Campus São Cristóvão oferece 88 cursos. Contudo, o número de 88 engloba algumas áreas que são subdivididas em turnos – como, por exemplo, Administração, que é fornecida em 3 turnos e, consequentemente, subdivide-se em 3 cursos. Como não questioneei qual o turno dos alunos, tampouco utilizei este parâmetro na tabulação dos dados, percebi que este número seria melhor apresentado como as áreas do conhecimento.

declararam-se da seguinte forma: 170 Brancos; 177 Pardos; 85 Pretos; 1 Indígena; 1 Amarelo (Gráfico 2).

Gráfico 1 - Identidade de Gênero (questão 2)

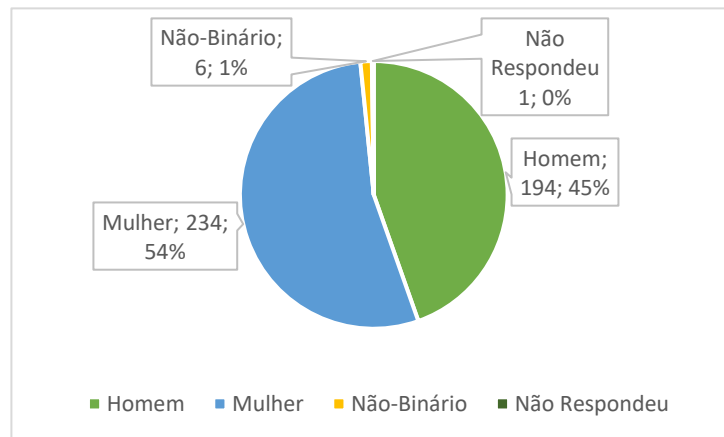
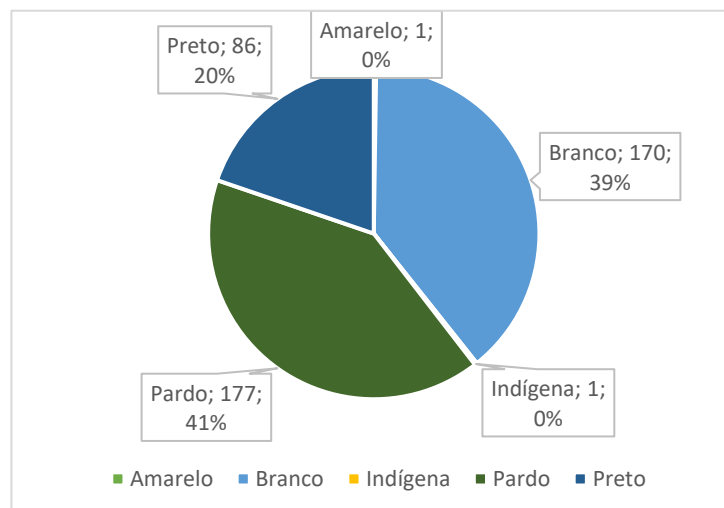


Gráfico 2 - Autodeclaração Racial (questão 3)



Dentro de uma perspectiva que parte de um olhar interseccional, compreendi ser importante observar se existiria algum tipo de relação das vivências dos interlocutores com eventuais atividades laborais, tanto no momento da criação do Questionário da Pesquisa quanto no momento de ir a campo. Os momentos em que apliquei os questionários à noite apresentaram uma maior dificuldade em encontrar estudantes dispostos a participar da pesquisa. Inicialmente pensei que essa dificuldade poderia ser uma impressão minha decorrente do meu cansaço, o que me fez tirar um dia para ir a campo somente a noite e ver se, estando livre de cansaços, via alguma diferença na forma com que era recepcionada pelos estudantes. Ao sentir a mesma dificuldade em conseguir participantes, pensei no perfil dos estudantes que frequentam a

universidade durante este turno. Boa parte deles trabalham durante o dia e deslocam-se até a universidade no período da noite, o que os faz chegar à universidade cansados de uma longa jornada de trabalho. Diante disto e de outros dados, pontuo aqui a importância de considerar que algumas experiências também foram e são marcadas pelas atividades relacionadas ao trabalho, o que me faz considerá-las como parte das minhas análises. Nesse sentido, a partir das respostas às perguntas que investigavam esse aspecto da vida dos jovens, apresento que 292 (67,3%) dos participantes responderam que não trabalharam durante a pandemia e 142 (32,7%) responderam que trabalharam (Gráfico 3). Destes que trabalharam, 89 o fizeram de forma presencial e 53 o fizeram remotamente (Gráfico 4).

**Gráfico 3 - Trabalhou X Não Trabalhou
(questão 6)**

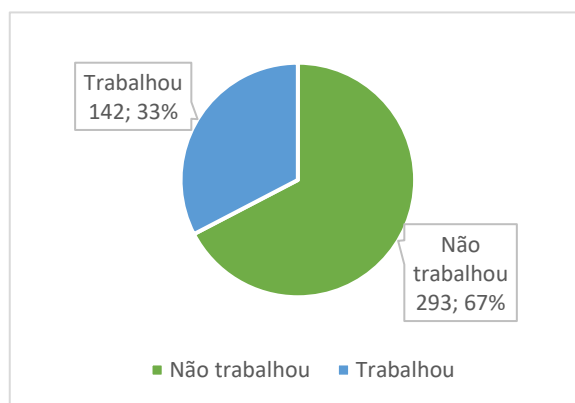
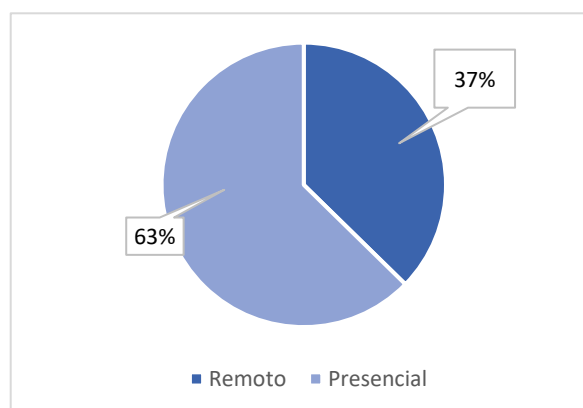


**Gráfico 4 - Trabalho Remoto X Trabalho Presencial
(questão 6a)**



Próximo ao fim do questionário, coloquei a seguinte pergunta: “Se pudesse descrever o período mais intenso da pandemia (os anos de 2020 e 2021) através de um sentimento, qual seria ele?”. Próxima a ela, deixei um espaço para que os jovens escrevessem o sentimento que

preponderou em suas experiências da pandemia. 407 dos interlocutores responderam a esta pergunta, e inseriram como resposta diversos tipos de sentimento. Além disto, posteriormente a ela, inseri uma subpergunta que buscava identificar se o sentimento escrito ainda era vivenciado pelo participante mesmo após a pandemia. As respostas e os resultados dessa parte do questionário aparecerão de forma interconectada com as discussões que se seguem.

1.3.Pandemia no Brasil – O Encontro de Crises

A partir dos questionamentos feitos em pesquisas antropológicas quanto às supostas “perturbações da adolescência”, pergunto-me sobre o estado psíquico e emocional de sofrimento que os jovens brasileiros têm enfrentado. Seriam estes sofrimentos decorrentes das vivências desta fase da vida ou do fato de serem jovens em um país como o Brasil? Se os jovens de hoje significam suas experiências emocionais como patológicas – o que não se via tanto anos atrás – as buscas por explicações exigem que o olhar se volte para o ambiente social e as diferenças que a sua atual configuração traz (MEAD, 2015, p. 31).

As emoções, para serem compreendidas do ponto de vista antropológico, exigem a localização de seus surgimentos no tempo e no espaço. A forma como os indivíduos significam suas experiências emocionais está relacionada aos processos sociais experimentados geracionalmente. Por ser um país que segue marcado pelo colonialismo, o Brasil tem seu povo constantemente vulnerabilizado socialmente e mantido com sentimentos “à flor da pele, como uma chaga viva” (FANON, 2022 [1961], p. 48).

Como dissera um dos interlocutores, ao falar sobre a pandemia, “no começo pareceu que seria passageiro, mas no decorrer do tempo foi ficando angustiante e a ansiedade tomou conta. Mas depois do período crítico foi amenizando, apesar de ainda ter a ‘ferida aberta’” (homem, pardo, 26 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023). Mesmo hoje, no século XXI, os jovens brasileiros ainda são atravessados pelas opressões que fundamentaram a formação do Estado brasileiro, o que não permite a cicatrização das feridas criadas e recriadas ao longo da história do Brasil. Olhar para os significados emocionais e percebê-los na realidade nacional de hoje é uma tentativa de chegar ao ponto em que se reconfiguram regularmente os danos psíquicos à mente da população, produzidos por meio das desigualdades e das vulnerabilidades impostas socialmente (FANON, 2022, p. 252-253). Assim sendo, mesmo antes da chegada da pandemia, os brasileiros já experimentavam a “hiper-afetividade” mencionada por Franz Fanon (2022), uma vez que as desigualdades sociais vivenciadas neste período de crises decorreram – e ainda decorrem – de um processo de continuidade da invisibilização e marginalização no país.

Antes da crise sanitária espalhar-se pelo mundo, o sentimento no Brasil já era de desamparo e de desesperança. As crises sociais e políticas, decorrentes principalmente da instabilidade no Poder Executivo do país, traziam a sensação de que os brasileiros, sobretudo os que mais precisavam da atuação do Estado, tornavam-se cada vez mais “os condenados da terra” (FANON, 2022). Assim, com base nas análises feitas sobre a situação social e política que formou o cenário brasileiro da pandemia da COVID-19, busco descrever e entender como a pandemia, dentro de um contexto de ascensão do pensamento e das políticas neoliberais, afetou os jovens emocionalmente, sem perder de vista que a crise sanitária atravessou o país em um contexto de aprofundamento das situações de vulnerabilidade social.

Observo a conjuntura brasileira da pandemia como uma confluência de duas crises: a crise sanitária, enfrentada por todo o globo, e a crise política e social, fruto das instabilidades nas instituições brasileiras e da ascensão da gestão neoliberal (KOURY, 2020). Esta dupla crise fez do país um espaço de aprofundamento da vulnerabilidade social, com o consequente aumento da suscetibilidade de danos, tanto à vida social quanto à saúde física e mental da população. Ao observar este cenário, há dois pontos que atravessam as minhas reflexões sobre as emoções dos jovens conectadas às crises: a ascensão dos pensamentos e das políticas neoliberais no Brasil, que se evidenciaram – mas não se iniciaram – durante esse período; as experiências de sofrimento entre as juventudes em razão da falta de perspectivas para o futuro. Estes dois pontos são centrais nas análises que aqui apresento, pois os vejo como interconectados ao cenário onde as emoções dos jovens passaram a ganhar determinados significados.

De acordo com Mauro Koury¹⁴ (2020), como o cenário brasileiro da pandemia apresentou a confluência de duas graves crises, a população brasileira enfrentou uma situação limite, onde o povo do país se deparou com a “face pública mais violenta de um governo através de ações continuadas de quebras da garantia de direitos institucionais sociais e culturais básicos, que ampliam a desigualdade social e destroem a já frágil cidadania do brasileiro” (p. 16). Apesar de neste cenário as situações de sofrimento psíquico ganharem evidência por apresentarem-se em grupos diversos da população, estas foram mais sensíveis entre aqueles que são

¹⁴ Importante colocar em nota que o mencionado autor faleceu no dia 29 de agosto de 2021, aos 71 anos, como uma das vítimas da COVID-19 (ou do então governo). Ele era professor do Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Universidade Federal da Paraíba UFPB) desde 1979 e atuava como professor integrante do Programa de Pós-graduação em Antropologia nesta instituição. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/ufpb-lamenta-com-profunda-tristeza-falecimento-do-professor-mauro-koury>>.

vulnerabilizados socialmente, sobretudo entre as classes que enfrentam constantemente a precarização e o empobrecimento (WHO, 2022).

“Seria essa confluência um acidente na história? Um efeito não previsto da agenda neoliberal?” (MALUF, 2022, p. 437). Ao considerar a falta de acaso nesse encontro entre as crises, acredito ser básico o entendimento da ideia de que há uma forte relação entre o crescimento das vulnerabilizações sociais dos brasileiros e os significados emocionais partilhados entre as juventudes quanto às vivências da pandemia e do pós-pandemia. Diferentemente da ideia de que a sociedade é feita por indivíduos isolados, em que cada um se encerra em sua subjetividade, entendo que as maneiras como as crises atingiram as pessoas também são resultados das interações em sociedade. O aprofundamento das desigualdades sociais e a ascensão de políticas neoliberais estiveram intimamente ligadas à construção das subjetividades dos jovens, e a forma como estas subjetividades foram afetadas pelas crises está relacionada ao grau de vulnerabilização social e empobrecimento ao qual boa parte dos jovens são submetidos.

Além do cotidiano ter ganhado novas formas de agir e interagir – com necessidades de ajustes na higiene e nas relações interpessoais, por exemplo –, para os mais vulnerabilizados socialmente, sobretudo os das classes mais empobrecidas, as crises no cenário nacional escancararam as suas situações de “deserdados sociais” (KOURY, 2020, p. 21). Recordo-me das matérias de jornais que denunciavam como parte da população que, diante da necessidade de maior higienização, não dispunha de água ou de produtos de limpeza, o que os impedia de higienizarem-se devidamente para evitar a contaminação pelo vírus da COVID-19¹⁵¹⁶. Ocorria também a falta de acesso às proteções básicas de segurança, como as máscaras, o que trazia o sentimento de desproteção somado à sensação de que o vírus estava em todos os lugares, apenas a espera de algum descuido¹⁷. Recordo-me também de como estas questões, sobretudo as que envolvem a falta de água para a higienização, eram um problema específico de determinados bairros e regiões. Eram as zonas periféricas que sofriam com o desabastecimento, não as zonas “abastadas” das cidades brasileiras. Além de tudo isto, também existia a falta de vagas nos

¹⁵ “Representante da Deso fala sobre desabastecimento de água em Aracaju”. SE TV. 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8701048/>> Acesso em: 21 jun. 2023.

¹⁶ “Ação voluntária para higienizar favela no Rio é interrompida por falta de água, dizem moradores”. G1 Rio de Janeiro. 9 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/09/acao-voluntaria-para-higienizar-favela-no-rio-e-interrompida-por-falta-de-agua-dizem-moradores.ghtml>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

¹⁷ “Profissionais da saúde de Aracaju cobram EPIs e testes para diagnosticar a Covid-19”. G1 Sergipe. 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/05/11/profissionais-da-saude-de-aracaju-cobram-epis-e-testes-para-diagnosticar-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

hospitais, o que fez com que não só o medo de ser infectado estivesse presente, mas também o pavor de se perceber contaminado pelo o vírus, ou com alguma outra enfermidade, e não ter acesso aos hospitais¹⁸. Nesse cenário, “o período da pandemia foi de angústia, medo de ficar doente e solidão (...)” (Mulher, Branca, 22 anos, estudante de Publicidade, 2023)”, emblemático para a história da humanidade como um “momento dramático, solitário e aterrorizante” (Homem, Pardo, 22 anos, estudante de Medicina Veterinária, 2023).

Apesar de o mundo ter vivenciado o receio da morte, de forma mais evidente, durante a crise sanitária. e ter enfrentado uma grande quebra da normalidade normativa do cotidiano (KOURY, 2020, p. 21), entendo que a pesquisa exige a diferenciação das experiências, que não foram homogêneas. A produção, durante e após esse período, de diferentes significados emocionais entre os grupos sociais aconteceu e acontece em razão do maior ou menor nível de vulnerabilidade a qual cada grupo já era, ou passou a ser, submetido.

Como disse Sílvia Almeida (2021), a vida cultural e política em que os brasileiros estão situados e formam os seus afetos é construída através das estruturas colonialistas que seguem servindo à dominação e vulnerabilização social (p. 64). Embora o meu intuito nesta dissertação seja demonstrar os resultados das minhas observações quanto ao contexto da pandemia e as suas consequências no processo de significação das emoções entre os jovens, entendo que o tema exige observar que o cenário da crise sanitária no Brasil não foi desenvolvido isoladamente. A pandemia, por si só, não foi a única responsável por 89,6%¹⁹ dos jovens interlocutores desta pesquisa terem buscado ou pensado em buscar atendimentos com psicólogos e/ou psiquiatras. O fato de ter sido cada vez mais comum perceber jovens e adolescentes buscando esse tipo de atendimento não é ocasionado por aspectos intrínsecos ao ser jovem, tampouco somente em razão da “quebra da normalidade” trazida pela COVID-19.

Um dia, ao caminhar com um familiar, comentávamos sobre a necessidade que este sentia de continuar o tratamento com seu psicólogo. Um adolescente que estava próximo, ao ouvir a conversa, disse: “agora tá todo mundo precisando de terapia mesmo, mas aí você vai ver o preço da consulta e precisa escolher se come ou se paga o psicólogo”. Embora tenha sido dita em tom de “brincadeira”, senti o peso desta afirmação e fiquei muda. Esse comentário em

¹⁸ “Pai e filha com Covid-19, que ficaram horas dentro de ambulâncias aguardando vagas em UTIs de Aracaju, morrem no interior de SE”. G1 Sergipe. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/06/01/pai-e-filha-com-covid-19-que-ficaram-horas-dentro-de-ambulancias-aguardando-vagas-em-utis-de-aracaju-morrem-no-interior-do-estado.ghtml>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

¹⁹ Porcentagem resultante das respostas obtidas com os itens presentes na questão 14 do questionário, equivalente à soma do número de jovens que indicaram que já se consultaram com profissionais da área da saúde mental ou, quando não o fizeram, afirmaram que já pensaram em fazê-lo.

tom de jocosidade permitiu a este jovem externalizar um assunto delicado, talvez por desejar dividir com alguém essa preocupação. Esse tom bem-humorado apareceu muito em campo, como poderá ser visto mais a frente. Uma jocosidade que preocupa, mas não diverte. Preocupação que parece individual, mas tem sido experimentada coletivamente entre os jovens, onde a partilha que alivia precisa ser realizada de forma ritualizada e autocontrolada, sem um tom demasiadamente sério (LE BRETON, 2013, p. 159). As palavras utilizadas por ele traziam a densidade do desamparo que ele sentia, que embora quisesse manter submerso na intimidade por meio do tom bem-humorado, não conseguia escondê-lo totalmente, e o emergia para a superfície da fala. Ao narrar isso, esse adolescente parecia querer mostrar que sentia uma necessidade que não podia ser atendida. Observo que muitos jovens e adolescentes atualmente deparam-se diante da urgente escolha – ou falta de escolha – entre atender às necessidades do corpo ou às necessidades da mente em busca da sobrevivência. Esta situação me trouxe algumas reflexões, sobretudo por que ela aconteceu de forma corriqueira, a partir da fala de um jovem negro que estava, assim como eu e meu familiar, em um bairro periférico de Aracaju.

Em um relatório sobre a saúde mental, o “*World mental health report: transforming mental health for all*”, a WHO (World Health Organization) apresenta que os países com elevados índices de desigualdades têm maior incidência de doenças mentais e uso de substâncias psicoativas em suas populações, sobretudo entre os grupos mais vulnerabilizados economicamente (WHO, 2022, p. 26). Ora, não por acaso, os países que apresentam um maior nível de desigualdade social são os países que foram colonizados e seguem sofrendo com as consequentes relações imperialistas com os supostos “países desenvolvidos”. Frantz Fanon (2022) ao falar sobre a colonização, disse que esta é uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos, e que existe uma dificuldade de cura do colonizado dentro de um meio social com as marcas do colonialismo (p. 251). Esse “mal-estar” de longa data entre os empobrecidos e marginalizados, que era alvo de uma busca permanente por ser ocultado, pensado como consequência de um problema pessoal e individual, transformou a pandemia na gota d’água, que faz derramar todo o sofrimento reprimido durante muito tempo (LE BRETON, 2013, p. 134).

Ao perceber a interconexão entre o cuidado, a justiça social e a vulnerabilidade, é visto que a maneira como o Estado faz a administração dessas áreas reflete em uma maior ou menor vulnerabilização de sua população. A vulnerabilidade social é a forma com que cada indivíduo experimenta estas estratégias políticas, a partir da proteção a qual se tem acesso ou não (RE, 2019, p. 319). Dentro desse contexto de crescimento do neoliberalismo no Brasil, a falta de

políticas relacionadas ao cuidado não denota um descuido do Estado brasileiro, e sim um dos reflexos de uma agenda política que não busca a mitigação das desigualdades, e as tem como pressuposto de operação para a manutenção estratégica das hierarquizações sociais. Em um cenário que compele as pessoas à escolha de “comer ou pagar terapia”, há um aprofundamento dessas hierarquizações, que se concretizam na medida que esta escolha é, na verdade, uma imposição a viver como se estivesse constantemente lutando pela sobrevivência (HAN, 2017).

Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de desorientadores. (...) Vê-se que o intermediário do poder usa uma linguagem de pura violência. O intermediário não alivia a opressão, não encobre a dominação. Ele as exhibe e manifesta com a consciência tranquila das forças de segurança. O intermediário leva a violência para dentro das casas e do cérebro do colonizado (FANON, 2022, p. 34).

Com a evidenciação da falta de compromisso político e social com o povo brasileiro, a presidência da República que estava no poder durante a pandemia construiu um discurso em que a responsabilidade das crises estava atribuída em exclusividade à pandemia global, na tentativa de ocultar da população a despreocupação com as consequências sociais de uma gestão neoliberal da crise sanitária. A pandemia não teve papel exclusivo na criação das desigualdades do país. Esta teve, na verdade, um caráter acentuador e evidenciador do que estava sendo ocultado e invisibilizado reiteradamente pelos representantes do Poder Executivo.

Destaco aqui que o presidente de então fora eleito em 2018 a partir de uma narrativa populista, cujo foco era deslegitimar as lutas dos movimentos sociais e reforçar preconceitos e estereótipos que fundamentam e embasam a estrutura brasileira de desigualdades sociais. Este reforço aos estigmas sociais serve à busca por fortalecer e concentrar o poder entre as elites econômicas, uma vez que esses estereótipos deslegitimam e desumanizam os grupos vulnerabilizados, além de naturalizar as desigualdades e exclusões dentro do processo de invisibilização e marginalização de determinados grupos, inclusive as juventudes. Esse reforço aos estigmas tinha o intuito de ocultar os impactos sociais de modelo neoliberal de gestão, aos moldes de um “capitalismo forçado à camuflagem e que ostenta hoje a máscara do neocolonialismo” (FANON, 2022, p. 151).

As políticas de austeridade e o encurtamento das redes de proteção social mergulham o mundo no permanente pesadelo do desamparo e da desesperança. (...) Sob as condições objetivas e subjetivas projetadas no horizonte neoliberal, o estado de exceção torna-se a forma política vigente” (ALMEIDA, 2021, p. 124).

Assim, entendo que a pandemia representou para o Brasil a evidenciação das desigualdades sociais preexistentes. Isto demonstra que a forma com que a crise sanitária foi experimentada e significada, individual e coletivamente, teve relação direta com as

vulnerabilidades as quais as pessoas estavam submetidas. A dimensão psicológica da vida das pessoas e os significados das emoções têm forte interconexão, e, diante desse aprofundamento da vulnerabilidade social, as emoções também são reveladas a partir das relações de poder existentes nos contextos em que surgem (REZENDE; COELHO, 2010). A vulnerabilidade e a situação de crises, unidas, podem não ter sido provedoras para os hospitais psiquiátricos, como dissera Fanon (2022, p. 251), pois estes não mais existem como outrora, contudo, a relação dessas circunstâncias gerou uma exposição ao dano psíquico maior entre os que já enfrentavam socialmente as dores da chaga viva de viver com as emoções à flor da pele (FANON, 2022, p. 48). A forma como as pessoas são marcadas emocional e psiquicamente, portanto, está relacionada ao contexto social em que vivem, o que mostra que não há como prescindir das feridas coloniais ao falar sobre a pandemia em um país marcado pela colonização. Estas feridas permanecem abertas e visíveis tanto socialmente quanto política e economicamente no Brasil. Perguntei a mim mesma, ao distanciar-me do adolescente que disse o que foi mencionado acima, se a fala inserida no diálogo viria de outra forma caso estivéssemos eu e meu familiar em outro bairro e caso o interlocutor que se inserisse no diálogo fosse branco e de uma outra faixa etária. Penso que tanto a inserção no diálogo quanto o peso emocional dessa interação seriam completamente diferentes. O desamparo dos jovens brasileiros veio a superfície na pandemia, mas o começo desse “mal-estar de longa data” tem início muito anterior. Além dos aspectos que envolvem toda a formação do Estado Brasileiro, enquanto resultado de uma brutal colonização, existem eventos recentes que, para a atual geração de jovens, apresentaram um impacto que não posso deixar de mencionar aqui.

O Sistema Único de Saúde – SUS é o meio pelo qual o povo brasileiro tem acesso à saúde. Sem ele, a pandemia no país teria sido ainda mais avassaladora. Esse sistema, no entanto, já sofria ameaças antes da eleição de Jair Bolsonaro. Em 2015, quando ainda tínhamos Dilma Rousseff na presidência do Brasil, o Ministério da Saúde foi alvo de negociações políticas. Marcelo Castro, considerado como conservador, assume este Ministério, e indica um médico conhecido por ser contrário à reforma psiquiátrica para a Coordenação Nacional de Saúde Mental. Dilma Rousseff exonera Marcelo Castro quatro dias antes de seu afastamento da presidência (MALUF, 2020, p. 194-195). Isso mostra que, em meio ao “jogo político” que culminou no afastamento de Dilma Rousseff em 2016, já existiam interesses que buscavam o domínio do Ministério da Saúde e intervenções no SUS, que ficaram ainda mais evidentes com a publicação, logo após o golpe, da Emenda Constitucional nº 95, aprovando o congelamento por 20 anos os gastos com educação e saúde (MALUF, 2021, p. 275).

Com o governo de Michel Temer, o desmonte das Redes de Atenção Psicossocial e de fortalecimento das Comunidades Terapêuticas aconteceu de forma acelerada, sobretudo com mudanças drásticas na política de recursos²⁰. No final de 2017, o governo federal emitiu uma resolução que descaracterizou a Rede de Atenção Psicossocial e modificou a política de drogas no país. A consolidação desse processo de desarticulação aconteceu em 2019, já com o governo Bolsonaro, quando aconteceu o desmonte do CONAD (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas) sob a velha justificativa de “guerra às drogas”. Todo esse processo atingiu diretamente o processo de Reforma Psiquiátrica no país, além de ter afetado a Política Nacional de Saúde Mental (MALUF, 2020, p. 194-195). Nesse sentido, quando aconteceu o início da pandemia da COVID-19, o Brasil já vinha experimentando anos de declínio e sucateamento das políticas sociais, inclusive no campo da saúde pública e nas políticas relacionadas à saúde mental (MALUF, 2022, p. 439).

Dentro desse contexto de ascensão do neoliberalismo na gestão do governo federal, como dissera Sônia Maluf (2022), reinou o princípio econômico da crise como oportunidade de negócios, onde os ricos aumentaram suas riquezas e as classes empobrecidas chegaram ao ponto da miserabilidade²¹ (p. 440). Esse aprofundamento das desigualdades sociais de forma geral, diante desse contexto de desmonte das políticas públicas e de busca de desarticulação das políticas públicas de saúde, foram o plano de fundo da vulnerabilização emocional dos jovens no país. A partir desse cenário é que se pode compreender como este grupo passou a experimentar o sentimento de impotência diante da necessidade de “escolha” entre comer ou fazer terapia – como mencionado acima.

Conforme o vírus causador da COVID-19 espalhava-se pelo planeta, as medidas de isolamento social ganhavam o caráter de indispensáveis para a diminuição do número de pessoas infectadas. Apesar disto, essa e outras medidas de segurança foram reiteradamente deslegitimadas no Brasil. O discurso negacionista do então presidente da República não surgiu somente como uma forma de negar a eficácia das medidas sanitárias que se faziam indispensáveis. Essa negação da gravidade do vírus se dava como meio de invisibilização do crescimento das desigualdades e da vulnerabilidade social no país (LIRA, 2021, p. 4). Esse negacionismo foi somente um desmembramento das tentativas de ocultar as iniquidades sociais

²⁰ Como, por exemplo, um maior direcionamento de recursos para Comunidades Terapêuticas administradas por comunidades religiosas e menor recurso para a Rede de Atenção Psicossocial (MALUF, 2020, p. 195).

²¹ Enquanto 42 milionários brasileiros aumentaram suas riquezas em 34 milhões de dólares só no período de março a julho de 2020), cerca de 600 mil micro e médias empresas fecharam. O Brasil chegou aos números de 13 milhões de desempregados e 40 milhões de trabalhadores informais (MALUF, 2022, p. 440)

brasileiras. Essas tentativas já estavam incutidas na forma de governar do então presidente, que, sem o devido decoro do cargo, pautava sua governabilidade em medidas que pressupunham a invisibilização das desigualdades ao passo que aprofundava ainda mais as suas raízes.

Estabelece-se assim um cenário de disputas de narrativas no Brasil, uma baseada na ciência e em suas tentativas de descobrir mais informações sobre a Covid-19 assim como de uma vacina contra ela, e a outra centrada em negar a força da pandemia e os seus efeitos catastróficos. É mantendo o tom bélico e polarizado que o presidente Jair Bolsonaro (2019-atual) e seus “soldados” vêm conseguindo sustentar uma vida política (LIRA, 2021, p. 4).

Esse negacionismo científico, para além de um discurso, é uma política de governo que busca o desmonte das políticas públicas direcionadas ao povo, em especial, as políticas públicas de saúde. Essa narrativa de negação da pandemia tinha como foco “salvar a economia”, que, com o apoio do grande empresariado, tornou as vidas – das pessoas das classes empobrecidas – elementos dispensáveis. A falta de acesso ao básico, inclusive ao oxigênio²², demonstrou a normalização da morte dentro desse modelo neoliberal, que a partir de uma dinâmica necropolítica de administrar as vidas, as formas de viver e morrer também são desiguais. Uma normalização que foi e ainda é fundamental para a manutenção do que se conhece como Brasil (MALUF, 2022, p. 441-442).

Muitos brasileiros adotaram as narrativas neoliberais do então presidente como verdadeiras, o que certamente contribuiu para que as pessoas acreditassem poder ignorar a existência do vírus. Dentro dos parâmetros estabelecidos nesse modelo de governo, as pessoas passaram a entender que tinham o direito individual de não usar máscara, de transitar livremente ou sair para as festas clandestinas, por exemplo, independentemente do direito coletivo de ter saúde (MALUF, 2022, p. 442).

Durante minha ida ao campo, enquanto aplicava os questionários a um determinado grupo de homens jovens, essa situação ficou bastante evidente. Eu estava em uma das lanchonetes que ficam dentro das dependências do campus São Cristóvão (Figura 3) e resolvi solicitar a participação dos jovens que ali estavam. Ao aproximar-me do grupo em questão fui bem recebida, disseram que gostariam de ajudar. Durante a minha espera, enquanto eles respondiam, outros rapazes aproximaram-se do grupo e perguntaram o que estava sendo feito ali. Antes que eu fizesse menção à pesquisa, um dos que estavam respondendo disse: “responda ai a pesquisa, pra ajudar”. Um dos recém-chegados questionou sobre o que era a pesquisa, e

²² “Para além de Manaus, pandemia provoca crise do oxigênio em três continentes”. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/29/para-alem-de-manaus-pandemia-provoca-crise-do-oxigenio-em-tres-continentes.ghtml>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

logo um deles disse que se tratava de uma pesquisa sobre o que tinham vivenciado durante a pandemia. Percebi que ali eu estava apenas na condição de quem assistia a dinâmica, porque não precisei dizer mais nada, e logo um diálogo entre eles começou. Enquanto estavam respondendo, um dos recém-chegados relatou aos outros que a pandemia foi o período em que ele mais tinha saído, além de ter sido o período em que ele mais tinha bebido – fazendo referência às bebidas alcoólicas. Um outro disse “rapaz... eu também. Nunca tinha saído tanto”, e começaram a falar brevemente sobre. Falaram sobre idas às festas – clandestinas – que aconteceram nas cidades do interior de Sergipe. Logo após afastar-me desse grupo, anotei tudo no diário de campo, para posteriormente refletir mais atentamente.

Figura 3 - Principais Lanchonetes do Campus



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Dias depois, nessa mesma lanchonete, enquanto eu aplicava os questionários com outros estudantes, vi e reconheci, sentados em uma mesa, parte desses estudantes que mencionei. Chamou a minha atenção quando um desses – o que primeiro alegou ter bebido e saído muito durante a pandemia – disse, enquanto falavam sobre uma possível taxação em jogos eletrônicos, “tá vendo aí, quem mandou você fazer o ‘L’?!²³”. Vale ressaltar que ouvi esta conversa sem estar muito próxima a eles, uma vez que somente percebi a presença deles – assim como boa parte dos presentes teria percebido – por conta do volume em que a conversa estava sendo feita.

²³ Frase geralmente utilizada por pessoa que se opõe ao governo atual, e/ou apoia o governo Bolsonaro, enquanto deseja fazer algum tipo de crítica ao presidente Lula. Ela surge em razão da expressão “Faz o ‘L’” utilizada durante a campanha de Lula para as eleições de 2022.

Depois de ouvir isso, enquanto esperava as respostas de jovens em outras mesas, pensei na conexão que existia entre a alegação de a pandemia ter sido o período em que mais saíram durante suas vidas – o que deslegitima as medidas de segurança impostas pelo período – com o discurso neoliberal da “autonomia”. Em nome desta é possível criar justificativas supostamente válidas para ir a festas clandestinas em meio à pandemia, pois estariam apenas exercendo os seus direitos de liberdade. Essa fala também demonstrou uma possível insatisfação com a derrota do ex-presidente. Ter observado isso foi muito importante para mostrar que mesmo entre estudantes da UFS, um ambiente eminentemente científico, existiram pessoas que adotaram essa narrativa negacionista para enfrentar e significar a pandemia.

O neoliberalismo não se trata somente de um modelo econômico de gestão. Ele é uma engenharia social que faz intervenções na forma como os conflitos sociais e a estrutura psíquica dos indivíduos são configurados e reconfigurados. O neoliberalismo faz uma intervenção social que atinge profundamente as dimensões produtoras de conflito. Para que a livre-iniciativa possa ganhar espaço, o Estado intervém de modo a despolitizar a sociedade para que a política não impeça a autonomia necessária para a ação econômica. Isso implica em questionar todas as situações e instituições que possam retirar essa noção de liberdade (SAFATLE, 2020, p. 25). Nesse sentido, essa engenharia social adotada pelo governo brasileiro desde 2016 também influenciou e influencia a maneira como os jovens vivenciaram a pandemia. Enquanto alguns adotaram o discurso de negação às medidas de segurança – como os dessa situação mencionada – outros passaram a vivenciar suas experiências como se fossem responsáveis por todo o sofrimento que lhes era imposto. A situação emocional dos jovens brasileiros, à luz desse cenário de ascensão neoliberal, também sofreu intervenções desse modelo de produção de conflitos. Quando jovens passam a questionar a situação da pandemia e resolvem não adotar as medidas de segurança, ou a naturalizar a maior ingestão de álcool – sem questionarem-se quanto as razões sociais desse aumento –, entendo que isso também é um reflexo da forma como os governos pautados no neoliberalismo influenciaram a produção dos significados emocionais desse momento.

Ao chegar ao Brasil a crise sanitária causada pela pandemia COVID-19 foi somada a um contexto de crise social e política anterior, o que densificou o “espaço de vulnerabilidade” criado no país durante os anos anteriores à chegada desse vírus (FEITO, 2007). Lydia Feito (2007) menciona a ideia de “espaços de vulnerabilidade”, e os descreve como espaços em que há a confluência de potenciais ameaças que tornam o ambiente em que surge danoso/deletério, embora não seja um espaço prejudicial em si mesmo, e sim prejudicial para determinados

grupos sociais. O que pude observar nesta pesquisa demonstra que o fato de os jovens se perceberem hoje com a necessidade de escolher entre sobreviver ou cuidar de suas emoções e de suas mentes não decorre tão somente do período pandêmico, tampouco de uma vivência natural da juventude. Essa suposta “escolha” tem se mostrado como decorrente, na verdade, da conjugação das crises mencionadas e da criação desse “espaço de vulnerabilidade”. Esse ambiente, na verdade, trouxe à luz os modos desiguais de viver e morrer dentro do Estado e da sociedade no país (MALUF, 2022, p. 445).

Diante dessas circunstâncias, como disse Sônia Maluf (2022), se em alguns países falava-se das ondas da pandemia, no Brasil tínhamos que falar de um devastador e ininterrupto tsunami (p. 448). Embora todos tenham sido confrontados com a quebra da normalidade diante da COVID-19, é inegável que existiram duas maneiras de enfrentar esse problema, uma para os ricos e outra para as classes empobrecidas. Enquanto os primeiros tinham planos de saúde e leitos disponíveis nos hospitais privados, estes últimos eram obrigados a entrar em ônibus super lotados para conseguirem sobreviver ao momento. Como mencionou um jovem interlocutor da pesquisa, que disse: “Na pandemia trabalhei mais que tudo nessa vida. Por isso peguei COVID 4 vezes” (Homem, Pardo, 25 anos, estudante de Cinema, 2023). Para os negacionistas, incorporando em suas falas essa perspectiva necropolítica, expor as classes empobrecidas ao sacrifício era necessário, afinal, era preciso manter a economia em movimento e os seus bolsos cheios. Não há, portanto, como considerar a situação vivenciada no país como uma confluência fruto do acaso. Tratou-se, na verdade, de um efeito previsto na agenda neoliberal, e a naturalização do quadro social que foi vivenciado é o reflexo do que tem sido construído historicamente neste país (MALUF, 2022, p. 442-443).

Durante a aplicação dos questionários da pesquisa, percebi uma predominância de sentimentos moldados por uma ausência de esperança no porvir, que impõe aos jovens – mesmo quando dentro dos cursos de graduação de uma universidade como a UFS –, dificuldades em vislumbrar ou sonhar com o amanhã. “A pandemia deu um estado de impotência, mostrou a falta de um futuro e por isso desesperador. Mas também, após o isolamento, mostrou que muita coisa não muda na humanidade. Somos difíceis de desistir!” (homem, branco, 27 anos, estudante de Filosofia, 2023) (grifo nosso).

As narrativas observadas – tanto em campo quanto nos questionários – indicam medo e apatia com relação ao porvir. Além de “ansiedade” por um distanciamento do alcance dos objetivos, mostram que o olhar para o que tem sido sentido e experimentado têm íntima relação com a falta de perspectiva de futuro e a vulnerabilização social impostas às vivências

atravessadas por opressões estruturais. Em meio à ascensão neoliberal e às sucessivas tentativas de ocultar as iniquidades sociais brasileiras, o discurso dominante de individualização dos sofrimentos criou entre os jovens brasileiros sentimentos que os fazem, até hoje, observarem-se como os únicos responsáveis pelos sucessos e, sobretudo, pelos insucessos na busca pelo que desejam. Todo esse contexto pode não explicar tudo, mas explica muito dos paradigmas adotados pelos jovens para significar suas experiências de sofrimento.

2. JUVENTUDES E A PANDEMIA NO BRASIL

Um dia, em meio as escritas iniciais desta dissertação, enquanto estava sentada a frente do computador, coloquei meu fone de ouvido e comecei a ouvir algumas músicas antes de iniciar a escrita. Acabei chegando à música *As It Was*, do Harry Styles. Neste momento, enquanto escutava esta música pela milésima vez, notei algo diferente, que acredito só ter observado por estar neste momento pré-escrita. Percebi que a alegria do ritmo não refletia a tristeza da letra, principalmente depois de dar maior atenção ao trecho *"What kind of pills are you on?"*. Ouvindo este trecho, comecei a observar a letra a partir do tema da pesquisa. Notei que os assuntos que envolvem a saúde mental e, mais especificamente, o uso de pílulas/psicotrópicos, já vinham tomando espaço há um tempo. Antes, contudo, observava estes temas de forma mais passiva, assimilando aquilo que me era apresentado, sem profundas reflexões. Percebi que diversas outras músicas²⁴, que, assim como esta, fizeram muito sucesso recentemente, abordam o tema de saúde mental e uso de psicoativos.

Um outro trecho da música também ficou mais evidente neste momento: *"In this world it's just us. You know it's not the same as it was"*. Fiquei pensando o porquê de o cantor ter escrito isso – ou seja lá quem compôs a música. O sentimento de solidão e impotência, em alguma medida, foi sentido por todos. *"In this world it's just us"*. E nós, de forma geral, sabemos que não é mais como era antes. *"You know it's not the same as it was"*. Mesmo que a música não fale sobre o tema desta pesquisa diretamente, acabei por estabelecer estas relações, sobretudo por perceber que o lançamento da música ocorreu em 2022, ainda em meio a pandemia, para um público preponderantemente jovem – que é uma das características dos fãs desse cantor. *"What kind of pills are you on?"* parece menos esquisito de perguntar para um jovem hoje – ou de ouvir um jovem fazer esta pergunta – do que era antes da pandemia, e isto é porque todos nós sabemos que *"it's not the same as it was"*.

²⁴ Como a música 911 de Lady Gaga, que foi lançada em 2020, nos meses iniciais da pandemia.

Tenho ouvido adolescentes e jovens listarem rotineiramente as diversas causas psíquicas dos seus sofrimentos. Dizem que estes surgem por conta da “ansiedade” e da “depressão”, mesmo que, por vezes, não saibam exatamente qual o significado disso para o discurso médico. Embora estas falas sejam importantes, e por vezes as pessoas de fato tenham o diagnóstico indicador da enfermidade, faço aqui algumas diferenciações. Como a pesquisa é sobre as emoções, diante de um cenário de maior adoção do vocabulário da psicologia e da psiquiatria, percebi a necessidade de aguçar a minha escuta de modo a não interpretar as falas/escritas como se as pessoas necessariamente estivessem enfermas, sobretudo para não reforçar os estigmas geracionais acentuados durante a pandemia (FEIXA, 2021b, 66-67).

Assim como o significado das emoções é variável, de acordo com a percepção de cada grupo social e das circunstâncias em que são manifestadas (REZENDE; COELHO, 2010), a percepção de doença que envolve a manifestação dos sentimentos também o é. Diante do risco de recair em naturalizações, que pode levar à reafirmação dos estigmas que classificam os jovens como mais “instáveis emocionalmente”, opto por tratar aqui – ao menos precipuamente – das emoções em si e de suas relações com os fatores sociais. Procuro discutir sobre como os jovens da “geração viral” (FEIXA, 2021a; 2021b) têm narrado e significado suas experiências emocionais.

Feixa (2021a; 2021b) traz a ideia de Geração Viral por perceber que a circulação acelerada do vírus afetou a expansão da pandemia, e, conseqüentemente, aprofundou rapidamente a imersão dos jovens no mundo digital. Estes passaram a compartilhar determinados significados vinculados ao discurso médico-psiquiátrico, o que têm os feito apreender a ideia de saúde por uma dimensão psíquica e individual. Ao perceber que *"What kind of pills are you on?"* passou a causar menos estranhamento entre os jovens depois da pandemia, entendi que os meus interlocutores – que têm suas narrativas analisadas aqui – tiveram suas experiências marcadas pelos significados emocionais e de saúde que foram partilhados socialmente durante a pandemia; tiveram suas experiências emocionais significadas pelo contexto pandêmico e por esse compartilhamento de conceitos vinculados à ideia de saúde mental individual (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 189-191).

Diante do compartilhamento de significados entre os integrantes dessa chamada Geração Viral, trago aqui análises das narrativas sobre as emoções destes jovens para questionar a vinculação que tem sido feita entre as vivências sociais das juventudes e os processos de adoecimento psíquico – como muitos apresentaram em suas respostas ou em nossas conversas. Ressalto que meu intuito não está em retirar a importância de observar a saúde mental como

um aspecto relevante para o que se entende por saúde integral, mas sim pontuar, a partir das minhas observações, que ligar as emoções às enfermidades da mente, sem observar suas relações com os fatores sociais que as produzem e significam, pode induzir a uma naturalização da vulnerabilização e da “instabilidade” dos jovens. Procuro observar a origem dessa ideia de maior adoecimento das juventudes (WHO, 2022) a partir da conjuntura que lhes dá forma, das imposições as quais os jovens estão submetidos e dos significados que este grupo adotou para suas experiências de sofrimento.

2.1. Imposições de uma Nova Realidade

A pandemia do COVID-19 impôs muitas readaptações, tanto em seu início quanto em seu fim. Foi preciso adaptar-se às novas formas de socializar, às novas técnicas para lidar com o corpo – com uma maior atenção à higiene pessoal, por exemplo –, às novas maneiras e espaços de vivência das rotinas. As imposições trazidas por este momento de crises trouxeram dificuldades diferentes para os grupos sociais. Entre os jovens, embora parte os desafios tenham sido parte de uma experiência comum, algumas circunstâncias atenuavam ou acentuavam os obstáculos trazidos por essa nova realidade. Um dos participantes da pesquisa escreveu: “A pandemia além de distanciar das pessoas que a gente gosta, causou uma distância da rotina e do curso da graduação. Todos esses fatores contribuíram para um abalo emocional” (Homem, Branco, 23 anos, estudante de Farmácia, 2023). Diante disso, entendi ser importante analisar os fatores que geraram essa quebra nas rotinas para melhor compreender o que proporcionou o “abalo emocional” dos jovens da Geração Viral (FEIXA, 2021a, 2021b)

No início da pandemia, acreditava-se que as mudanças necessárias eram provisórias, como se fossem somente reajustes de curto prazo. Acreditávamos que em poucos dias tudo voltaria à normalidade. As aulas foram suspensas, tanto nas escolas quanto nas universidades, e pensávamos que essas suspensões durariam poucos dias. Isso não aconteceu. Conforme o tempo passava, e conforme o número de mortes decorrentes do vírus aumentava sem que houvesse a descoberta da vacina, percebíamos que as mudanças não tinham um limite temporal definido. A realidade da pandemia ganhou proporções que não mais sabíamos o que esperar. Ficamos completamente desorientados. O que se esperava que durasse poucos dias, passou a ser visto, e sentido, como algo que poderia não mais ter fim. O fim da humanidade parecia ter chegado e sentíamos como se estivéssemos em uma distopia onde o final da história era imprevisível. “O período da pandemia me parecia sem fim, os dias se repetiam, não sair de casa aumentaram minha ansiedade” (Mulher, Preta, 21 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023).

Além de todos os outros problemas que a situação gerou, nos foi imposta uma necessidade de mudança brusca, e as rotinas, as quais nem sabíamos que estávamos tão intimamente vinculados, precisaram ser reestruturadas. Diante da quebra da rotina, de não mais ser possível vivenciar a experiência de interação como antes, houve uma mudança nas regras do “jogo situacional”. Koury (2018), ao explicar sobre a ideia goffmaniana de situação, diz que os significados experimentados em uma situação são definidos a partir de cenários que delimitam e envolvem os atores sociais imersos nesta situação (p. 28). Como o momento da pandemia parecia não ter limites, nem temporais nem espaciais, nós, os atores sociais da situação, nos percebemos dentro de um novo cenário com novas regras, mas sem saber como aplicar essas regras e nem como jogar o jogo situacional. Sabíamos apenas as regras do antes, e como estas não se aplicavam ao novo contexto, fomos compelidos a nos adaptar às novas situações que surgiram após a chegada do vírus. Algumas respostas ao questionário (ANEXO 2) trazem pontos significativos para analisar como as mudanças de rotina afetaram os jovens durante a pandemia, sobretudo em razão da necessidade de adaptação ao ensino remoto. Uma jovem disse “Durante a pandemia foi possível observar o quão dependente emocionalmente das situações que me cerca sou. Posteriormente, e com conversas em grupo, pude observar que esse sentimento é comum aos meus grupos (Mulher, Parda, 22 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023).

Essa “dependência” se dá pela adaptação ao que estabelecemos enquanto rotina. Diante da interrupção desta, que já nos era familiar, surge uma necessidade de readaptação, de sairmos do conforto que a familiaridade criou. A dependência do antes passa a ser percebida quando, diante de uma inevitável necessidade de mudança de hábitos, experimentamos o desconforto do reajustamento ao novo. Essa impressão de ser “dependente emocionalmente” vincula-se ao hábito que se tinha com determinados cenários, que, ao terem seus limites alterados, trazem insegurança sobre o que significa o jogo situacional. O que se compreende por situação é a convergência entre um espaço e uma temporalidade. A partir dessa convergência é possibilitada a interação dos personagens em cena. Como a pandemia trouxe mudanças a essa “cena”, não sabíamos em qual situação as interações aconteceriam (KOURY, 2018, p. 28). Para os jovens, essa mudança de cenário, ao trazer interferências no planejamento do futuro – exigência existencial importante entre os jovens da nossa sociedade –, trouxe insegurança diante deste jogo situacional (FEIXA; LECCARDI, p. 200).

Feixa e Leccardi (2010) dizem que uma das características da geração jovem é a relação que seus integrantes têm com o planejamento do futuro (p. 200). Estes jovens, ao perceberem-

se diante de uma situação como a pandemia, com instabilidades e incertezas, vivenciaram emocionalmente as “ansiedades” por não saberem o que esperar para o futuro que precisavam planejar. Alguns jovens mencionaram isso em suas respostas ao questionário: “A pandemia obrigou a lidar com a família e com pensamentos sobre mim e sobre meu futuro que alimentou mais a ansiedade e traumas passados” (Mulher, Parda, 23 anos, estudante de Eng. De Petróleo, 2023); “A ansiedade se apresentaria principalmente em relação a duvidas e incerteza sobre futuro e graduação” (Homem, Pardo, 22 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023); “Um dos pontos que contribuiu para as sensações geradas nesse período era a incerteza das atitudes que viriam à posteriori, o que contribuiu com o sentimento de ansiedade” (Homem, Preto, 29 anos, estudante de Farmácia, 2023). As pessoas de modo geral não sabiam o que estava por vir, mas para os jovens essa incerteza implicava em não saber também o que fazer no “agora”, já que o processo de construção de futuro, que é significado como indispensável para a juventude, foi interrompido. Em uma conjuntura como a do Brasil, essa sensação de instabilidade foi agravada com a confluência das crises sociais e políticas com a crise sanitária. Entendo também que as tentativas de sucateamento das universidades, enquanto instituições públicas federais, também podem ter contribuído para essas narrativas observadas, uma vez que a UFS também sofreu intervenções políticas diretas e indiretas²⁵ que podem ter contribuído com essa sensação de instabilidade entre os estudantes. O jovem aqui inserido, que cobrava de si mesmo e era cobrado por uma suposta necessidade esquematização do que “faria com a vida”, não conseguia atender às expectativas externas e internas dessa exigência social de planejamento de futuro.

Embora as emoções manifestem-se a partir do corpo humano dos indivíduos, as suas origens encontram-se no corpo social coletivamente construído. A apreensão dos seus significados exige o reconhecimento das razões sociais que lhes dão forma (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 13). A partir dos relatos que obtive dentro e fora do trabalho de campo, percebi que as emoções experimentadas pelos jovens, tanto durante quanto após o período de confluência de crises no Brasil, além de originarem-se das imposições trazidas por novas rotinas e incertezas próprias do período, têm uma íntima relação com a frustração das expectativas. Diante de uma necessidade da produtividade e uma ausência de perspectiva de futuro, quando os objetivos não foram alcançados durante e após as crises, os jovens perceberam-se frustrados.

²⁵ Destaque para a redução das verbas repassadas para as universidades públicas, a ascensão de posicionamentos ideológicos de extrema direita entre o corpo universitário e as mudanças na gestão da instituição com um processo eleitoral que desrespeitou o vencedor da lista tríplice.

Esta frustração, que tem se mostrado maior entre os socialmente vulnerabilizados, surge como uma das consequências de uma distribuição desigual de poder entre os grupos sociais.

Além da quebra da rotina, foi imposta a muitos jovens a necessidade de passar pelo processo de adaptação ao ensino remoto. Acostumados a lidar com o ensino presencial, viram a experiência do ensino remoto como mais uma barreira dentro do processo de aprendizagem. O aprender, até então associado ao modelo presencial, passou a ser mais difícil e limitado. Somado a isso, houve também a mudança na forma com que as trocas interpessoais aconteciam durante a aprendizagem, já que antes era possível conversar com os colegas e professores pessoalmente. Como dissera um dos interlocutores, “a maior dificuldade foi assistir as aulas sozinho em casa, visto que eu adoro a sala de aula, e foi bem difícil no início das aulas remotas” (Homem, Pardo, 27 anos, estudante Ciências Biológicas, 2023). Antes, as dúvidas, os comunicados, as informações poderiam ser descobertos e resolvidos com o contato face a face, sem intermédio de plataformas online. “A pandemia desencadeou diversas mudanças de rotina e pertencimento, descolando de turmas e engajamentos das experiências acadêmicas, além de diversas outras questões” (Homem, Pardo, 24 anos, estudante de Engenharia Civil, 2023) (grifo nosso). Uma outra participantes da pesquisa escreveu:

Acredito que o período acadêmico tenha distanciado os alunos. Em parte, esse processo de isolamento acadêmico intensificou minha ansiedade quanto à [ilegível] e aprendizagem em decorrência da ausência de um vínculo presencial fundamental, o processo de partilha entre os que experienciam questões semelhantes (Mulher, Parda, 22 anos, estudante de Direito, 2023) (grifo nosso).

As trocas necessárias para as relações interpessoais, tanto entre os jovens quanto na relação entre alunos e professores, que antes eram feitas em ambientes de convivência presencial – como a própria universidade –, passaram a ser feitas em ambiente virtual. Se por um lado a quebra desse “vínculo presencial fundamental” exigia uma adaptação ao ambiente virtual, por outro muitos jovens vulnerabilizados socialmente não tinham nem mesmo o acesso aos recursos tecnológicos necessários para que se mantivessem conectados aos estudos.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Atlas da Juventude (2022), de título “Juventudes e a Pandemia: E Agora?”²⁶, apresentou que a nível nacional: entre os jovens que foram entrevistados e que disseram não estar estudando, 6 a cada 10 interromperam os estudos durante

²⁶ Essa pesquisa foi coordenada pelo Atlas da Juventude, correalizada pelo CONJUVE e com cooperação da UNESCO, além de outros órgãos e instituições. Ela feita por 13 jovens brasileiros de diferentes realidades e de todas as regiões do Brasil. Foram aplicados questionários para mais de 16 mil jovens, com idade entre 15 e 29 anos, de todos os estados brasileiros. Os questionários foram respondidos entre os dias 18 de julho a 21 de agosto de 2022, e tinham perguntas sobre diversas áreas, incluindo política, saúde e educação.

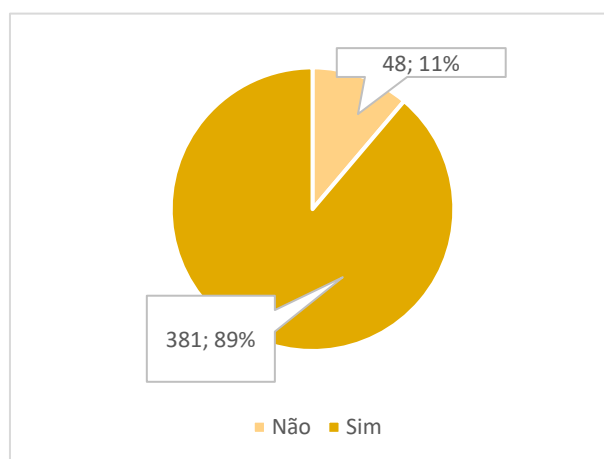
a pandemia, principalmente em razão de questões financeiras. Entre os entrevistados que afirmaram estar estudando, quase 5 a cada 10 afirmaram que, embora estivessem estudando, chegaram a interromper os estudos em algum momento durante a pandemia. Além disso, 55% destes últimos concordaram que sentem “ter ficado para trás” no aprendizado durante a pandemia. Os pesquisadores do Atlas da Juventude observaram que este sentimento de declínio do aprendizado está relacionado aos impactos da pandemia na saúde mental dos jovens (ATLAS DA JUVENTUDE, 2022, p. 51-56).

O impacto causado pelo isolamento social deixou em evidência a falta de acesso às tecnologias para o aprendizado. Durante a aplicação dos questionários com um grupo de estudantes do curso de Cinema e Audiovisual, presenciei uma conversa sobre aulas de fotografia ministradas na modalidade remota. Uma jovem dizia para os outros companheiros que não estava se sentindo segura com o uso das câmeras – mesmo tendo sido aprovada nesta disciplina – já que não tinha acesso a elas em casa. Disse ainda que tiveram muitas coisas que não sentia ter verdadeiramente aprendido em razão da falta de acesso aos equipamentos necessários. Em meio a esta conversa, ela apontou que assistia às aulas através do celular da mãe. Quando esta concluiu sua fala, um outro jovem disse que não tinha sentido essa dificuldade porque tinha uma câmera em casa, o que o permitiu aprender sobre o uso deste equipamento mesmo durante o período de aulas remotas.

Esse diálogo me fez perceber que embora os jovens economicamente e socialmente vulnerabilizados tenham sido afetados negativamente, este impacto foi ainda maior para aqueles que eram estudantes de determinados cursos, como foi o caso dessa estudante de Cinema. A maioria dos cursos das Instituições Federais de Ensino Superior, e boa parte das instituições públicas estaduais ou municipais, e também das privadas, foram planejados a partir do modelo presencial de ensino (FALAVIGNA; LUNA; CASTAGNO, 2022) (DOMINGUEZ; TORRES; ROSARIO, 2022), e a falta do contato face-a-face, além da falta dos instrumentos fornecidos pela própria universidade, impactaram no nível de aprendizado que os alunos sentiram. Em consequência disso, surgiu a sensação de insegurança em relação ao que supostamente foi aprendido por meio do ensino remoto e o receio de “ficar para trás” – como essa mesma jovem apontou em meio a sua fala. Nesse sentido, pude perceber que, para alguns, este período trouxe a possibilidade de conciliar os estudos da graduação com outras atividades – cursos de línguas ou o trabalho, como exemplificou para mim um jovem estudante de Educação Física –, e para outros foi um momento de maior insegurança por falta de acesso aos recursos tecnológicos indispensáveis para o aprendizado.

Na pergunta 10, letra c, que dizia “O ensino remoto trouxe algum tipo de limitação para o seu aprendizado?”, dos 434 questionários válidos, 429 responderam. Entre estes, 381 responderam “Sim”. Ou seja, entre os participantes que responderam à esta pergunta, 89% afirmaram ter sentido algum tipo de limitação no aprendizado em razão do ensino remoto (Gráfico 5). Os motivos particulares que fizeram parte das experiências que trouxeram esses números não podem ser aferidos por meio das perguntas objetivas presentes no questionário, mas dados como esse, unidos às narrativas aqui apresentadas, apontam a imposição do modelo remoto de ensino como um fator limitante ao aprendizado, seja, por exemplo, por falta de hábito com esta modalidade, seja por falta de acesso aos aparelhos eletrônicos necessários.

Gráfico 5 – Quanto às limitações no aprendizado (questão 10c)

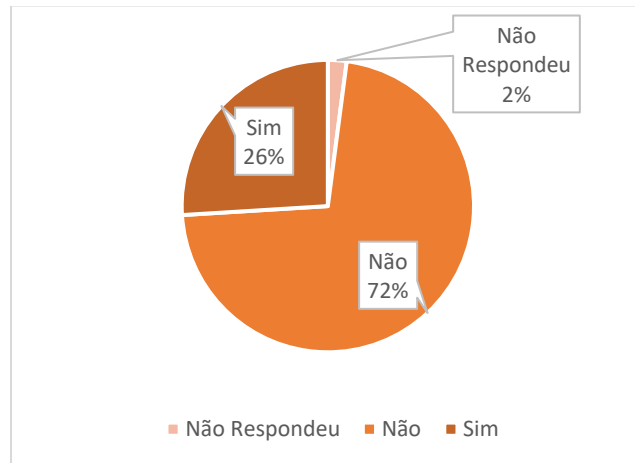


Outro ponto importante é a quantidade de jovens que, diante dessas limitações, terminaram por abandonar os cursos ou trancar disciplinas. Ouvi um jovem mencionar que o seu sonho era ingressar no curso de Teatro da UFS, e após conseguir alcançá-lo, ficou muito frustrado por ter tido suas aulas somente na modalidade online. Este jovem terminou por desistir do curso e, posteriormente, ingressou no curso de Ciências Sociais – que era o curso que ele estava matriculado no momento deste relato²⁷. Nesta mesma ocasião, um outro jovem disse ter feito Comunicação Social até o quinto período do curso, mas terminou por desistir de continuar. Disse ainda que sentia não aprender por meio da modalidade remota, e que a vivência presencial da universidade, apesar de “dar mais trabalho” – por conta do deslocamento, alimentação, entre outras coisas – é significativamente melhor. Estes exemplos são parte das histórias por traz dos

²⁷ Este relato me foi feito durante a apresentação que diz desta pesquisa, no dia 31 de agosto de 2023, para alunos de Ciências Sociais. Tive a oportunidade de falar com estes jovens durante uma aula da disciplina Antropologia I, a partir do convite do meu orientador, professor Frank Marcon.

dados obtidos com as perguntas dos questionários. Entre os questionários válidos, 26% dos alunos afirmaram ter trancado o curso ou alguma disciplina durante o período de aulas remotas, como demonstra o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Trancou curso e/ou disciplina (questão 11)



As narrativas relacionadas ao ensino na modalidade remota também apresentaram esse modelo como algo que permanece até hoje impondo limites. Embora parte dos participantes tenham apresentado o retorno às aulas presenciais como uma volta à normalidade, outros trouxeram que esse retorno à normalidade, na verdade, não tem acontecido. Alguns sentem-se ainda dispersos, como se ainda não tivessem “pegado o ritmo certo”. O que mostra que as experiências permanecem sendo marcadas pelo período pandêmico, embora este, em tese, já tenha sido encerrado. Uma estudante de Geografia que demonstrou frustração com essa situação, escreveu: “Eu sinto que eu não tinha condições de aprender bem no ensino remoto, muita dispersão, aumento do meu vício no celular. Até hoje sinto que não peguei o ritmo certo, frustrante” (Parda, 24 anos, 2023) (grifo nosso). Ainda há uma “frustração” consigo mesmo e com o que está sendo experienciado. O retorno ao presencial não quer dizer, portanto, que a normalidade anterior foi reestabelecida. A ideia que passada pelas narrativas dos jovens é do surgimento de uma nova forma de normalidade, que ainda está em processo de compreensão e reajustes. A partir desse “reajustamento”, os jovens têm criado e recriado os códigos de análise das suas subjetividades e das experiências vivenciadas dentro dessa possível “nova cultura emotiva” (KOURY, 2018, p. 29). Obtive relatos como: “Entre na faculdade durante a pandemia e senti desânimo pela dificuldade de aprendizado com o EAD nos primeiros períodos” (Mulher, Parda, 21 anos, estudante de Letras Português-Inglês, 2023); “Pandemia e EAD prejudicou muito o aprendizado, depois que voltou não consegui mais ter a mesma dedicação” (Homem,

Pardo, 25 anos, estudante de Farmácia, 2023). Mesmo com o retorno às aulas presenciais, que supostamente trariam uma retomada à “normalidade”, situações como estas parecem não ser difíceis de observar. O ensino remoto marcou toda uma geração de jovens que observou a UFS somente através de telas. O aprendizado – ou a falta dele – à distância surgiu em campo como um dos elementos centrais na experiência pandêmica dos participantes. A partilha dessa experiência comum pode ser considerada como um dos “laços geracionais” que marcaram a compreensão do que foi a pandemia para estes jovens. (FEIXA; LECCARDI, 2010 p. 189-190).

Pude observar também que alguns jovens experimentaram uma quebra de expectativas do que imaginavam da experiência universitária, sobretudo aqueles que ingressaram na Universidade durante as aulas reguladas por esta modalidade de ensino. Uma aluna disse: “Foi uma experiência horrível, principalmente por ter iniciado o curso dessa forma” (Branca, 22 anos, estudante de Engenharia Civil, 2023). A expectativa de iniciar uma nova fase da vida não foi criada sob os moldes do ensino à distância. O que os jovens que ingressam na UFS costumam esperar é uma aproximação com outros jovens, além das novas experiências oferecidas pelo vínculo com a instituição. Os jovens esperavam desse momento de transição – que compreende a saída do Ensino Médio e entrada no Ensino Superior – uma mudança nas formas de interações com outros jovens, a experiência de conhecer a universidade, a participação de eventos, entre outras coisas. As expectativas foram construídas sob a ótica de que todas essas novas vivências seriam possibilitadas de modo presencial, e não remotamente.

Essas expectativas frustradas apareceram nas respostas aos questionários e foram verbalizados nos momentos em que eu estive em contato com os interlocutores. Uma jovem estudante de Letras Espanhol escreveu no questionário: “O isolamento tirou oportunidades de vivências sociais adolescentes que eu desejava muito. Mas to bem agora” (Branca, 21 anos, 2023). Recordo-me da jovem que escreveu isto e do que ela me relatou enquanto respondia o questionário da pesquisa. Ela disse que esperava poder ter vivenciado outras coisas com a entrada na universidade, e que sentia que tinha perdido muito com isso. Disse que se ao menos tivesse experimentado a vivência presencial no seu primeiro período, talvez agora não sentisse tanto essa falta. O que foi narrado por ela transmitia que a quebra de expectativa do que imaginara para esse período de transição ainda a deixava frustrada, embora já estivesse bem, como colocado no questionário. A migração para o ensino remoto interrompeu as rotinas e as conexões sociais com as quais os jovens estavam acostumados, e, em muitos casos, os fizeram sentir que perderam as experiências esperadas para um desenvolvimento saudável (WHO, 2022).

Como milhares de pessoas no planeta, os jovens passaram a observar o mundo pelas telas dos celulares, computadores ou televisões (MALUF, 2021, p. 256). A necessidade de estar em contato constante com os aparelhos eletrônicos e com a internet trouxe algumas mudanças na forma de uso desses recursos. Embora eles tenham possibilitado que o contato com as pessoas permanecesse²⁸, as novas rotinas, estabelecidas sob a necessidade de uso desses meios de comunicação, afetaram a relação dos jovens com os eletrônicos e com outras pessoas. Como exemplo, um estudante de Cinema disse: “Ansiedade se potencializou durante a pandemia. Sinto esgotamento psicológico. Passei a evitar mais telas eletrônicas” (Branco, 29 anos, 2023). Os significados do que foi o isolamento social não foram os mesmos para todos os jovens. As experiências emocionais e de sofrimento que fizeram parte desse processo de significação, mesmo quando atravessadas pelos mesmos objetos eletrônicos, não trazem as mesmas conotações. Uma jovem, também estudante de Cinema, escreveu em seu questionário: “Tive muitos sentimentos de enclausuramento e de comparações com os outros nas redes sociais” (Branca, 22 anos, 2023). Como disse Byung-Chul Han (2020), “mal nos livramos do pan-óptico disciplinar e já encontramos um novo e ainda mais eficiente” (p. 19). Esse aumento da “autoexposição” aos aparelhos eletrônicos, decorrente das necessidades impostas pela pandemia, criaram a sensação de estarmos sempre sob observação e pressão externa. Para uns, isso significou essa exaustão psicológica, e para outros esse mecanismo de comparação com os outros por meio das redes sociais (HAN, 2020, p. 19). Perguntei a mim mesma se o aumento das comparações sociais e estéticas ocasionadas pelo crescimento no acesso às redes sociais causam os mesmos efeitos entre homens e mulheres. Embora este não seja o objeto dessa investigação diretamente, para mim foi inevitável pensar que possivelmente não. As comparações causadas em razão das redes sociais podem surgir de formas distintas, com significados marcados por questões que envolvem as categorias gênero, raça e classe. Para não me aprofundar aqui nesse sentido – pois só esse assunto poderia ser objeto de uma outra dissertação –, pontuo que, ao longo da pesquisa, os elementos que mostravam a importância de observar os dados interseccionalmente evidenciaram quais os aspectos que trouxeram diferenciações na forma de experimentar o isolamento social e de significar as experiências emocionais de sofrimento, e as maneiras com que as redes sociais impactaram as percepções de si mesmo podem ser atravessadas pelas experiências marcadas por essas categorias.

²⁸ Por essa razão, alguns defendem que não houve necessariamente um isolamento, mas sim uma falta de contato presencial (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Alguns escreveram no questionário que conseguiram, após a pandemia, superar os sentimentos negativos decorrentes do isolamento social, como a jovem que disse: “Durante a pandemia percebi como é importante nosso contato social e como a falta dele prejudica a todos. Com a volta da ‘vida normal’ muitos sentimentos ruins foram cessados” (Parda, 21 anos, estudante de Educação Física, 2023). Além dessa superação, narram sobre ter sido um processo de amadurecimento, onde as relações interpessoais passaram a ter um maior valor. “Depois de passar tanto tempo no ambiente virtual, passei a valorizar as relações humanas e a vida social” (Homem, Branco, 24 anos, estudante de Ciência da Computação, 2023).

Durante a pandemia, apesar de ser um período muito angustiante, foi um período de reflexão e amadurecimento pessoal. Dei menos importância para coisas que não eram tão importantes. Entretanto para mim assim como para todas as pessoas também foi de exaustão mental, por conta da falta de contato social, e relações pessoais em todos os espaços (amigos, ufs, familiares etc) (Homem, Pardo, 29 anos, estudante de Ciências Sociais, 2023).

Muitos, contudo, ainda estão em processo de readaptação à vida presencial. Apesar de a maioria aparentemente ter comemorado a volta às interações presenciais, e até ter atribuído maior valor à possibilidade de encontrar os amigos, familiares e colegas da universidade, alguns ainda sentem os efeitos do isolamento e dizem não conseguir “voltar ao normal”. “O afastamento social me deixou mais ansiosa em relação ao convívio com outras pessoas” (Mulher, Branca, 22 anos, estudante de Artes Visuais, 2023). A partir do que Koury (2018) traz em um ensaio sobre os processos interacionais, com base em uma perspectiva simbólica interacionista e goffmaniana, pode-se dizer que a sensação de insegurança, o sentimento de medo, e as incertezas causadas pela pandemia trouxeram uma desorganização dos vínculos interacionais e dos espaços onde aconteciam as relações interpessoais, uma vez que as transformações das rotinas alteraram as regras do jogo interacional. Isto terminou por sujeitar algumas pessoas ao sentimento de que os elos que tinham passaram por um processo de fragmentação, e que agora precisam reconstruir a cultura emotiva sentida como perdida (p. 35). Essa fala mencionada apresenta o retorno ao convívio presencial com outras pessoas como uma causa para a sua ansiedade. Ao lê-la lembrei do trecho “*You know it's not the same as it was*”, que mencionei anteriormente. Se jovens tem relatado situações como: “Durante a pandemia desenvolvi um constante desespero ao me relacionar com pessoas. Nesse sentido continuo bloqueada com o convívio com pessoas” (Não-Binário, Preta, 25 anos, estudante de História, 2023), talvez exista a necessidade entre as juventudes de que esse retorno não seja a partir da busca por retornar ao estado que vivíamos antes da chegada da pandemia, mas sim a uma reconfiguração das relações presenciais; uma aceitação de um novo modelo de interação

implicada em uma compreensão do que pode ser incorporado na vivência e convivência com outras pessoas.

A convivência familiar também surgiu entre os relatos dos participantes da pesquisa. Ela foi apontada como um fator que trouxe desafios na rotina, o que pode ser entendido enquanto um aspecto importante na construção dos significados das experiências e, em alguns casos, na significação a partir da ideia de adoecimento mental. “Foi cansativo e tive que procurar auxílio psicológico por causa de convivência familiar” (Mulher, Preta, 21 anos, estudante de Psicologia, 2023) (grifo nosso). Em 2022, a WHO (World Health Organization) publicou um relatório cujo título é “*World mental health report: transforming mental health for all*”, que fala dos efeitos da pandemia na saúde mental. Neste relatório, a WHO apresenta que a saúde mental é determinada pela relação entre indivíduo, família e comunidade. Nele é dito que a partir da ampliação das iniquidades sociais na pandemia, os países com elevados índices de desigualdades têm maior incidência de doenças mentais e uso de substâncias psicoativas em suas populações, sobretudo entre os grupos mais vulneráveis economicamente (WHO, 2022, p. 26). Os problemas psíquicos são colocados neste relatório como resultado da interação entre as vulnerabilidades experimentadas pelos indivíduos em suas circunstâncias sociais. Entre os exemplos mencionados, é apontado o modo como os jovens foram afetados mentalmente, que são considerados os mais vulnerabilizados quando analisada a questão etária, sobretudo por haver uma maior prevalência de depressão e ansiedade entre as faixas etárias mais jovens. É dito também que a causa disso está relacionada à interrupção das aulas nas escolas e nas universidades, o que implicou em uma mudança nas interações sociais dos jovens, inclusive diante da necessidade de ficar em casa que expôs uma parte desses jovens ao estresse familiar (WHO, 2022, p. 31).

Nesse sentido, um jovem disse “Os dois maiores pilares de angústia, para mim, foram tanto a preocupação com a saúde da minha família como ter que lidar com a falta de privacidade dentro de casa durante as 24h do dia (Homem, Branco, 27 anos, estudante de Design, 2023) (grifo nosso). A necessidade de maior convivência com a família, em razão do isolamento social, trouxe um “desequilíbrio” no jogo que estava estabelecido enquanto “situação familiar”. Isto ocasionou uma interrupção na continuidade da normalidade normativa estabelecida para este tipo de situação, e gerou uma nova densidade situacional. A situação familiar, a partir das mudanças trazidas pela pandemia, trouxe uma fragilização dos laços de reconhecimento e de pertença que eram orientados pela cultura emotiva. Esta cultura, ao ser afetada pelas mudanças de rotina, interferiu no modo como as relações familiares tiveram que ser reestabelecidas, e

trouxe um “enorme desconforto moral e emocional para os atores envolvidos” (KOURY, 2018, p. 29-30).

Foi bastante complicado, já que houveram descobertas no sentido emocional e pessoal que foram bastante complicados de lidar sem poder ter contato com outras pessoas que não a família; que muitas vezes causava mais ansiedade. Acredito que tem melhorado aos poucos (Mulher, Branca, 21 anos, estudante de Relações Internacionais, 2023).

O isolamento social e a necessidade de convívio entre as famílias implicaram em uma maior “consciência geracional”. Uma jovem escreveu: “Durante a pandemia tive momentos de estresse, onde ocasionou brigas no ambiente familiar” (Mulher, Preta, 21 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023) (grifo nosso). Pessoas de uma mesma família, que moravam em uma mesma casa, passaram a perceber com maior evidencia a diferença geracional na forma de resolver questões práticas, de pensar sobre o período e de reagir emocionalmente sobre a realidade imposta. A evidenciação dessa diferença muito se deu pela presença ou falta das habilidades com os recursos eletrônicos de comunicação, assim como pelas diferentes estratégias de uso destas para amenizar a situação imposta. A consciência geracional está relacionada à percepção da proximidade ou distância que há entre pessoas de diferentes gerações. Quando há essa consciência, as relações entre as gerações passam a influenciar como a subjetividade é elaborada (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 193) e como as relações passam a ser estabelecidas. Diante da necessidade de “isolamento social”, a maior interação entre as pessoas de gerações distintas dentro do ambiente familiar e doméstico produziu entre os jovens essa consciência de pertencer à uma geração diferente da de seus familiares. Isto pode ter ocorrido tanto por perceberem as discrepâncias na familiaridade com os meios digitais, quanto em razão de o momento realçar que os membros de uma mesma família podem observar o mundo por perspectivas geracionais distintas. Esta última, em específico, pode ser uma das causas geradoras dos conflitos, pois termina por exigir a construção de um diálogo intergeracional que nem sempre é estabelecido pacificamente.

2.2. Geração Viral – Emoções e Significados Partilhados

As minhas idas ao trabalho de campo foram um pouco diferentes do que eu tinha imaginado. Como o tema da pesquisa envolve experiências de sofrimento, acreditava que a recepção que os jovens teriam com a pesquisa fosse diversa da que pude observar. As reações quando eu fazia as aproximações e mencionava o tema da pesquisa me deixaram bastante curiosa. A maioria dos participantes, desde logo, mostravam-se atentos e receptivos. Essa receptividade apresentava-se com a utilização de comentários jocosos e brincalhões acerca do

tema da pesquisa. Alguns diziam, em meio a risadas, coisas como “a experiência emocional foi péssima” ou “não tenho mais saúde mental”. Embora essas colocações não possam ser deslegitimadas, passei a analisá-las a partir de duas perspectivas: como uma possível necessidade de alívio cômico para falar de um assunto com tamanha seriedade para os dias de hoje; como uma adoção da linguagem psiquiátrica para tratar de experiências que não implicam necessariamente em adoecimento.

Uma das situações que mais me deixou reflexiva nesse sentido foi quando abordei um grupo de jovens que, ao me receberem, todos mantiveram-se impassíveis, mas, quando eu disse sobre o que se tratava a pesquisa, olharam-se entre si e deram gargalhadas. Depois dessas gargalhadas, aceitaram prontamente os questionários e começaram a responder as perguntas. Durante esse momento de respostas, notei que um dos integrantes do grupo começou a falar com outro sobre a questão 16 do questionário. Esta questão dizia: “Se pudesse descrever o período mais intenso da pandemia (os anos de 2020 e 2021) através de um sentimento, qual seria ele?”. Sobre ela, iniciaram o seguinte diálogo:

- O que você colocou nessa pergunta?
- Coloquei ansiedade.
- Mas ansiedade não é um sentimento! – afirmou o primeiro.
- É um sentimento sim... ansiedade. – e a conversa foi finalizada.

Enquanto recolhia os questionários desse grupo e me encaminhava para outro ponto do campus, perguntei a mim mesma se ansiedade realmente era um sentimento. Se sim, ela passou a ser um sentimento agora, depois do isolamento trazido pela pandemia, ou ela pode ser uma forma para significar as experiências e emoções? Discursos relacionados às enfermidades psíquicas parecem ter ganhado novos significados ou, pelo menos, parecem estar mais presentes na significação das vivências das juventudes.

Como mencionei anteriormente, Carles Feixa (2021a; 2021b) traz a ideia de Geração Viral para explicar sobre as partilhas conduzidas entre os jovens que experimentaram a pandemia da COVID-19. Ele classifica essa geração como viral por perceber que a circulação e expansão do vírus, enquanto uma das principais marcas da pandemia, trouxe uma intensa imersão dos jovens no mundo digital. Se ansiedade já era um sentimento antes da pandemia, certamente não era dotado dos significados que tem hoje. Antes o “fazer terapia” e o consumo diário de psicotrópicos eram comumente acompanhados dos estigmas sociais vinculados à

“loucura”. Hoje, depois da pandemia e da imersão dos jovens no mundo digital, a circulação de informações sobre o assunto e a difusão da linguagem médico-psiquiátrico transformaram essas situações em parte de uma experiência geracional comum.

O evento marcador dessa Geração Viral pode ser considerado como uma brecha entre gerações, uma descontinuidade entre como as emoções eram vistas antes e como as emoções passaram a ser vistas depois, quando o período de pandemia representaria um vácuo entre os modos de ser e compreender o as experiências (MARCON; NETO, 2021, p. 248). Pensar nos jovens participantes dessa pesquisa a partir do conceito de geração – longe de buscar categorizar os grupos de jovens – é útil para analisar os processos sociais que os últimos anos representaram para a partilha de significados; útil porque permite observar que experiências de sofrimento têm ganhado simbolicamente o *status* de enfermidades (MARCON; NETO, 2021, p. 251). Nesse sentido, o conceito de Geração Viral é útil para observar as narrativas apreendidas em campo de forma localizada, onde foi possível ligar as formas de construir subjetivamente os significados das emoções aos eventos sociais, econômicos, culturais e políticos que foram vivenciados especificamente por estes grupos de jovens (MARCON; NETO, 2021, p. 255).

A experiência humana é simbolizada em face do que é estabelecido culturalmente. O conceito do que é doença ou distúrbio mental expressa sentidos próprios da cultura. A forma com que a mente é referida depende também de como a dualidade corpo e mente é significada socialmente (DUARTE, 1994, p. 84). Nesse sentido, apesar de dados como os da World Health Organization (WHO) apontarem para um maior adoecimento dos jovens (WHO, 2022), sobretudo em meio a pandemia, entendi ser indispensável, primeiramente, entender o que isto significa para os jovens brasileiros. Para tanto, busquei compreender, por meio da interpretação das narrativas, os significados do que tem sido considerado como adoecimento mental para este grupo.

Observei as narrativas dos jovens de forma mais ampla com vistas a apreender o contexto político e social onde ocorreu a formação da experiência emocional, o que me possibilitou investigar e relacionar, com profundidade, os dados que obtive em campo. Embora eu reconheça a linha tênue que há entre emoções e saúde mental, o meu maior foco são as emoções, e estas não são analisadas aqui como se fossem enfermidades. A forma com que as emoções são descritas e significadas podem, por vezes, ser resultado do maior alcance sobre as discussões que envolvem o tema de saúde mental, tanto em razão desse ser considerado atualmente como um “conteúdo viralizável” nas redes sociais, quanto por este tema também

estar presente nas “conversas de corredor”. As emoções não são meramente ligadas à constituição biológica do ser humano. São categorias socialmente construídas, significadas e sentidas, em que a experiência entendida como emocional é mediada pela linguagem e pela cultura (LUTZ; WHITE, 2021, p. 84). Entendi que o processo de significação das emoções também tem sido atravessado pelo que se tem discutido rotineiramente sobre saúde mental, mesmo que de forma jocosa. Estes números que aqui trago, bem como as falas proferidas a partir do vocabulário “psicomédico”, não apontam, necessariamente, enfermidades psíquicas e individuais – embora exista atualmente uma maior vulnerabilização emocional ligada a fatores sociais. O que trago é que apesar da existência de uma maior vulnerabilização emocional dos jovens, ela não implica em um adoecimento da mente. As doenças, assim como as emoções, também têm suas causas e significados sociais. Para pensar sobre, adotei como ponto de partida uma perspectiva social do problema, para não incorrer na estigmatização da juventude enquanto uma fase necessariamente instável da vida.

Estava um dia, durante a pesquisa, ouvindo uma música chamada “*Purge the Poison*”²⁹, da cantora Marina. Ao ouvir a letra com atenção, terminei refletindo sobre alguns aspectos desses indicadores de um maior adoecimento mental entre os jovens. Na letra desta música, a cantora fala em um trecho sobre Britney Spears, que ao ter raspado sua cabeça em 2007, tudo o que a mídia e a sociedade fez foi chamá-la de louca. Ao Marina falar isso, ela quis dizer que apesar de Britney estar evidentemente precisando de amparo psicossocial, tudo o que fizemos foi estigmatizá-la e classificá-la como desequilibrada. Este trecho fez com que eu pensasse sobre como a sociedade tem observado os jovens. Apenas alegar que os jovens de hoje têm demonstrado maiores problemas psíquicos que outras gerações não chegam ao cerne da questão.

Chamaram a minha atenção frases como: “Comecei a ter crises de ansiedade, coisa que não senti ou não percebia que sentia. Isso tem se mantido e eu curo com álcool” (Homem, Branco, 26 anos, estudante de Matemática, 2023); “Depois da pandemia comecei a cuidar mais do meu lado mental” (Homem, Pardo, 23 anos, Estudante de Eng. Mecânica, 2023); “Durante a pandemia desenvolvi transtornos ansiosos que ainda não consegui superar completamente” (Homem, Pardo, 25 anos, Eng. Civil, 2023). Ao analisar somente a situação por um viés médico-psiquiátrico, sem incluir os aspectos sociais que envolvem essa onda de tristezas,

²⁹ Música lançada no começo de 2021, também em meio a pandemia.

angústias e ansiedades entre os jovens, terminamos por interpretá-los como naturalmente mais suscetíveis à instabilidade.

Recordo-me de, durante minha adolescência, ouvir que o psicólogo seria o “profissional do futuro” em razão dos sofrimentos psíquicos que a população viria a sentir. Embora eu não duvidasse disso, não imaginava que presenciaria esse futuro. Ele aparentava estar muito a frente dos nossos tempos. Com um aumento tão significativo da necessidade de profissionais do cuidado com a saúde mental em tão pouco tempo – sobretudo entre os jovens³⁰ –, a pandemia parece ter acelerado a chegada desse momento distante. Essa seria uma situação trazida com a crise sanitária ou ela só não nos era perceptível “a olho nu”? Talvez esse suposto futuro já fosse o presente há muito tempo, mas a população em geral ainda não tinha percebido – ou ainda preferia não perceber. Afinal, muito antes da pandemia, a WHO já demonstrava preocupação com a saúde mental entre as juventudes e já reconhecia a saúde mental como um dos principais problemas sanitários que afetavam os jovens (CASAÑAS; LALUCAT, 2019).³¹ Essa “aceleração da chegada do futuro” pode ter sido, na verdade, um momento quando o que ficava apenas na intimidade das experiências saiu do lugar de obscuridade. As partilhas dos sofrimentos emocionais, que não eram feitas publicamente, agora, após a pandemia da COVID-19, são feitas de forma pública, como, por exemplo, enquanto conteúdo de conversas de

³⁰ Um estudo realizado pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) indicou que a pandemia foi responsável por aumentar os níveis de estresse emocional de crianças e adolescentes, o que ocasionou um aumento de 36% dos casos de depressão nestes grupos etários. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-e-responsavel-por-cerca-de-36-dos-casos-de-depressao-em-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

³¹ Um exemplo disto é que a WHO (ou OMS – Organização Mundial de Saúde) indicou o suicídio e a morte acidental causada por atitudes auto-destrutivas como a terceira causa de mortalidade de adolescentes em 2015, como apresentado pela BBC NEWS Brasil na matéria “Violência, trânsito, doenças: O que mais mata os jovens no Brasil e no mundo, segundo a OMS”, publicada em 16 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39934226>> Acesso em: 31 ago 2023.

corredores na universidade ou nos memes que circulam em redes sociais³²— como, por exemplo, os memes presentes nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 - Meme retirado do Instagram



Fonte: Saquinho de Lixo. 29 dez. 2023. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/C1dCU5ePvqD/?img_index=4>. Acesso: 11 jan. 2024.

Figura 5 - Meme retirado do Instagram



Fonte: Melted Vídeos. 3 dez 2023. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/C0aFYIJPgTd/?img_index=5>. Acesso em 11 jan. 2024.

³² “No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais” (TORRES, 2016, p. 60).

Durante a pandemia, além do próprio vírus Sars-CoV-2, esse tipo de meme também passou por um processo de “viralização”. A própria ideia de “viralizar”, trazida da biologia, remete a algo que é disseminado rapidamente por meio da internet. A alta transmissibilidade dos memes, por meio da repetição, apontam os hábitos e costumes dentro de uma determinada circunstância. Por ser um conteúdo adaptado para a internet, em especial para as redes sociais, pode ter auxiliado no processo de propagação de um vocabulário propriamente médico-psiquiátrico entre os jovens (TORRES, 2016, p. 60). O meme, enquanto mensagem preponderantemente jocosa e irônica, é utilizado no ritual de partilha dos sofrimentos como uma ferramenta, na qual a exposição das dores experimentadas pode ser realizada sem um tom demasiadamente sério (LE BRETON, 2013, p. 159) (Figura 6).

Figura 6 - Meme retirado do Instagram



Fonte: Melted Vídeos. 3 dez. 2023. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/C0aFYIJPGTd/?img_index=7>.

O discurso sobre saúde/doença recebe seu sentido conforme é afirmado e reafirmado como real para os indivíduos (ALVES, 1994, p. 98). O que discuto aqui é se de fato os jovens têm adoecido, ou se o significado que os sentimentos e as emoções que eles experimentam/experimentaram recebe significados a partir da perspectiva de que são doenças. Parafraseando Feixa (2021a), que disse “cuando dices muchas veces a un niño o un joven que es malo, al final acaba siendo malo”, quando falamos muitas vezes a um jovem que ele é doente – ou que jovens como ele estão doentes – ao final ele acaba “adoecendo”. O discurso passa a ser real por ganhar forma e legitimidade no mundo do senso comum, como resultado de

processos interativos e comunicativos – como os memes, por exemplo – em que os indivíduos constroem uma rede de significados para as suas experiências (ALVES, 1994, p. 98).

Acreditamos, portanto, que a compreensão das estruturas cognitivas que organizam as interpretações da enfermidade mental (...) deva ser complementada pela análise dos microprocessos sociais subjacentes a essas estruturas. Torna-se necessário, portanto, que possamos perceber, através de uma análise hermenêutica, os processos pelos quais os indivíduos e grupos sociais vivenciam, explicam e procuram ajuda para os problemas concretos da enfermidade (ALVES, 1994, p. 99).

Além de uma análise crítica sobre o que tem significado saúde mental, vi que essa significação de experiências tem repercutido nas buscas por acesso aos cuidados com a mente. A pesquisa desenvolvida pelo Atlas da Juventude (2022) apresenta que 74% dos jovens que responderam à pesquisa concordaram que a saúde mental passou a ocupar um espaço importante em nossa sociedade, e 47% deles indicam que para lidar com todas essas questões derivadas da pandemia, o atendimento psicológico especializado em juventudes na saúde pública e o acompanhamento psicológico nas escolas é a principal prioridade nesse momento (p. 43-45). Em conformidade com estes dados, entre os jovens que responderam ao questionário da presente pesquisa (ANEXO 2), 88,2% afirmaram ter percebido algum tipo de mudança na saúde mental depois da pandemia. Além disso, 88,6% responderam que já se consultaram ou pensaram em buscar consultas com psicólogos e/ou psiquiatras. Observei estes dados como parte dos resultados dessa “viralização” dos conteúdos relacionados à saúde mental. Entendo que as consequências da disseminação desses conteúdos só podem ser explicáveis quando incorporam nas análises os fenômenos digitais que atravessaram e marcaram as experiências da Geração Viral, uma vez que o solo disseminador das narrativas embasadas na linguagem “psicomédica” é a rede mundial de computadores.

Os conceitos que envolvem o que se entende por “saúde mental” e “doença mental” são culturalmente específicos, estabelecidos a partir dos sentidos do que são as “perturbações físico-morais” (DUARTE, 1994, p. 84). A experiência de enfermidade não é um fato em si mesma, mas uma interpretação dada a um conjunto de informações vindas do que acontece com o corpo. Essas interpretações não são criadas individualmente, e surgem a partir dos processos de socialização. O caráter processual e amplo de construção dessas interpretações faz com que os indivíduos sintam incertezas quanto as suas condições, se de fato estão enfermos ou não, e a relação entre possibilidades e incertezas é um aspecto importante para explicar a forma como há a construção do discurso sobre enfermidade (ALVES, 1994, 96-97). Como exemplo disto, destaco uma das falas mencionadas anteriormente, onde o jovem estudante de Matemática, que ao falar da pandemia, escreveu sobre crises de ansiedade e afirmou que era uma coisa que não

sentia ou “(...) não percebia que sentia” (2023). Uma outra jovem disse: “Percebi que em vários dias principalmente logo no início eu sentia muita ansiedade chorava ‘do nada’ mas não tinha consciência do que estava acontecendo. Talvez se eu tivesse procurado ajuda de imediato eu teria passado menos tempo nessa situação” (Mulher, Preta, 26 anos, estudante de Educação Física, 2023). Estas duas colocações foram utilizadas para expressar um desconhecimento sobre o que estavam sentindo, que agora entendem ser ansiedade. Além disso, há o uso do “Talvez” na fala da estudante de Educação física, que mostra a incerteza e o caráter interpretativo nas expressões feitas sobre o que ela estava sentindo e vivenciando. Estas e outras falas mostram que o que os jovens da Geração Viral têm percebido por saúde mental, bem como a forma utilizada para significar as experiências vivenciadas durante a pandemia, partem de modelos interpretativos resultantes das constantes discussões feitas recentemente acerca da saúde mental. “As expressões diretas do sofrimento precisam ser organizadas em uma totalidade dotada de sentido. A enfermidade existe quando se atribui a uma dada experiência sensível um conjunto de significados” (ALVES, 1994, 96-97).

As reações emocionais, portanto, embora estejam situadas no corpo, não são significadas a partir dele. O resultado do processo de significação das emoções surge com base no contexto social das interações que as produz. A interpretação do que é sentido não surge de condições abstratas inexistentes, e a linguagem utilizada para mediar os significados das experiências tem localizações específicas. Embora as emoções e os sentimentos dos jovens tenham sido caracterizados como enfermidades, não observei suas falas como decorrentes de “fatos” em si mesmos, e sim de interpretações. As narrativas de sofrimento dos jovens participantes desta pesquisa, localizados enquanto parte da chamada Geração Viral, não são naturalmente desenvolvidas por seus corpos/mentes. Essas experiências de sofrimento, bem como o valor que elas têm para os interlocutores mencionados, são resultado da vulnerabilização social a qual o jovem brasileiro é submetido, que, na atualidade, são mediadas e significadas a partir do discurso “psicomédico” difundido nos últimos anos (REZENDE, COELHO, 2010).

2.3. Vulnerabilidade à flor-da-pele – o ser jovem no Brasil

A dor psíquica, assim como as outras dores, tem caráter íntimo em nossa sociedade. Apesar de ser parte da intimidade – ou “individualidade” –, ela também é impregnada dos aspectos culturais que a envolve. A dor não escapa ao vínculo social. O corpo, enquanto espaço onde essa dor ocorre, não traz a causa isolada do significado que as experiências de dor passaram a ter, tampouco as razões que causaram o seu surgimento. Analisar os sofrimentos

experimentados por juventudes situadas dentro de um contexto como o brasileiro exige observar o sentido relacional do sentir e do sofrer (LE BRETON, 2013, p. 14). Por estas razões, para abordar sobre as emoções experimentadas e significadas pelos jovens, considerando o aprofundamento da vulnerabilização social durante a pandemia no Brasil, entendi ser indispensável apresentar o conceito de vulnerabilidade que fundamenta as discussões deste trabalho, para assim observar como os sofrimentos narrados estão relacionados com as vivências dessa vulnerabilidade.

Sobre esse conceito, a autora Lydia Feito (2007) o subdivide em dois: o de vulnerabilidade humana, que seria a *vulnerabilidade antropológica*, como a condição de fragilidade própria e inerente ao ser humano, enquanto ser biológico e psíquico; e a *vulnerabilidade sociopolítica ou social*, colocada como a que deriva do pertencer a um gênero, localidade, condição socioeconômica e/ou cultura (p. 8). Pude observar a ideia de fragilidade da vida humana em algumas falas, como: “Percebemos que a vida é frágil e que somos vulneráveis diante dela, perdas e medo nos transformaram” (Mulher, Preta, 24 anos, estudante de Geografia, 2023); “Durante uma fase da pandemia acompanhei pessoas queridas e próximas passando pela doença e as mesmas chegaram a falecer. Devido a este cenário, acredito que foi onde mais me afetou, devido perceber o quão frágil a vida é!” (Mulher, Branca, 23 anos, estudante de Química, 2023); “O isolamento me fez ficar muito mais ansiosa e dando importância a mais problemas com minha família e com pânico da morte, hoje ainda há vestígios disso, comecei a ter crises de pânico que não tinha” (Mulher, Branca, 22 anos, estudante de Artes Visuais, 2023).

Embora a vulnerabilidade antropológica tenha sido evidenciada na pandemia, e todos a tenham experimentado em diferentes graus, alguns grupos sociais tiveram suas experiências atravessadas também pela vulnerabilidade sociopolítica/social. Acredito que aqueles que experimentaram tão somente a vulnerabilidade humana/antropológica, tiveram uma experiência pandêmica de *vulnerabilidade parcial*, em que as suas experiências de fragilidade diante do cenário de crises eram inerentes à própria finitude humana, enquanto ser biológico e psíquico. Já aqueles que, somada a esta, já vivenciavam ou passaram a vivenciar a vulnerabilidade sociopolítica/social, experimentaram integralmente a vulnerabilidade, isto é, uma *vulnerabilidade integral* ou, como chamam alguns autores, uma “hipervulnerabilidade”, uma vez que além dos riscos inerentes ao ser/fazer parte da espécie humana, vivenciaram uma maior vulnerabilização em razão de questões que envolvem a classe, a “fase” da vida, o gênero, a raça,

e outros fatores que, dentro de uma sociedade hierarquizada e desigual como a do Brasil, implicam em uma maior exposição ao dano social.

Feito (2007) diz ainda que há três eixos em que a vulnerabilidade é articulada, que são: a “exposição”, em que há o risco de se expor a situações de crise; a “capacidade”, que seria o risco de não ter acesso aos recursos necessários para enfrentar essas situações de crise; a “potencialidade”, que seria o risco de sofrer as consequências resultantes das crises (p. 11). Enquanto as pessoas em geral foram expostas aos riscos da pandemia, os grupos vulnerabilizados sociopoliticamente também experimentaram a capacidade e a potencialidade, mencionadas pela autora. Capacidade por não terem acesso aos meios que possibilitassem o isolamento social e a higienização adequada, por exemplo, e potencialidade por terem enfrentado, e ainda estarem enfrentando, as consequências da pandemia e da gestão neoliberal da crise sanitária. Por essa razão, estes últimos experimentaram a vulnerabilidade integralmente. A vulnerabilidade tem, portanto, uma dimensão de suscetibilidade a danos, e que embora tenha uma dimensão que é intrínseca ao ser humano, não se apresenta isoladamente, pois também incorpora uma dimensão relacionada a fatores sociais. “(...) a vulnerabilidade social envolve a vulnerabilidade antropológica, mas a amplia significativamente em razão de fatores ambientais ou sociais, que interagem entre si a ponto de tornar muito complexa a atribuição de danos a uma única causa” (tradução nossa) (FEITO, 2007, p. 11).

Lydia Feito (2007) menciona a ideia de “espaços de vulnerabilidade”, e os descreve como espaços em que há a confluência de potenciais ameaças, que tornam o ambiente em que surge danoso/deletério, embora não seja um espaço prejudicial em si mesmo (p. 11). Este espaço de vulnerabilidade, por não ser danoso em si mesmo, é uma ameaça concreta somente para determinados grupos, que, ainda seguindo o conceito da autora, encontram em suas vivências a exposição, a capacidade e a potencialidade dos riscos gerados por serem vulnerabilizados.

Estudar online não foi uma das melhores coisas, pois, moro na zona rural e dificulta o acesso a internet, e devido alguns pontos da minha saúde mental afetou no aprendizado. Até mesmo nas aulas presencial tenho dificuldade em relação a esses pontos de saúde mental. Por isso penso em algum acompanhamento médico, mas fico com medo em relação a buscar ajuda (Homem, Branco, 22 anos, estudante de Química, 2023).

Além dessa fala, outras evidenciam como os aspectos que compuseram o espaço de vulnerabilidade criado pelas crises no Brasil influenciaram as situações de sofrimento experimentadas pelos jovens. Apresento a vulnerabilidade social não só para denunciar que estes espaços fizeram parte da experiência pandêmica dos jovens. A apresento para ligar os

pontos que demonstram que as emoções neste grupo decorrem principalmente das situações de vulnerabilidade social às quais seus integrantes estão submetidos, além de afastar a suposta instabilidade dos jovens como causa para seus sofrimentos. Um outro jovem escreveu: “Durante a pandemia senti muita angústia sobre minha vida pessoal, financeira e acadêmica” (Homem, Pardo, 26 anos, estudante de Eng. Química, 2023). Estas situações de vulnerabilidade envolvem a falta de poder dentro da sociedade. A submissão à desigualdade social obstaculiza a luta contra os elementos que as criam e dá forma ao impasse de ter que lidar com as experiências de dor delas decorrentes (FEITO, 2007, p. 13).

A autora Lucia Re (2019) também trabalha o conceito de vulnerabilidade, e, a partir dos pensamentos de Butler e Goodin, ela reforça a ideia de que ele é um conceito relacional. A pessoa é vulnerável em relação às ações e escolhas de outra pessoa, o que faz a experiência de vulnerabilidade estar diretamente conectada às relações de poder que existem em uma sociedade (p. 315-316). Considerando as relações de poder como fator determinante para a maior ou menor vulnerabilidade de um grupo, ao observar a confluência de crises que aqui fiz menção, é perceptível que embora todos estivessem expostos a uma maior vulnerabilidade antropológica (FEITO, 2007), como consequência de uma distribuição desigual poder, o impacto dessa exposição foi maior entre os socialmente vulnerabilizados. Como exemplo disso, relembro a fala do jovem que disse: “Na pandemia trabalhei mais que tudo nessa vida. Por isso peguei COVID 4 vezes” (Homem, Pardo, 25 anos, estudante de Cinema, 2023). Há uma interconexão entre o cuidado, a justiça social e a vulnerabilidade (RE, 2019), e a maneira como o Estado os administra reflete em uma maior ou menor vulnerabilização. A partir de uma perspectiva foucaultinana, Re (2019) argumenta que na era do neoliberalismo, a falta de políticas direcionadas ao cuidado é útil à estratégia de hierarquização social e de descarte de vidas (p. 319). “Nossa experiência de vulnerabilidade é conectada às relações de poder que existem em uma sociedade” (tradução nossa) (RE, 2019, p. 315).

Compreendi que a vulnerabilidade e o cuidado no Brasil não foram negligenciados pelo Estado durante a pandemia. O que aparentava negligência, na verdade, fez parte da lógica de governo assumida pela então gestão, que assumiu uma postura negacionista e voltada para o fortalecimento das elites econômicas. A falta de acesso à rede de cuidado, bem como a impossibilidade de seguir as medidas de segurança, fez emergir o *iceberg* que estava submerso no oceano da invisibilização; trouxe à superfície as desigualdades sociais vivenciadas em todos os aspectos, como, por exemplo, a falta de acesso aos cuidados com a saúde mental e as limitações impostas à manutenção dos jovens na universidade. Assim, ao abordar estas

ausências do Estado brasileiro, não as compreendo como negligências, e sim como parte das dinâmicas da exclusão adotadas pelos então representantes do Poder Executivo.

O circuito da exclusão é administrado a partir da combinação de serviços de assistência social cada vez mais escassos – que mantêm uma abordagem disciplinar na sua retórica e nos seus modelos de gestão, mas, na realidade, têm sido redirecionados para a exclusão de uma população cada vez mais “eticamente marcada” (...) (tradução nossa) (RE, 2019, p. 319).

A maneira como foi feita a gestão política das crises no Brasil intensificou as estruturas de hierarquização social, bem como a já existente hierarquização de corpos, de sentimentos e de vidas. O valor dos corpos e de suas respectivas saúdes – física e mental – seguiu a lógica desigual de distribuição de poder da sociedade brasileira. Entre a parcela vulnerabilizada da população, a preocupação pelo bem viver cedeu ainda mais o seu lugar à preocupação por sobreviver, com danos concretos não só socialmente, mas também à saúde, tanto em suas dimensões físicas quanto psíquicas. “A economia capitalista absolutiza a sobrevivência. Ela se nutre da ilusão de que mais capital gera mais vida, que gera mais capacidade de viver. (...) A preocupação por uma boa vida dá lugar à histeria pela sobrevivência” (HAN, 2017, p. 106-107, grifo nosso).

Observei essa luta por sobrevivência, em meio ao circuito da exclusão brasileiro, como uma das possíveis causas de uma maior procura por atendimento na rede de cuidado psicossocial. Entre as questões que abordavam sobre os sentimentos e a saúde mental dos jovens, na Pergunta 13 do questionário (ANEXO 2), 383 jovens (88,2 % dos interlocutores) afirmaram perceber mudanças na saúde mental. Na Pergunta 14, que questionava sobre a busca por consultas na rede de atendimento desta área da saúde, 228 (52% dos participantes) afirmaram que já se consultaram em algum momento e 198 (46% dos participantes) colocaram que não o fizeram (Gráfico 7) – ou não o fizeram ainda, como um jovem escreveu ao lado da sua resposta a essa pergunta. Destes 198, na Pergunta 14c, 81,7% (que corresponde a 161 dos interlocutores) indicaram que já pensaram em procurar este tipo de atendimento (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Já buscou rede de atendimento à saúde mental (questão 14)

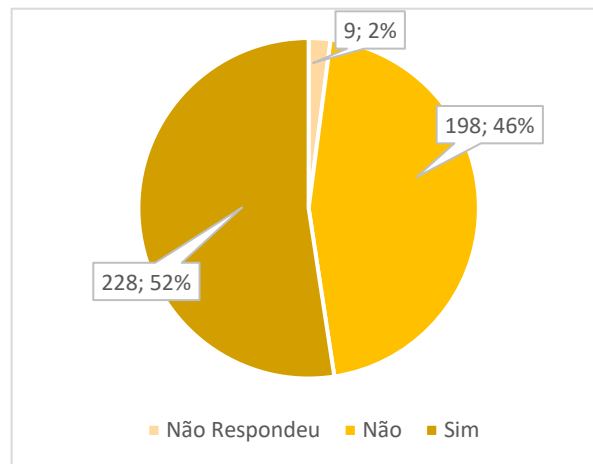
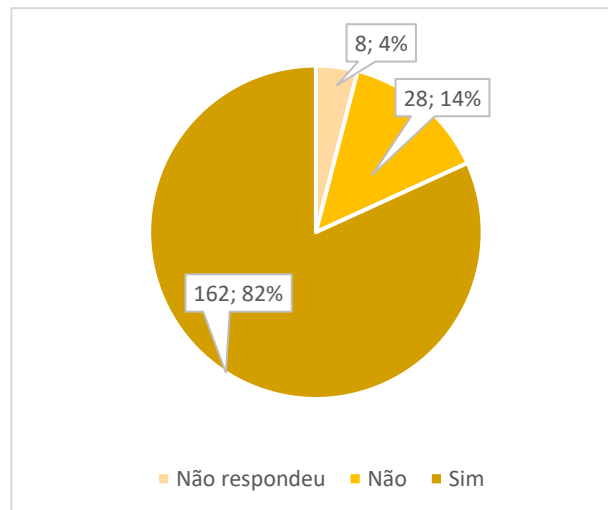
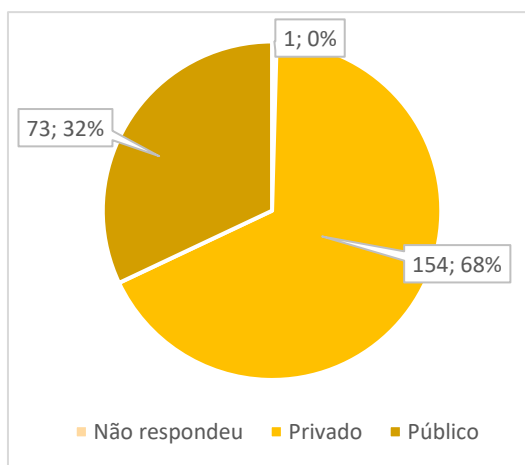


Gráfico 7 - Já pensou em buscar rede de atendimento à saúde mental (questão 14c)



Embora haja atualmente a compreensão entre os jovens de que um acompanhamento psicossocial é importante, sobretudo por ter existido um aumento de diagnósticos – ou autodiagnósticos –, muitos não têm acesso a este recurso. Mesmo antes da pandemia, já existia a escassez de espaços para aqueles que buscavam esse tipo de atendimento na rede pública, em razão da invisibilização da necessidade de políticas de cuidado com a saúde mental dos jovens. Como demonstra o Gráfico 9, a maior parte dos jovens que responderam a esta pesquisa e buscaram atendimento psicossocial o fizeram por meio da rede privada.

Gráfico 9 - Tipo de atendimento psicossocial (questão 14b)



Além disso, é importante pontuar que, embora alguns tenham apontado ter tido atendimento por meio da rede pública, não há como aferir, somente por estes números, quais foram os meios utilizados para acessá-lo, tampouco as dificuldades que podem ser apresentadas durante esse processo de busca pela rede pública. Pude ouvir alguns jovens dizerem que conseguir esse tipo de atendimento pela rede pública apresenta muitas dificuldades, inclusive dentro da UFS. Apesar de a instituição oferecer a possibilidade de atendimento psicossocial, o que se sabe é que as filas são muito grandes e a possibilidade de conseguir atendimento é baixa. Em uma ocasião, ouvi uma jovem relatar que tinha conseguido iniciar o processo de terapia com uma psicóloga na própria UFS. Ela afirmou que as chances de conseguir esse tipo de atendimento na instituição eram remotas, já que a fila costuma ser muito grande. Disse ainda que só conseguiu esse atendimento por ter recebido auxílio de uma pessoa conhecida que trabalha na instituição, que vendo seu desespero, resolveu ajudá-la.

Esses dados demonstram a invisibilidade que ainda paira sobre a crescente necessidade que os jovens apresentam de ter esse tipo de atendimento. Essa invisibilização pode ser indicada como um dos reflexos da forma com que as políticas públicas direcionadas aos jovens são encaradas no Brasil, que são reativas, não preventivas. A reatividade em detrimento da prevenção aparece, por exemplo, quando o Estatuto das Juventudes³³ de 2013 traz o cuidado sobre o uso e abuso de substâncias, mas não menciona a saúde mental claramente. Nesse mesmo Estatuto, na Seção XI, “Do direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça”, fala-se sobre o

³³ Lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

direito do jovem de viver em ambiente seguro, com garantia da incolumidade física e mental. Contudo, na Seção V, que fala do Direito à Saúde, é dito que o jovem tem direito à saúde integral, mas não há menção à saúde mental. Há o reconhecimento da necessidade do cuidado integral da saúde, mas a dimensão psíquica não é mencionada ao falar sobre a prevenção, promoção, proteção e recuperação dessa saúde. A saúde mental é mencionada de fato somente no art. 20, V, deste Estatuto, que fala de reconhecer o impacto da gravidez em seus vários aspectos, inclusive psicológicos.

Nesse sentido, embora os jovens brasileiros da Geração Viral compreendam a saúde mental como algo importante, ter acesso ao cuidado desta dimensão da saúde é percebido como um privilégio de poucos. Diante de situações em que é preciso escolher “comer ou fazer terapia”, como fora colocado anteriormente, alguns têm “curado com o álcool”, o que é, em muitos casos, visto como o meio mais “rápido e acessível” para solucionar – ou ao menos anestesiar – o que se sente. Mesmo quando o sofrimento é encarado pelo viés da enfermidade, muitos jovens que fazem tratamento ficam expostos à escassez de acesso à uma rede de atendimento psicossocial adequada, o que os torna ainda mais vulneráveis.

As emoções observadas exigem interpretações contextualizadas, e que coloquem as narrativas e seus significados também como possíveis produtos do cenário de ascensão do paradigma neoliberal do sofrimento, que responsabiliza o indivíduo enquanto o faz sentir-se culpado. As falas e expressões dos jovens demonstram que a técnica de poder neoliberal, mais do que influenciado, tem produzido e moldado as formas como os jovens têm experimentado o mundo e olhado para si mesmos.

(...) o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. (...) Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2017, p. 29-30).

A ação desta técnica de poder tem feito os jovens crerem-se ilusoriamente livres para escolher “o sucesso ou o fracasso”. Ao crerem-se livres para tanto e “fracassarem”, acreditam que assim escolheram, e não percebem este resultado como uma consequência inevitável imposta sistematicamente aos socialmente vulnerabilizados. Assim, a “liberdade paradoxal” produz sentimentos ligados a uma culpa, que é incutida nas subjetividades e significada como inerentemente individual (HAN, 2017, 2020).

3. INTERPRETAÇÕES DE SOFRIMENTO ENTRE OS JOVENS – RELAÇÃO DA INDIVIDUALIZAÇÃO COM AS CAUSAS DAS DORES

Assim como o significado das emoções é variável, de acordo com a percepção de cada grupo social e das circunstâncias em que são manifestadas (REZENDE; COELHO, 2010), a vivência e a interpretação do sofrimento também o é (LE BRETON, 2013). Como pude observar, em muitos casos, o sofrimento tem sido interpretado e narrado a partir do paradigma médico-psiquiátrico do adoecimento da mente. Entendo os dados aqui apresentados não como se necessariamente fossem indicativos de enfermidades psíquicas e individuais. Apesar do reconhecimento da existência de uma maior vulnerabilização emocional imposta aos jovens, percebo que esta tem sido identificada como um adoecimento individual. Diante do risco de recair em naturalizações, que podem levar à reafirmação dos estigmas relacionados à suposta instabilidade emocional dos jovens, optei por tratar as narrativas dos meus interlocutores ao longo deste texto não como sinais ligados necessariamente a um adoecimento entre as juventudes. A causa dos sofrimentos não surgem nos sujeitos sociais individualmente, o que me fez observar as falas e expressões obtidas em campo como sinais da forma como as relações sociais têm sido estabelecidas, seja entre integrantes desta categoria social – isto é, entre os próprios jovens –, seja a partir das relações estabelecidas com os demais membros da sociedade e com o Estado.

Pelo motivo de a sociedade brasileira se tratar de uma sociedade ocidentalizada, na qual o neoliberalismo tem marcado as existências da população, os jovens são atravessados por uma tecitura social ligada, supostamente, por múltiplas possibilidades de escolhas, que são precursoras dos conflitos internos. Esses supostos caminhos possíveis e alcançáveis revelam, a partir dessa vulnerabilização emocional entre os jovens, as próprias tensões e contradições impostas por esse sistema (MEAD, 2015, p. 37-38). Sob o neoliberalismo, as pessoas procuram as causas do sofrimento psíquico na própria individualidade, o que retira, por exemplo, a potencial consciência entre os jovens de que seus sofrimentos decorrem de uma violência social. Isto impõe a produção íntima de uma autorresponsabilidade e de sentimentos vinculados à culpa (SAFATLE, 2020, p. 25). Nesse sentido, apesar de dados como os da World Health Organization (WHO) apontarem para um maior adoecimento dos jovens (WHO, 2022), sobretudo em meio a pandemia, trago aqui que as experiências emocionais e de sofrimento experimentadas pelos meus interlocutores, ao ganharem significados contornados pela ideia de adoecimento, tornam-se mais suportáveis, já que esta linguagem é apreensível dentro da sociedade ocidentalizada e individualizadora dos conflitos.

A ideia de adoecimento da mente pode ser o significado que a Geração Viral – que representa uma descontinuidade entre modos de ser e de compreender o mundo (MARCON; NETO, 2021, p. 248) – tem partilhado para dar sentido aos sofrimentos experimentados, já que “uma dor identificada com uma causa, com um significado, é mais suportável do que uma dor que permaneceu no *nonsense*, não diagnosticada, não compreendida pelo ator” (LE BRETON, 2013, p. 71). A busca de explicações para os sofrimentos na ideia de adoecimento da mente é alimentada por esse modelo de pensamento, no qual os usos sociais da linguagem médico-psiquiátrica dão base para explicações que retiram a responsabilização da sociedade e do Estado e a colocam sob os ombros dos jovens, individualmente, o peso das dores sociais experimentadas (LE BRETON, 2013, p. 48).

3.1. Adoecimento entre os jovens – significados em comum

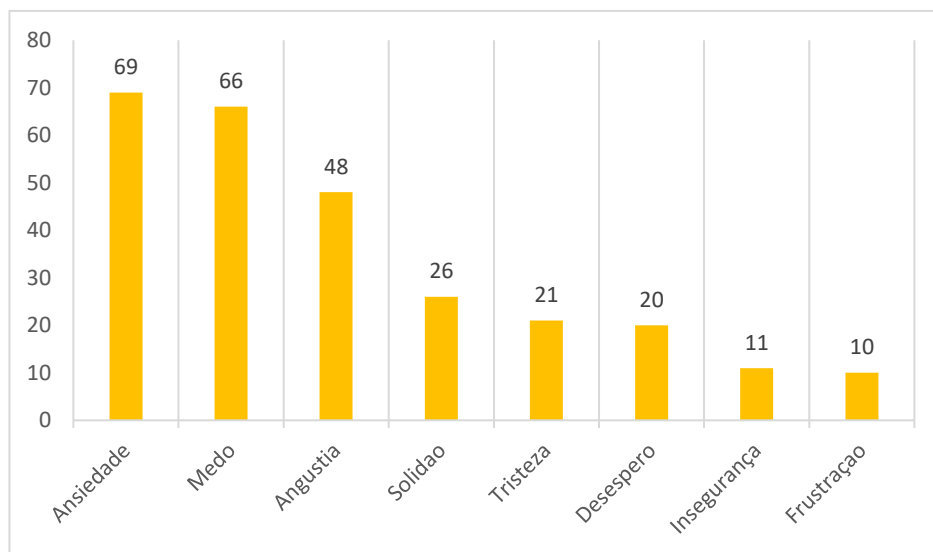
Uma experiência geracional, quando atravessada por questões de classe, gênero, étnico-raciais, entre outras, apresenta aspectos que são determinantes para os significados atribuídos às emoções que a envolvem. Apesar da partilha de significados em comum entre os integrantes da Geração Viral, as experiências de sofrimento não se acomodaram em uma compreensão única de mundo, já que existiram distinções vinculadas às diferentes formas de desigualdade vivenciadas pelos jovens (MARCON; NETO, 2021, p. 254). O fato de um jovem ter escrito que a pandemia representou “Momentos de conflitos emocionais, aumento da ansiedade e medo do que aconteceria. Tratamento psicológico para esse tratamento de ansiedade (Mulher, Parda, 21 anos, estudante de Letras Espanhol)” não elucida os porquês do surgimento desta “ansiedade” e os significados por trás destes momentos de conflito.

O Brasil, enquanto sociedade ocidentalizada, apresenta diversos aspectos que são parte das experiências dos jovens. Margareth Mead (2015), já no começo do século XX, falava sobre a diversidade de padrões na sociedade ocidentalizada, que era tão evidente que mesmo os mais “obtusos”, com pouca curiosidade, não deixariam de percebê-la. Essa diversidade, de acordo com ela, estaria incorporada às semissoluções existentes entre diferentes filosofias de modo que confunde qualquer pessoa (p. 33). Ao considerar que a dor nunca é puramente fisiológica, uma vez que pertence à esfera simbólica (LE BRETON, 2013, p. 16), achei curioso que, mesmo com tamanha diversidade e possíveis explicações para as experiências³⁴ de sofrimento, a ideia de “ansiedade” pareceu ter surgido como um símbolo comum entre jovens que vivenciaram a pandemia da COVID-19.

³⁴ Como as questões de étnico-raciais, classe, gênero, entre outras mencionadas.

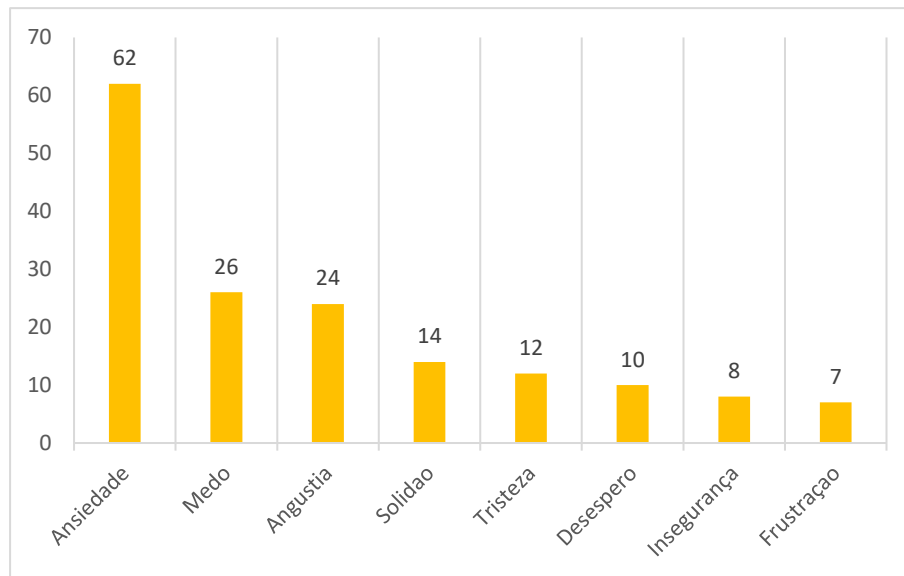
Relembrando aqui um diálogo que mencionei anteriormente, no qual pude presenciar uma conversa sobre a pergunta 16 do questionário (ANEXO 2), e a partir do qual retomo o questionamento sobre a ideia de ansiedade ser algo próprio do depois da pandemia, ou se ela sempre foi algo presente nas interpretações das vivências emocionais. Esse diálogo recoloca a questão: ansiedade é um sentimento? Ou é um signo para os sentimentos traduzidos por adoecimento psíquico que envolvem os jovens da atualidade? Um dado interessante que pude observar quanto a isto surgiu com as respostas objetivas obtidas com o questionário. Entre o grande universo de sentimentos mencionados na pergunta 16, as respostas que mais se repetiram e suas respectivas quantidades de repetição foram: Ansiedade (69); Medo (66); Angustia (48); Tristeza (21); Desespero (20) – dados ilustrados no Gráfico 10.

**Gráfico 10 - Sentimentos utilizados para significar a pandemia
(respostas mais frequentes na questão 16)**



Além de Ansiedade ter sido o sentimento mais mencionado, observei que, percentualmente, em comparação aos outros, ele foi o que esteve mais associado ao que ainda é vivenciado no agora. Na pergunta 17 (Gráfico 11), que questionava se o sentimento escrito na 16 continuava a ser sentido, 88% dos que responderam Ansiedade marcaram “Sim”. Enquanto isso, entre os que responderam Medo ou Angustia, 39% e 50% responderam “Sim” a esta pergunta, respectivamente.

Gráfico 11 - Respostas da questão 17



Chamou a minha atenção também o fato de que em muitos casos, mesmo quando “Ansiedade” não fora utilizada para responder à Pergunta 16, a palavra aparecia no espaço ao fim do questionário, onde os jovens podiam compartilhar mais sobre suas vivências. Como exemplo, a jovem que tinham escrito como resposta à pergunta 16 a palavra “angústia”, escreveu: “No começo pareceu que seria passageiro, mas no decorrer do tempo foi ficando angustiante e a ansiedade tomou conta. Mas depois do período crítico foi amenizando, apesar de ainda ter a ‘ferida aberta’” (Mulher, Parda, 26 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023) (grifo nosso). Nesse mesmo sentido, uma outra jovem escreveu como resposta à questão 16 a palavra “desespero”, e disse a seguir: “No período da pandemia me sentia sufocada e no limite, me cobrava muito e tinha muitas crises de ansiedade. Depois da pandemia esses sentimentos foram amenizando (Mulher, Preta, 29 anos, estudante de Física Médica, 2023) (grifo nosso).

Nesse sentido, vi que mesmo quando as experiências não apresentam outros aspectos sociais em comum além da juventude, a “ansiedade” foi apresentada como a “semissolução” encontrada para significar as experiências de sofrimento e dor psíquica vivenciada. O surgimento dessa indistinção termina por ser útil à deslegitimação indistintas das narrativas juvenis sobre suas dores, como se este fosse um aspecto comum à “experiência conflituosa” da juventude. A adoção desse símbolo comum, mediado pelo discurso médico-psiquiátrico da individualização, me fez refletir como essa semissolução invisibiliza as diversas formas de desigualdade social que incorporam a experiência de juventude em um país de iniquidades como o Brasil. Como, em pleno século XXI, onde tantas “semissoluções” parecem circular com

maior facilidade e confundir-nos cada vez mais, um discurso tão “uniforme” pode aparecer em experiências tão distintas? Diante do compartilhamento de significados entre os integrantes da Geração Viral, que pude mencionar anteriormente, e desta aparente indistinção de experiências, busquei analisar as narrativas sobre as emoções de modo a questionar as razões que fundamentaram essa adoção de uma linguagem comum para significar os sofrimentos experimentados (LE BRETON, 2013, p. 44).

As interpretações culturais do corpo e da mente é que fundamentam quais as soluções consideradas como válidas para aliviar as dores e os sofrimentos. As imagens que esse corpo e essa mente têm em uma sociedade são incorporadas, portanto, nas formas de curar (LE BRETON, 2013, p. 60). No Brasil, ao considerar que estamos vivenciando uma maior adoção das narrativas individualizantes do neoliberalismo, percebo que a forma como a mente tem sido observada faz com que o jovem incorpore essa ideia individual de suas dores. Ou seja, os jovens acreditam passar pelo processo de adoecimento, não pela precarização e falta de perspectiva de futuro, por exemplo, pois essa ideia está de acordo com as interpretações culturais de seus corpos e de suas mentes. Ao recorrer às representações individuais de sofrimento, o jovem relaciona os acontecimentos que o afetam “aos significados que sabe terem a aprovação de seu grupo, e até, eventualmente, de seu grupo de referência” (LE BRETON, 2013, p. 61). Este, que vivenciou a pandemia, em meio a difusão das múltiplas possibilidades de adoecimento da mente, incorpora os significados adotados por seu “grupo de referência”, isto é, por outros jovens da Geração Viral, os quais também interpretam suas vivências com base em uma linguagem médico-psiquiátrica. A adoção dessa linguagem e do discurso individualização das dores, em consonância com a sociedade neoliberal ocidentalizada, oferece ao jovem um sistema de sentidos que o permite ordenar a sua dor e a sua “ansiedade” em um sistema simbólico que lhe é apreensível, onde ele mesmo e o seu corpo/mente são os responsáveis por sofrer (LE BRETON, 2013, p. 63).

Apesar disso, embora essa tenha sido a interpretação mais comum e presente em minhas observações em campo, destaco que esta não foi a única. Essas interpretações só recebem seu sentido conforme é afirmado e reafirmado como real para os indivíduos (ALVES, 1994, p. 98). Os jovens têm ouvido e discutido mais sobre saúde mental, mas, apesar de os sofrimentos narrados terem como referencial o contexto social e político no Brasil, nem todos que pude ter contato interpretaram suas vivências sob o paradigma do sofrimento – ou ao menos assim não o admitiram. Ou seja, nem todos os jovens interpretaram dessa forma uma vez que a reafirmação desse contexto da pandemia no país não lhes era visto como real. Retomo o que

narrei anteriormente sobre a minha abordagem com os jovens que afirmaram terem frequentado festas nas cidades interioranas de Sergipe. Ao observar as falas deles sobre as buscas por saídas e por bebidas – que, como eles disseram, a pandemia foi o momento em que mais fizeram isso em suas vidas –, pergunto-me sobre as causas dessas buscas e desse alheamento ao que era vivenciado no país naquele momento. “A dor não é um dado bruto, mas uma consequência humana de uma doação de sentido que implica, portanto, uma atitude específica” (LE BRETON, 2013, p. 138). No caso em questão, pode implicar em entender e tomar como real as circunstâncias em que a dor está situada. Como também mencionei, percebi que estes jovens apoiavam o governo com características fascistas³⁵ que administrava o Brasil a época, e apoiavam também, direta ou indiretamente, a negação do sofrimento que o país vivenciava. Essa negação da dor alheia pode estar implicada à uma negação da própria dor? Não posso responder afirmativamente, sob possibilidade de incidir em interpretações que vão muito além do que me foi apresentado, mas entendo essas questões como forma de reflexão e discussão sobre a não uniformidade nas interpretações das dores, embora, atualmente, elas aparentemente encontrar um lugar comum no discurso médico-psiquiátrico.

Na sociedade ocidentalizada o papel do médico é semelhante ao papel do curandeiro em algumas culturas. O curandeiro, tendo o consenso do grupo quanto a sua importância, reintroduz o sentido e explica as sensações dolorosas que atravessam o sofredor. Graças a sua interpretação, a pessoa retoma o controle de sua situação (LE BRETON, 2013, p. 65). Assim o faz o médico psiquiatra para os ocidentalizados que, ao diagnosticar a dor do indivíduo como uma enfermidade da mente, este indivíduo entende retomar o controle de sua situação ao adotar essa interpretação, mesmo que limitadas às circunstâncias. A adoção dessa interpretação não ocorre como se o indivíduo fosse uma “tela de projeção”, pois ele transforma e partilha o discurso vindo da psiquiatria e da psicologia também orientado por categorias aceitas pelos seus grupos de referência (LE BRETON, 2013, p. 119). Nesse sentido, os jovens tem interpretado suas emoções por intermédio de uma linguagem própria da área médica, mas a forma com que se utiliza disso também reflete os modos de adoção que a Geração Viral tem utilizado, sobretudo considerando os aspectos sociais e econômicos que fundamentam e influenciam essa adoção.

O momento da pandemia era sentido como uma paralisação do exercício da vida. Criou o sentimento de infelicidade continuada, na qual o não ser atingido de algum modo pelo sofrimento emocional parecia ser um privilégio (LE BRETON, 2013, p. 28). Para salvar-se

³⁵ Esse governo, para cumprir sua agenda neoliberal, instrumentalizou dispositivos políticos e de poder típicos de regimes e de políticas fascistas (MALUF, 2022, p. 447).

dessa dor persistente era preciso encontrar uma “identificação concreta” do que era sentido. A identificação traz sentido não só para quem experimenta esse sofrimento, mas também para os outros, que, sem esta identificação, poderiam questionar a sua real existência. Adotar o discurso de adoecimento pode ter sido o recurso acessível aos jovens que experimentaram a pandemia para tornar as suas situações “concretas”, o que, sem ele, não seria possível. Dar um nome a dor é também uma forma de aliviar o sofrimento, uma busca por continuar a vida, pois sem esse nome a sua palavra pode ser posta em dúvida. No nome da doença há o sentido do sofrimento. A partir dele, é possível seguir a vida, buscar tratamentos, partilhar as dores. Esta partilha, ao ser possível, encontra outros que vivenciam este mesmo sofrimento – ou algo semelhante a ele. A vinculação da “ansiedade”, e outros termos da psiquiatria e da psicologia, às experiências da pandemia e após ela, pode ser o que retira a dor dos jovens brasileiros do silêncio e da obscuridade. Tratado, muitas vezes, “como quem não quer nada”, sob um autocontrole jocoso que dissimula a gravidade da questão, traz o alívio de entender o sentido das próprias vivências, mesmo que este sentido seja encontrado a partir da ideia de adoecimento (LE BRETON, 2013, p. 151).

3.2. Narrativas de sofrimento e a ideia de culpa

Após ouvir sobre o que se tratava a minha pesquisa, uma jovem me abordou em uma determinada situação³⁶ e disse que gostaria de compartilhar sobre como foi sua experiência durante a pandemia. Embora estivesse agora como estudante Ciências Sociais na UFS, ela disse que antes chegou a ingressar em uma outra universidade, que era a universidade de seus sonhos. Com a chegada da pandemia, mesmo tendo alcançado o que tanto esperava, sentia-se angustiada. Ela morava em uma república em que o espaço na casa era pequeno. Com impossibilidade de sair, ela e os outros estudantes ficaram presos ao local, que não dispunha de ambiente adequado para os estudos. Essa jovem disse que, além de toda a situação de impotência, um evento terminou por abalar a todos na casa: um dos estudantes que fazia parte dessa república faleceu em decorrência da COVID-19. Diante do peso insustentável da situação – como ela mesma assim colocou –, não conseguiu dar seguimento aos estudos naquele momento, o que a fez desistir desse sonho. Apesar de toda essa situação, que não tinha qualquer relação com atitudes suas, ela disse que dentro de si carregava o sentimento de culpa, e perguntava-se como podia ter estado na universidade e curso de seus sonhos e não ter conseguido ficar bem.

³⁶ Este relato me foi feito após a apresentação que fiz desta pesquisa, no dia 31 de agosto de 2023, que mencionei anteriormente na nota de rodapé 27.

A apreensão dos significados que essas e outras experiências emocionais têm/tiveram exige uma análise que busque conectar esses significados às relações sociais e de poder que os produziram. O que observo é que grande parte das experiências narradas foram subjetivamente significadas a partir do paradigma neoliberal. O indivíduo passa a responsabilizar e culpar a si mesmo por não conseguir desempenhar suas atividades, mesmo que essa impossibilidade tenha sido causada por fatores que o independiam de fazer escolhas.

Uma das falas que mais chamaram a minha atenção durante esta pesquisa foi a de um jovem que escreveu: “Durante a pandemia me culpava por não estudar mais. Após a pandemia passei a me culpar por atrasar o curso” (Homem, Preto, 23 anos, estudante de Ciências Sociais, 2023). Este mesmo jovem, em suas respostas às questões apresentadas, demonstrou que trabalhou presencialmente durante a pandemia, o que o faz ser parte dos 89 jovens participantes que além de terem trabalhado durante a pandemia, o fizeram de forma presencial (69% entre os que trabalharam). O que essa fala traz é que independentemente das circunstâncias externas e dos contextos que criaram essa impossibilidade de estudar ou de atrasar o curso, esse jovem sente-se culpado; sente-se como responsável por algo que não deu causa. A culpa aqui, assim como diversos sentimentos, que os jovens vivenciaram e ainda vivenciam, resulta dos moldes impostos pela psicopolítica, como entendida por Han (2020), técnica de poder própria do neoliberalismo, que ao induzir à busca por uma otimização pessoal permanente, gera uma autoexploração total e conduz ao colapso mental e emocional. Assim, quando o jovem não atinge os resultados desejados – e também esperados por terceiros –, a sua autoexploração cria intimamente uma culpa, que ganha significado também a partir da autorresponsabilização (p. 46).

Esses relatos não foram os únicos que carregavam o sentimento de culpa. Essa culpa, apesar de ser sentida e observada como parte da individualidade dos interlocutores, faz parte da ideia de que o indivíduo é autorresponsável na obtenção daquilo que almeja. A mente, hoje, é o território ao qual se busca conquistar. A mente humana, a psique, é a mercadoria. Por meio do uso e abuso das mentes é que o mercado tem sido expandido. Se hoje as redes sociais são uma grande fonte para o mercado, isso se dá porque, por meio delas, a mente torna-se moeda de troca. A introjeção da culpa é que faz e mediação da mente das pessoas com o mercado, e faz com que estas percebam-se como responsáveis por fracassos e sucessos.

O mercado tem influenciado o novo modo de olhar para as emoções e para a mente, sobretudo depois da crise sanitária, em que as pessoas passaram assumir uma maior necessidade de autocuidado. Esse maior autocuidado leva a ideia de que o cuidar de si é suficiente para lidar

com os sentimentos que estão sendo evocados; como se a fonte dessas emoções fosse de caráter exclusivamente individual, e não de experiências coletivas. Os significados destas, mediados pelo pensamento neoliberal, atuam de modo que as individualiza e as isola, o que transforma as pessoas em únicas responsáveis por aquilo que sentem e vivenciam (HAN, 2017, p. 71).

Essa perspectiva individualizante torna possível a responsabilização individual das crises existenciais experimentadas, principalmente em contextos de crises. As formas com que os jovens produzem significados para os seus sentimentos não tiveram relação somente com a crise sanitária e as novas demandas causadas por ela – como, por exemplo, a necessidade do ensino remoto e as mudanças nas dinâmicas interrelacionais. As imposições trazidas pela crise têm, na verdade, o papel de evidenciar as interpretações feitas pelos jovens da Geração Viral sobre suas experiências, que cada vez mais utilizam esse discurso individualizador como o paradigma interpretativo para seus sofrimentos (HAN, 2017). Uma fala, que também já tinha sido mencionada aqui, traz como o indivíduo incorpora em sua mente a ideia de responsabilidade por aquilo que experimenta. “No período da pandemia me sentia sufocada e no limite, me cobrava muito e tinha muitas crises de ansiedade. Depois da pandemia esses sentimentos foram amenizando (Mulher, Preta, 29 anos, estudante de Física Médica, 2023) (grifo nosso). Esse “me cobrava muito” demonstra como, a partir do paradigma neoliberal da produtividade, as pessoas colocam-se na posição de autoexploração. A culpa aqui, assim como diversos sentimentos que os jovens vivenciam/vivenciaram, resulta dos moldes impostos pela psicopolítica, como discutido por Han (2020). Narrativas que apontam: “Constante sensação de estar para trás, perda de oportunidades acadêmicas e pessoais limitações” (Mulher, Parda, 24 anos, estudante de Eng. Agrônômica, 2023) exigem contextualizações para que sejam observadas para além das individualidades. A jovem que escreveu esta fala também faz parte dos 89 jovens que afirmaram ter trabalhado presencialmente durante a pandemia. Esta, assim como as falas dos outros jovens aqui mencionados, indicam os resultados de um cenário de ascensão do paradigma neoliberal do sofrimento.

Dentro de um contexto em que a psicopolítica molda a subjetividade das pessoas, e consequentemente a produção dos sentidos atribuídos ao sofrimento, notei que as emoções experimentadas entre os participantes se apresentaram relacionadas a esse declínio no aprendizado, bem como à frustração das expectativas quanto à produtividade. Muitos jovens carregam, além disso, o sentimento de culpa e angústia, como se suas “incapacidades produtivas” fossem resultadas de escolhas individuais. Entendo que essa sensação de “ter ficado para trás” não surge, portanto, tão somente em razão do período pandêmico, e sim como

consequência desse paradigma individualizador dos sofrimentos. O processo de introjeção de uma autorresponsabilidade surge do processo de transformação do social para o psíquico. Os sujeitos transformam-se em operadores de performance. A noção de conflito com o externo desaparece, e é mobilizada uma internalização disciplinar de pressupostos morais de produtividade. A culpa surge por uma suposta improdutividade, que, neste processo, é apresentada subjetivamente como “amoral”. Mesmo diante de uma impossibilidade de exercício de uma atividade tida como produtiva, o indivíduo coloca-se como responsável e sente-se culpado (SAFATLE, 2020, p. 25).

Margareth Mead (2015), ao falar sobre a forma como os pais americanos ensinam seus filhos, diz que a inteligibilidade da vida das crianças americanas é medida a partir da comparação com outras crianças. Ela diz: “Se a menina da casa ao lado tem aulas de música, por que Mary não tem? Ou por que Mary deve ter aulas de música se a outra menina não tem?” (p. 62). Pensando sobre essa ideia, procurei analisar em que medida esse sentimento de culpa surge também dessa comparação, sobretudo porque esta não considera os fatores sociais que implicam na diferenciação das experiências. Se a menina da casa ao lado toca piano e Mary não, pensa-se somente que uma tem habilidades que a outra não tem. Não é pensado que Mary, talvez, simplesmente não tenha tido a oportunidade ou poder aquisitivo para contratar professores de piano. O sentimento de culpa, nutrido por uma comparação com o que é esperado quanto à produtividade, utiliza parâmetros de “sucesso” que são quase inalcançáveis para a maior parte dos jovens brasileiros. Ainda assim, é incutida nas subjetividades a ideia de que tudo é alcançável, basta que haja dedicação. Mesmo que individualmente alguns jovens tentem não se sentir culpados, os estímulos sociais os levam a responsabilizarem-se por eventuais “fracassos” em suas vidas. A dor psíquica, ainda que invalidada individualmente, é cultivada coletivamente, como uma “via sacra simbólica” indispensável, um percurso que deve ser percorrido individualmente para o alcance da salvação e dos objetivos desejados (LE BRETON, 2013, p. 92). Uma das interlocutoras escreveu:

Durante a pandemia c/ o isolamento social eu desenvolvi ansiedade, acredito que pelo sentimento de inutilidade pois não saia, e não conseguia me dedicar 100% aos estudos. Tenho um filho que demanda atenção e muitos docentes não entendiam e principalmente nas avaliações [ilegível] (Mulher, Parda, 25 anos, estudante de Eng. Química, 2023) (grifo nosso).

Mesmo que essa jovem não apresente de forma evidente o sentimento de culpa, a partir dessa fala, observa-se que o tratamento inflexível na conduta de alguns docentes gera a ideia de responsabilidade individual, mesmo em um contexto de crises, como se todos pudessem percorrer os mesmos caminhos desde que escolham alcançar o desempenho necessário. Essa

incompreensão por parte de alguns docentes também não se esgota em atitudes individuais, e são um reflexo de como as dinâmicas sociais estabelecidas dentro da academia também incorporam esse paradigma de individualização das vivências. Quando esta vivência de sofrimento, atravessada por situações de impossibilidade de maior “rendimento”, chega ao critério avaliativo de alguns docentes, a punição da indiferença é performada como uma consequência de uma falta cometida (LE BRETON, 2013, p. 106).

A pandemia contribuiu bastante p/ surgimento de várias inseguranças, medos, sentimento de incapacidade e desmotivação. Hoje me sinto bem melhor com relação a algumas questões, mas ainda carrego traumas e fragilidades causadas por ela (Homem, Pardo, 23 anos, estudante de Eng. Civil, 2023) (grifo nosso).

A sociedade brasileira atual impõe a ideia de aceitação das dores emocionais para a obtenção dos resultados esperados. Quando a culpa surge, atrelada a ela, surge também a sensação de que se poderia ter feito algo mais; poderia ter aguentado um pouco mais o sofrimento. “Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade” (HAN. 2020 P. 39-40). Dentro desta lógica, da qual se faz indispensável uma “otimização mental”, o jovem termina por passar por um processo de “finalização total da mente”³⁷ para o alcance da produtividade desejada. Quando o jovem não se submete a esse processo de finalização – ou acredita que o seu esgotamento poderia ser maior – introjeta nas análises de si mesmo a culpa como mediadora do conflito interno. A culpa significa para esses jovens o preço de existir dentro da sujeição e da subordinação neoliberal. Condenados a busca por reconhecimento, encontram na ideia de produtividade a possibilidade de existência. A sujeição explora esse desejo de existência, e materializa o sentimento de culpa quando a produtividade ideal não é alcançada (BUTLER, 2022 [1997] P. 29-30). O jovem, na sociedade de produtividade “surge contra si mesmo para, paradoxalmente, ser para si (BUTLER, 2022, p. 37).

Se as condições de existência estabelecem uma relação habitual com a dor, com o sofrimento, então as sociedades ou os grupos particularmente atingidos desenvolvem recursos físicos e morais que os tornam aptos a suportar suas doenças. As qualidades mais necessárias na luta contra a adversidade tornam-se valores altamente reivindicados, a resistência à dor é um critério de autoafirmação, um motivo de estima geral (LE BRETON, 2013, p. 131).

³⁷ Trago esta ideia de “finalização total da mente” a partir de Le Breton (2013) que, ao falar sobre a mudança de status do jovem durante ritos de passagem, disse que lhes é exigida, por meio de marcas físicas e da dor, uma finalização social de seu corpo e de sua identidade (p. 20). A “finalização total da mente” como o rito de passagem para o reconhecimento da produtividade dos jovens dentro da sociedade regida pelo paradigma neoliberal de sofrimento e produção. O que pretendo aprofundar conceitualmente em outra oportunidade de pesquisa.

As falas aqui apresentadas estiveram atravessadas pelas desigualdades étnico-raciais, de gênero e de classe. Ao analisá-las em conjunto com os outros dados obtidos, vi como o pensamento de Frantz Fanon (2022 [1961]) permanece extremamente importante para as reflexões aqui presentes. Tendo observado os jovens participantes da pesquisa, entendi que, embora estes tenham diferentes vivências, estão em um lugar comum de subjugação às opressões estruturalmente estabelecidas no Brasil e nos países colonizados – embora em níveis distintos. A ideia de culpa é a materialização – ou a psicologização – dos açoites que dispensam o uso de mãos externas para punir e fazer sofrer.

A valorização da produtividade e das resistências às dores psíquicas favorecem à criação de meios simbólicos que fazem com que os jovens busquem suportar condições que os levam aos extremos emocionais (LE BRETON, 2013, p. 136-137). A dor, interpretada como uma experiência com a qual é necessário conviver, é utilizada como forma de mensurar a produtividade que se pode ou não alcançar. O sofrimento, aqui, é apenas notado e retirado dessa ideia de normalidade quando a intensidade da dor psíquica é tamanha que torna insuportável o exercício da vida cotidiana. É como se a dor psíquica fosse digna de atenção somente quando impede a produtividade das tarefas habituais da rotina (LE BRETON, 2013, p. 133). Diante das condições de existência as quais os jovens estiveram submetidos, pude observar que foi estabelecida uma relação habitual com a dor e o sofrimento psíquico. A adoção da normalidade da dor mostra-se como um dos recursos utilizados por esse grupo em consequência à lógica neoliberal. Esta habitualidade justifica moralmente o porquê de serem experiências que devem ser suportadas. É atribuído moralmente valor ou desvalor às pessoas de acordo com a resistência que essas têm às dores psíquicas, e por isso surge a culpa e a autorresponsabilização. Nesse sentido, “a resistência à dor é um critério de autoafirmação, um motivo de estima geral” (LE BRETON, 2013, p. 131).

As mãos invisíveis da culpa, que conseguem acessar diretamente a mente dos indivíduos, é operada pela responsabilização individual das mazelas e sofrimentos que foram construídos e fortalecidos na mente dos povos colonizados. A dor psíquica, quase inevitável em um país como o Brasil, vista como um mal com o qual é preciso conviver, ao ser significada a partir do paradigma neoliberal da individualização, transforma o sofrer em uma ostentação simbólica da produtividade. O significado atribuído a essa dor, para que não seja perdido o prestígio social, faz com que os jovens busquem vivências de esgotamento de si mesmos (LE BRETON, 2013, p. 109-110).

Como diz Safatle (2020) “(...) o neoliberalismo nos levou a sofrer de outra forma, procurando retirar de nosso sofrimento psíquico a consciência potencial da violência social” (p. 44). Para o caso específico desta pesquisa, é como se as partilhas das narrativas de sofrimento entre os jovens da Geração Viral evidenciem a percepção de esgotamento da mente como necessário na busca por sobrevivência, em que a culpa surge como um dos elementos que localizam no indivíduo a produção e a reprodução da responsabilidade pelo sofrer.

3.3. Ausência do Estado Enquanto Materialização da Individualização Neoliberal

Durante meu Estágio Docente, quando discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e sob supervisão de meu orientador, o professor Frank Marcon³⁸, tive momentos em que pude falar sobre a minha pesquisa com os alunos da UFS, o que me possibilitou, de outro modo, novamente ouvir alguns jovens da graduação acerca do que eu estava investigando. Muitas intervenções e falas foram feitas pelos alunos, o que foi bastante proveitoso e me ajudou em parte das reflexões aqui trazidas. Entre as narrativas que pude ouvir, uma foi bastante marcante. Um jovem aluno disse que no começo da pandemia acreditava que aquele período seria um momento oportuno para alcançar seus objetivos. Ele queria ingressar no curso de Medicina na UFS, e via a crise sanitária – pelo menos em um primeiro momento – como um período que poderia ser aproveitado para “dar o seu máximo”. Ele deixou claro durante a sua fala que antes via isso como uma vantagem que ele tinha em relação aos “concorrentes”; que poderia buscar superar a si mesmo e as pessoas que não tinham as mesmas oportunidades que ele. Ele concluiu sua fala dizendo que o ritmo que ele adotou o fez entrar em um processo de adoecimento psíquico, a princípio não admitido por ele mesmo, mas que após ser alertado por familiares e amigos, viu que esse “estilo de vida” o fez entrar em processo depressivo³⁹. Vi esta experiência não como um resultado necessariamente ligado ao período da pandemia. Embora as mudanças trazidas pela pandemia da COVID-19 tenham possibilitado uma visão maior quanto às formas de existir em sociedade, acredito que o período, por si só, não causou esta e as outras experiências de sofrimento entre os jovens. Boa parte dessas vivências surgem em razão dessa suposta necessidade de produtividade e manutenção da funcionalidade de si mesmo. Os jovens, dentro da sociedade impregnada pelo neoliberalismo, crescem para encontrar um mundo de supostas escolhas que ofuscam seus olhos não acostumados (MEAD, 2015, p. 34). Esse jovem ao perceber-se nessa situação, teve sua visão ofuscada pela crença da liberdade de

³⁸ Fiz meu Estágio Docente em uma turma de Antropologia I, composta por alunos de diversos cursos da UFS, durante o período letivo de 2022.2.

³⁹ Ele disse que se percebeu com depressão, mas não cheguei a perguntar se ele fora diagnosticado ou se assim tinha interpretado. Acreditei que não seria oportuno diante da delicadeza do assunto e do momento.

escolha, isto é, acreditou que podia escolher produzir e chegar ao seu limite – ou até ultrapassá-lo – para alcançar o seu objetivo de entrar no curso de Medicina.

Outro dia, já no ano de 2023, resolvi tirar um momento para ir ao cinema. Minha intenção era me distrair. Geralmente não pesquiso sobre as sinopses dos filmes que quero assistir nas telonas, escolho a partir do título e do cartaz e espero pelas surpresas da história. Naquele dia não queria pensar na pesquisa ou em qualquer coisa que a ela fosse relacionada. Não obtive sucesso. O filme, que ganhou o título de “O Renascimento⁴⁰” aqui no Brasil, tratava da vida de um pintor francês em decadência que, em meio a sua situação social, estava passando por depressão – ou ao menos era o que ele acreditava. Em um dado momento do filme, um amigo deste pintor diz a ele que não precisava se preocupar por estar passando por isso, afinal, no século XIX, o jeito melancólico e a depressão eram habituais e acompanhavam a personalidade dos grandes artistas. Quando ouvi isto pensei na ideia de habitualidade com que a sociedade vê determinadas expressões de sofrimento, em especial no sofrimento psíquico visto como natural entre os jovens.

As conversas de corredor, as notícias nos jornais, os memes na internet, todas essas coisas, acrescidas da regularidade com que as “ansiedades” foram evocadas por situações de sofrimento, criaram a ideia de dor psíquica enquanto uma situação cotidiana. Esta forma de sofrer, enquanto uma experiência acumulada e partilhada, tem levado diversos grupos jovens a uma expectativa do sofrimento habitual (LE BRETON, 2013, p. 110). Tanto parece habitual que não tive grandes dificuldades em encontrar jovens discentes da UFS que quisessem falar sobre suas experiências emocionais de sofrimento. A ritualização do bom humor ao abordar essa forma de dor foi evidenciada durante minhas idas a campo, como expliquei anteriormente. Esta ritualização também demonstra a habitualidade com que esse sofrimento é percebido. Por ser rotineiro, é algo com o qual seria preciso conviver e não precisaria ser abordado com seriedade, afinal, refletir profundamente sobre, sem o uso de um estilo bem-humorado, poderia ser uma das causas de reabertura das feridas que foram criadas e recriadas pelo período da pandemia (LE BRETON, 2013, p. 159). A ideia de normalidade da dor psíquica ganha legitimidade quando a partilha dessa dor alcança o senso comum.

Quando alguém, apesar de seu sofrimento, continua produzindo, então esse alguém é visto positivamente como meritoso. Isso complementa o que mencionei sobre o sentimento de culpa, pois aquele ou aquela que não consegue superar seu sofrimento e permanecer como

⁴⁰ Filme dos gêneros comédia e drama lançado em 2023, dirigido pelo diretor Rémi Bezançon.

alguém “funcional” não recebe o mesmo *status* social que aquele que esgota todos os seus limites em prol da produtividade.

Os fermentos e as patologias internas são assumidos como uma contrariedade à qual a pessoa se adapta segundo uma moral cultural que se transforma, às vezes, em demonstração de excelência. Quando se é privado de tudo, resta ao menos o próprio corpo para atestar a existência da pessoa aos olhos dos outros. (LE BRETON, 2013, p. 133) (grifo nosso)

Dentro da sociedade conduzida pelo paradigma neoliberal, para serem melhor geridas, as relações de trabalho e a ideia de produtividade foram “psicologizadas”. Isso fez parte de um processo de transformação social em que uma nova definição de normalidade foi aceita. As experiências que não refletem essa “normalidade produtiva” são vistas como a expressão de uma patologia individualizada. Essa “patologização” individualizada também é utilizada como um marcador social que produz e reproduz a estigmatização de determinados grupos sociais. No caso dos jovens, socialmente visto como instáveis emocionalmente e como naturalmente rebeldes, “patologizar” os seus sofrimentos também termina por ser uma forma de reduzir as suas experiências de dor à ideia individualista de que estas decorrem dessa fase da vida, e não das reiteradas violências sociais as quais as juventudes são submetidas, como diria Safatle (2020, p. 32), sobre a constituição do sujeito no neoliberalismo.

Pouco depois de ter feito a aplicação dos questionários, pude assistir ao filme “Bicho de Sete Cabeças”⁴¹. Neste filme, Rodrigo Santoro interpreta o adolescente Neto, que, após seu pai encontrar um cigarro de maconha entre suas coisas, passa pela experiência de internamento em um hospital psiquiátrico. Embora o filme tenha chegado aos cinemas no ano de 2000, retratando a relação entre a experiência de um jovem de outra geração com o uso de psicoativos, chamou a minha atenção o fato de que o pai de Neto já vinha demonstrando insatisfação com a “rebeldia” de seu filho, o que fez desse achado uma possível oportunidade de “resolver o problema” com um tratamento psiquiátrico individualizado. Lembrei que apesar de a reforma psiquiátrica ter reestruturado os hospitais psiquiátricos, ainda há uma predominância de foco na psiquiatria e da terapia medicamentosa como a solução para os “problemas” supostamente inerentes ao período da juventude (MALUF, 2020, p. 187).

Na oportunidade que tive de falar com alunos do curso de Ciências Sociais da UFS⁴², quando falei sobre o crescimento dos diagnósticos psiquiátricos, uma jovem falou a sua experiência. Ela disse que fora diagnosticada com síndrome do pânico, e mesmo já tendo

⁴¹ Filme do ano 2000, dirigido por Laís Bodanzky, que teve o roteiro adaptado a partir do livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80005240>>.

⁴² Que mencionei anteriormente nas notas de rodapé 27 e 36.

suspendido a utilização dos medicamentos psicotrópicos, até hoje sofria com os seus efeitos. Logo após esta declaração, lembrei de uma matéria que tinha lido recentemente⁴³, e a perguntei se ela, no momento da prescrição médica, foi informada desses efeitos e da duração que eles poderiam ter. Ela então balançou a cabeça negativamente e disse “Não”. Disse ainda que somente foi alertada por sua própria mãe que, embora ainda faça uso de “medicamentos para dormir”, pediu que interrompesse o uso dos psicotrópicos. A matéria da qual recordei falava sobre a falta de informações quanto aos efeitos colaterais dos antidepressivos. Nela é demonstrado que se para alguns, mesmo com estes efeitos, valia a pena o consumo desses medicamentos, para outros esses efeitos são mais danosos do que a causa que os fizeram receber as prescrições. Ainda de acordo com esta matéria, é possível perceber que, por vezes, os efeitos causados em razão dos psicotrópicos ainda estão em processo de descoberta para os cientistas, o que mostra que existe um grande número de prescrições de antidepressivos não porque é o mais adequado para o caso, mas sim porque esta tem sido a conduta mais adotada pela comunidade médica. É dito, inclusive por militantes de movimentos sociais, que a Reforma Psiquiátrica só foi possível em razão da existência de psicofármacos capazes de conter as pessoas fora dos muros dos manicômios (MALUF, 2020, p. 187). A anestesia causada por essa forma de terapia medicamentosa é um atributo que demonstra a comodidade de seu uso, uma vez que uniformiza a rotina dentro dos consultórios médicos, que, embora apresente seu caráter terapêutico, estimula o preterimento da escuta; a escuta deixa de ser necessária, basta que a dor, independentemente das causas sociais, possa ser anestesiada e atenuada (LE BRETON, 2013, p. 77).

Hoje não há mais os manicômios aos moldes dos quais Frantz Fanon pôde analisar. Não há, portanto, uma centralização da exclusão social por meio desses tipos de hospitais psiquiátricos. Hoje a cura ganha formas aparentemente individuais, em que cada “paciente” recebe sua prescrição médica de psicotrópicos denominados “tarjas preta”⁴⁴. Esses tratamentos “personalizados” e individualizados deixam mais leves os ombros do Estado – que antes era

⁴³. “Não nos alertaram sobre efeitos colaterais de antidepressivos: as famílias que sofreram impactos profundos”. BBC NEWS Brasil. 22 agosto 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjldzzjxdkwo>>. Acesso em: 24 ago 2023.

⁴⁴ “São medicamentos que precisam de controle maior para serem comercializados. Geralmente, são fármacos que afetam o sistema nervoso central, podendo causar dependência ou levar à morte e que só podem ser adquiridos mediante apresentação de prescrição médica que deve ser retida com o farmacêutico”. Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <<https://bvsm.sau.gov.br/entenda-o-significado-das-tarjas-coloridas-nas-embalagens-dos-remedios/:~:text=Tarja%20preta%3A%20s%C3%A3o%20medicamentos%20que,ser%20retida%20com%20o%20farmac%C3%AAutico.>>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

responsável por administrar hospitais como os de Barbacena⁴⁵. Aqueles, os “loucos” e os indesejados sociais, que não mais são presos nos cárceres dos manicômios, hoje recebem uma suposta autonomia ao conseguirem suas medicações e poderem seguir para o isolamento e a invisibilização social de suas próprias casas.

O holocausto brasileiro pode não mais acontecer por meio da institucionalização da “loucura”, mas essa individualização e responsabilização trazida por diagnósticos uniformizadores demonstram a sua relação com os mecanismos utilizados pelo Estado para isentar-se das responsabilidades nos atendimentos psicossociais dos grupos vulnerabilizados, o que inclui os jovens. Essa individualização coloca o peso da responsabilidade, retirado das costas do Estado, no estigma da juventude como produtora das suas próprias instabilidades emocionais. Se antes existia uma desumanização institucionalizada, na medida que os indesejados sociais eram abandonados nos hospitais, hoje, perceber que tantos jovens se sentem abandonados em si mesmos, imaturos emocionalmente e culpados por sentirem-se assim mostra que, apesar da reconfiguração do modelo de cuidado proporcionado pela Reforma Psiquiátrica, o ostracismo social ainda acontece. Antes, os “indesejados sociais” eram aprisionados em um hospital, agora a prisão parece ser individualizada e vir dentro das caixas dos medicamentos distribuídos e/ou comercializadas em farmácias.

Apesar dessa forma de tratamento ser a mais percebida nos últimos tempos, ela não tem sido a única. Nessa mesma ocasião mencionada acima, uma outra jovem apresentou uma experiência totalmente diversa. Relatou que em razão dos estudos para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) experimentou momentos de ansiedade. Disse que não foram graves, mas que resolveu buscar um médico. Por ser algo interpretado como de menor gravidade, recebeu a indicação de fazer exercícios físicos que, de acordo com esta, resolveram estes problemas. Naquele momento pensei em como receber esse tipo de indicação tem sido quase um privilégio, uma vez que o que tem sido demonstrado como predominante são as prescrições medicamentosas. Atualmente existe uma excessividade de aplicação do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) como conduta predominante em serviços de atendimento da rede psicossocial e da atenção básica. Isso influi, além do aumento do uso dos

⁴⁵ O Hospital Colônia, que era localizado na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, foi palco do chamado “Holocausto Brasileiro”, onde, entre os anos de 1930 e 1980, foram contabilizadas 60 mil mortes. Esse fato, que parecia ter permanecido esquecido da história do país durante décadas, foi retomado em 2013, quando a jornalista Daniela Arbex publicou o livro “Holocausto brasileiro – Vida, Genocídio e 60 mil mortes no maior Hospício do Brasil”. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/holocausto-brasileiro-tortura-fome-e-60-mil-mortes-em-hospicio/>>.

psicotrópicos entre os diversos grupos sociais, em uma patologização e individualização das experiências de sofrimento, tanto nesses serviços de atendimento quanto pelo próprio indivíduo quando faz a interpretação das suas experiências (MALUF, 2020, p. 189).

Como forma de solução dos “problemas” experimentados pelos jovens, em um regime social neoliberal de otimização e individualização, acredita-se que “para continuar vivendo apesar de tudo, é preciso fazer sacrifícios” (LE BRETON, 2013, p. 40). Este sacrifício não se dá a partir de qualquer pessoa, e sim por meio da anestesia da consciência de indivíduos de grupos sociais específicos. Uma pessoa da minha família, uma jovem mulher de 25 anos, fora recentemente procurar atendimento em uma urgência após ter tido uma crise de ansiedade durante seu horário de trabalho. Ela me contou que quando o médico lhe entregou a receita de Clonazepam⁴⁶ logo pensou que não o tomaria. Mesmo sabendo da sua situação naquele momento, e que consumir aquilo poderia atenuar rapidamente o que sentia, ela acreditava que aquilo não resolveria os seus problemas, mas sim os acentuaria, já que percebia ser uma medicação com múltiplos efeitos colaterais. Recordo que ela disse que tinha receio da dependência que ele poderia causar se resolvesse utilizá-lo todas as vezes que sentisse ansiedade. Vale ressaltar que ela afirmou que essa fora uma reflexão com base no que ela sabia sobre a medicação, e não porque o médico a alertou quanto aos efeitos possíveis. A pandemia evidenciou a maneira como a saúde é vista e administrada. Interpretada como uma questão individual a ser solucionada, as políticas de cuidado com a saúde mental são criadas a partir da visão “bio-farmaco-médica” da saúde pública (MALUF, 2021, p. 282).

Com esses relatos apresentados, pergunto-me qual seria o porquê de essa conduta medica ser tão adotada. Achei este último caso emblemático justamente por acontecer durante o horário de trabalho e por já ter ouvido da familiar citada diversas reclamações quanto às formas de exploração as quais a empresa em que trabalha submete os seus funcionários. O tratamento medicamentoso transfere para o jovem a responsabilidade de lidar com os efeitos das explorações e submissões que ele sofre. Na “gramática social do sofrimento” produzido pelo paradigma neoliberal, os psicofármacos parecem ser o instrumento eficaz de anulação da dimensão da revolta e de individualização que exprime o sofrimento psíquico (SAFATLE, 2020, p. 34).

⁴⁶ “O clonazepam pertence a uma família de remédios chamados benzodiazepínicos, que possuem como principais propriedades inibição leve de várias funções do sistema nervoso permitindo com isto uma ação anticonvulsivante, alguma sedação, relaxamento muscular e efeito tranquilizante”. EMS. Disponível em: https://www.ems.com.br/arquivos/produtos/bulas/bula_clonazepam_10804_1077.pdf. Acesso em: 20 jan. 24.

Com os psicotrópicos é possível dar uma parte da própria consciência, anestesiando-a, para que a dor possa ser mascarada (LE BRETON, 2013, p. 40). No regime neoliberal a dor anestesiada é produto do próprio sistema. Este sistema tenta ocultar aquilo que ele mesmo deu causa e forma. Nele a dor é útil pois cria distância entre as pessoas, as mergulha em um universo inacessível aos outros. A “(...) dor isola e retém cada um em suas garras particulares” (LE BRETON, 2013, p. 41). Ao desagregar os indivíduos, estes são inseridos individualmente no sistema. Essa inserção individualizadora significa os sofrimentos e as mazelas sociais como se fossem produtos das próprias individualidades.

Nem toda adolescência e juventude é marcada por “perturbações” e doenças da mente, como bem trouxe Margareth Mead (2015 [1928]), quase um século atrás, com o exemplo das adolescentes de Samoa. Ao longo desta pesquisa, tive a impressão de uma naturalização dos problemas de saúde mental entre os e as jovens a partir de uma abordagem da questão como algo inevitável. Programas e projetos que busquem retirar os estigmas que envolvem o tema e busquem trazer uma “alfabetização emocional” para os jovens, sozinhos, reforçam essa inevitabilidade do que trazem as soluções para atenuar os sofrimentos impostos às juventudes nas sociedades ocidentalizadas.

Estudos recentes têm mostrado que a implementação de intervenções de alfabetização em saúde mental em adolescentes aumenta a alfabetização em saúde mental, reduz o estigma e melhora o bem-estar emocional e a resiliência (Chisholm et al., 2016; Corrigan et al., 2012; Wei et al., 2013). Outros estudos também mostram que o estigma e a falta de conhecimento têm sido associados a um atraso crônico na procura por ajuda (Jorm, 2012; Zachrisson et al., 2006; Kelly et al., 2007; Gulliver et al., 2010) mostrando que apenas uma minoria dos jovens que sofrem de um transtorno mental diagnosticável tem acesso a ajuda profissional.

(...)

Alguns programas de "alfabetização em saúde mental", como o Mindmatters (Wyn et al., 2000), Mental Health First Aid (Kelly et al., 2011), Headspace (Muir et al., 2009) y Youthspace (Birchwood y Singh, 2013) têm demonstrado: a) melhoria do conhecimento e capacitação da população sobre saúde mental; b) aumento da capacidade de detecção de transtornos mentais; c) facilita o acompanhamento na procura de ajuda; e d) redução do estigma (tradução nossa) (CASAÑAS; LALUCAT, 2019, p. 125).

Pude ler este trecho mencionado em um artigo presente na *Revista de Estudios de Juventud. Promoción de la salud y bienestar emocional en los adolescentes: panorama actual, recursos y propuestas*, publicada em 2019. Vale ressaltar que esta publicação fora feita antes da pandemia da COVID-19, que trouxe mudanças nas formas de perceber a saúde mental e a própria juventude. Este trecho chamou a minha atenção porque me trouxe a ideia de uma naturalização dos problemas com a saúde mental dos jovens, sem que fossem devidamente associados às causas sociais que os produzem. Apesar de atualmente reconhecer o cuidado com

a saúde mental ser algo importante para o bem-estar social, olhar para o que os jovens estão passando hoje e somente pontuar que a solução reside na busca por retirar o estigma e incentivar a procura por tratamentos não leva ao cerne da questão. Tanto o estigma quanto a própria doença são produtos sociais. Como mencionado, nem toda adolescência e juventude é uma experiência de adoecimento da mente. Para a sociedade, como ela está hoje, é importante um olhar que forneça o tratamento para quem está passando por isso, mas a solução em si, ao meu ver, não estaria em uma prevenção individualizante e uma incorporação escolar de uma disciplina que valorize a saúde mental – como é defendido, por exemplo, no trabalho mencionado acima. Essas alternativas podem, sem dúvidas, remediar os efeitos dessa epidemia de transtornos que os jovens tem experimentado e utilizado para interpretar os seus sofrimentos, mas não chegam ao ponto onde as dores psíquicas são causadas, logo, não geram de fato uma prevenção. Programas com este tipo de intuito podem influenciar a individualização da origem dos sofrimentos.

Para que as dores experimentadas por jovens possam ter uma política de enfrentamento realmente interessada em solucioná-las e desestigmatizá-las é indispensável que existam definições mais claras quanto às suas origens, onde a solução não seja reduzida à individualidade das pessoas.

Além disso, as ideias que orientam a perspectiva hegemônica de intervenção medicamentosa e clínica não são neutras em seus valores. Esses valores advêm de discursos com forte teor normativo produzidos pela racionalidade econômica do modelo social neoliberal. Nesse sentido, além de mencionar como as perspectivas biologicistas são predominantes nas políticas públicas de saúde direcionadas aos jovens, enfatizo que estas perspectivas estão inseridas no sistema de valores que trazem à vida social uma busca por supostas autonomia e produtividade. Valores morais são mobilizados para justificar a defesa da suposta autonomia que os indivíduos tem quando optam por sair dos braços paternos do Estado e assumir a responsabilidade dos riscos impostos pelas próprias vidas. A moralidade desta ideia reside na valorização que é dada a aceitação desse risco, o que está vinculado com o que pode apresentar sobre a ideia de culpa pelos próprios sofrimentos; culpa por não ter conseguido superar os riscos de viver (SAFATLE, 2020, p. 18).

Como afirma Sônia Maluf (2020), ainda há a predominância de uma visão individualista nas políticas públicas que lidam com o sofrimento das pessoas, onde a perspectiva “biologicista” termina por ser o que demarca a ideia dominante de vulnerabilidade social. Esta visão, associada aos estigmas que envolvem e percebem a juventude enquanto um “problema”,

traz respostas individualizantes que não observam as experiências de sofrimento dos jovens em suas dimensões sociais e interseccionais (p. 190).

Com a promulgação da Constituição Federal em 1988, como resultado das conquistas dos movimentos sociais, o direito a saúde fora definido como um direito subjetivo⁴⁷ e de todos. A ideia de que todos são titulares desse direito considera a perspectiva da universalidade dos Direitos Humanos, na qual, independentemente das circunstâncias sociais e culturais, todos são considerados jurídica e antropologicamente como iguais. Ao observar que no Brasil, desde 2016, os avanços nas garantias a direitos passaram por profundo processo de mitigação, essa igualdade em acessar direitos – e em específico o direito à saúde –, é limitada pelas desigualdades próprias da sociedade brasileira (MALUF, 2020, p. 183).

Com esta pesquisa etnográfica pude observar como a pandemia evidenciou as desigualdades e assimetrias nos modos de tratar jovens de diferentes classes sociais (MALUF, 2020, p. 188). Nos dados obtidos, entre os jovens que tiveram acesso à auxílio psicossocial, na resposta à pergunta 14b do questionário Anexo 2, que perguntava sobre o tipo de atendimento que o jovem tivera, 154 (68%) dos que responderam disseram ter sido atendidos por meio da rede privada, enquanto 73 (32%) foram atendidos pela rede pública – como demonstrei anteriormente a partir do Gráfico 9. Enquanto alguns conseguiram ter um acompanhamento com psicólogos ou psiquiatras por poderem acessar a rede privada de saúde, outros não conseguiram nenhum tipo de atendimento ou, quando – por sorte ou acaso – conseguiram, já estavam em profundo sofrimento. Os relatos que pude observar nas diversas situações aqui mencionadas mostram que aqueles que não podiam pagar por atendimento só conseguiram ser atendidos pela rede pública com muita dificuldade.

A abordagem antropológica dos direitos humanos tem considerado o paradoxo entre universalidade (princípio originário dos direitos humanos) e diversidade/diferença. De um lado, os direitos humanos se baseiam na concepção ou configuração de Pessoa hegemônica da modernidade, o indivíduo e a noção de sujeito de direito universal. De outro, a constatação política ao longo da história de que esse sujeito dos direitos humanos não é tão universal assim – e que recortes étnicos, culturais, de gênero, de raça, entre outros, que remetem tanto aos direitos de “outros” sujeitos individuais quanto aos direitos coletivos, têm sido reiteradamente negados ou invisibilizados ao longo da história (MALUF, 2020, p. 192).

As situações e narrativas aqui descritas mostram que se, por um lado, a ideia de universalidade dos direitos humanos possibilita o enfrentamento à desigualdade, por outro a ideia de ser humano universal mascara a perspectiva eurocêntrica e hegemônica de ser humano, o que é útil para a ideologia liberal e neoliberal, já que coloca os indivíduos como responsáveis

⁴⁷ Ou seja, ele passou a ser exigível perante o Estado.

por ter acesso ou não aos direitos básicos do ser humano; por conseguirem ou não superar os “riscos” e as dores supostamente naturais de viver em sociedade (MALUF, 2020, p. 192).

Sem levar em consideração aspectos culturais, simbólicos, coletivos e cosmopolíticos, é muito difícil os serviços de saúde mental darem conta dessa realidade, pois suas concepções de adoecimento ou sofrimento mental são individualizadoras e fundamentas em uma concepção individualista da Pessoa (MALUF, 2020, p. 193).

Ainda sobre a minha experiência com os alunos de Ciências Sociais durante o estágio docente – anteriormente mencionado –, os jovens que tinham saído recentemente do Ensino Médio relataram como fora também as suas experiências de fazer os últimos anos da Educação Básica em meio à pandemia, e mencionaram sentir um crescimento da necessidade de psicólogos nas escolas. Uma das jovens presentes disse que, na escola em que ela estudou – que é vista como uma das melhores escolas públicas do Estado de Sergipe –, os alunos pediam à direção que fossem incluídos psicólogos na escola para que pudessem atender a forte demanda por atendimento psicossocial entre os alunos. Esta disse ainda que, apesar desses pedidos, a única coisa que fora feita foi uma palestra “genérica sobre saúde mental”. Ela ainda mencionou que esta palestra além de não solucionar os problemas dos adolescentes provocou diversos “gatilhos” entre os que estavam presentes, para os quais não havia recursos humanos profissionais preparados para os amparar na escola. Quando ouvi este relato – assim como outros relatos de adolescentes de meu convívio que disseram coisas semelhantes – pensei em como este problema é sistematicamente estabelecido para os jovens de diversas faixas etárias. Também não é possível pensar nesse assunto sem perceber a relação que isso tem com a vulnerabilidade social. Percebe-se que nas escolas públicas surgem demandas de todo tipo, que envolvem desde alunos que precisam de acolhimento psicossocial – como os mencionados –, até os alunos que frequentam as escolas para ter acesso à merenda escolar – muitas vezes a única refeição do dia da criança e do jovem⁴⁸. As escolas públicas brasileiras terminam por ser um território onde há o encontro e a evidenciação de todos os problemas sociais enfrentados pelos adolescentes e jovens brasileiros vulnerabilizados. Esse encontro dos problemas sociais que envolvem a juventude dentro deste território parece inevitável, mas é fruto da invisibilização das demandas sociais deste grupo historicamente ignoradas.

A juventude, vista como um problema pela sociedade, faz emergir as emoções nas experiências dos jovens que ligam os seus sentimentos as suas próprias individualidades, como pude destacar anteriormente. As narrativas aqui apresentadas, mediadas pelo discurso do

⁴⁸ “Brasil: crianças que só têm alimentação na escola passam fome nas férias”. Observatório do Terceiro Setor. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-criancas-que-so-tem-alimentacao-na-escola-passam-fome-nas-ferias/>>. Acesso em: 04 fev. 2024.

adoecimento, demonstram como as emoções experimentadas, intimamente significadas como individuais, enfatizam a falta de perspectiva que atravessa a maior parte das experiências dos jovens brasileiros (SANTANA [et. al.], 2021, p. 163), como, por exemplo, o jovem que trabalhou durante a pandemia de forma presencial e escreveu no questionário “A ansiedade se apresentaria principalmente em relação a dúvidas e incerteza sobre futuro e graduação” (Pardo, 22 anos, estudante de Fonoaudiologia, 2023).

A ausência prolongada de instrumentos normativos com direitos específicos dos jovens simboliza essa invisibilidade estruturalmente estabelecida no Brasil. Mesmo com o processo de redemocratização e a promulgação da Constituição Federal de 1988, os jovens passaram quase duas décadas sem garantias específicas de seus direitos, uma vez que somente há 10 anos atrás, em 2013, com o advento do Estatuto da Juventude (Lei nº 12852, de 05 de agosto de 2013) é que surgiu um instrumento legislativo próprio, agregando a população etária entre 15 e 29 anos em uma categoria social assim reconhecida objetivamente pelo Estado⁴⁹ (SANTANA. [et. al.], 2021, p. 153-154). Além disso, é importante destacar que, como pude apresentar anteriormente, durante boa parte do período de vigência dessa lei, o Brasil passou por um processo de desmonte das estruturas de atendimento à população socialmente vulnerabilizada, o que inclui a juventude, que só teve suas pautas reincorporadas aos planos de gestão do governo federal em 2023. A ausência do Estado no enfrentamento à vulnerabilização causada pelos sofrimentos sociais dos jovens é a materialização da individualização e invisibilização das pautas da juventude. O fato de ter sido difícil encontrar, ao longo desta pesquisa, um grande número de jovens “adoecidos”, como se fosse uma massa de pessoas que são individualmente enfermas e instáveis, é, na verdade, um reflexo de como a juventude brasileira é massivamente submetida às relações de poder, à precarização e à opressão.

Compreendendo que nossos meios não são humanamente inevitáveis nem ordenados por Deus, mas fruto de uma longa e turbulenta história, decerto podemos examinar, sucessivamente, todas as nossas instituições que se tornaram muito mais claras graças ao confronto com a história de outras civilizações, pesando-as na balança, sem medo de considera-las deficientes (MEAD, 2015, p. 65).

A forma com que o jovem é tratado e significado socialmente o coloca como responsável e culpado pelos sofrimentos que vivencia. Ao reconhecer que a razão dessas vivências, significadas a partir da ideia de adoecimento, não são originadas pela juventude em si, reconhece-se que os fatores que geram o sofrer fogem ao controle individual. Observar estas narrativas de sofrimento torna possível estabelecer a relação que existe entre as dores

⁴⁹ Isso sem considerar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), implementado em 1990, que compreende apenas parte do que é considerado legalmente como jovem no Brasil.

apresentadas e a ausência do Estado idealizado como garantidor do bem-estar coletivo. As políticas públicas de cuidado com a saúde mental dos jovens, para serem efetivas, além de dar visibilidade ao tema, precisam reconhecer a invisibilização das origens sociais das experiências de sofrimento, bem como as implicações que isto tem para os jovens e para suas famílias⁵⁰. A escuta das vozes silenciadas das juventudes, sobretudo as vulnerabilizadas e empobrecidas socialmente, possibilita dissipar o “abismo comunicacional” que inviabiliza as políticas públicas verdadeiramente operacionalizáveis dentro das múltiplas realidades existentes (SANTANA. [et. al.], 2021, p. 166).

Esta investigação me fez entender que o possível adoecimento em massa entre os jovens certamente não é inevitável. Também não é inevitável a forma com que a juventude é localizada dentro da sociedade política e socialmente individualista e neoliberal. Por ser fruto de longa história de invisibilização e precariedade (MARCON, 2018), o olhar que percebe os aspectos culturais, sociais e políticos que envolvem a experiência estruturalmente estabelecida para os jovens brasileiros é fundamental para elaboração de respostas eficazes para atual situação psicossocial de uma parcela considerável dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma com que as representações dos jovens foram e são feitas durante e após o cenário pandêmico reforçam e recriam as estigmatizações atribuídas à juventude. Vistos enquanto “emocionalmente instáveis”, os jovens passaram a ter seus sofrimentos interpretados e narrados como se fossem produtos naturais de seus corpos e mentes, sem que os atravessamentos proporcionados pelas vulnerabilidades sociais fossem considerados.

A naturalização da dor, narrada enquanto enfermidade, torna o indivíduo jovem o único responsável – e culpado – por suas experiências de sofrimento. Por isto, ao longo do texto, apresentei as circunstâncias sociais que foram – e continuam sendo – o plano de fundo das experiências emocionais aqui analisadas, mesmo quando estas foram interpretadas como parte de um processo de adoecimento. Novamente, meu intuito não foi deslegitimar o que fora narrado pelos jovens, tampouco as eventuais enfermidades existentes em suas experiências, mas sim observar as falas analisadas para além da sua dimensão supostamente “natural”, uma

⁵⁰ “Mulheres são as principais cuidadoras de pessoas com distúrbio neurológico”. Mídia NINJA. Disponível em: < <https://midianinja.org/news/mulheres-sao-as-principais-cuidadoras-de-pessoas-com-transtorno-neurocognitivo-maior-demencia-aponta-estudo/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

vez que esta ideia de adoecimento pode reproduzir o paradigma neoliberal de individualização das causas das dores decorrentes das vivências sociais de sofrimento.

Por meio da perspectiva etnográfica, pude observar o fenômeno social do adoecimento mental dos jovens para além da perspectiva restritivamente biomédica (MALUF, 2020, p. 131). As experiências emocionais foram significadas por este grupo dentro do contexto pandêmico, no qual o compartilhamento de conceitos vinculados à saúde mental ganhou espaço nas mídias sociais (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 189-191). Ao longo da pesquisa, entendi que o processo de adoecimento narrado, em muitos casos, era um reflexo da “viralização” da linguagem médico-psiquiátrica entre os jovens da chamada Geração Viral. Como resultado de processos interativos e comunicativos – como os memes, por exemplo – em que os jovens construíram uma rede de significados para as suas experiências, o discurso da doença mental entre os jovens ganhou forma e legitimidade no mundo do senso comum (ALVES, 1994, p. 98). Isto me fez perceber que, embora as vivências dos jovens tenham sido caracterizadas como enfermidades, isto não ocorre em razão de um “fato”, mas de uma interpretação sobre.

A partir das narrativas dos participantes desta pesquisa, vi a maior vulnerabilização emocional entre os jovens, apontada por diversas pesquisas – como no relatório da WHO (2022) –, é um dos resultados da vulnerabilização social a qual o jovem está sendo submetido. A linguagem médico-psiquiátrica passou a ser adotada pelos jovens para dotar de significado as suas experiências emocionais dos últimos anos (LE BRETON, 2013). Percebi que cada vez mais as e os jovens utilizam um discurso individualizador como o paradigma interpretativo das suas vivências. Por essas e outras razões, entendi que não é possível analisar em profundidade as suas experiências emocionais no contexto brasileiro da pandemia sem observar a crise sanitária no país como um cenário de intensificação das políticas neoliberais e extremistas, que tem como consequência o aprofundamento das vulnerabilidades sociais e o reforço do discurso individualizador das experiências.

As imposições trazidas pelas crises no Brasil não foram as únicas responsáveis por esse quadro de “desordem generalizada” vivenciada pelos jovens. Essas imposições, na verdade, tiveram o papel de evidenciar as interpretações feitas pela Geração Viral quanto às suas experiências, que cada vez mais utilizam esse discurso de adoecimento individualizado como o paradigma interpretativo dos seus sofrimentos (HAN, 2017). Assim, ao relacionar o contexto de desordem no Brasil – que entendo como produto da organização social brasileira – com o narrado pelos jovens, busquei demonstrar que as vivências deste grupo não são problemas

intrínsecos à juventude, mas sim resultado da constante vulnerabilização e empobrecimento imposto a maior parte da população no país.

Acredito que a ideia de adoecimento da mente pode ser o significado que a Geração Viral – que representa uma descontinuidade entre modos de ser e de compreender o mundo, como afirmariam Marcon e Neto (2021, p. 248) – tem partilhado para dar sentido aos sofrimentos experimentados, já que, como mencionei anteriormente, “uma dor identificada com uma causa, com um significado, é mais suportável do que uma dor que permaneceu no *nonsense*, não diagnosticada, não compreendida pelo ator” (LE BRETON, 2013, p. 71). Nesse sentido, mesmo quando as experiências narradas não apresentam outros aspectos sociais em comum além da juventude, vi que a “ansiedade” fora utilizada como uma “semissolução”, ou até um símbolo, para significar as experiências de sofrimento e dor psíquica vivenciada por meus interlocutores.

O pensamento de Frantz Fanon (2022 [1961]) foi extremamente importante para as reflexões aqui presentes. Tendo observado os jovens participantes da pesquisa, entendi que, embora estes tenham diferentes vivências, estão em um lugar comum de subjugação às opressões estruturalmente estabelecidas no Brasil e nos países colonizados – embora em níveis distintos. A ideia de culpa surgiu como a materialização – ou a psicologização – dos açoites que dispensam o uso de mãos externas para punir e fazer sofrer. Penso que a adoção do discurso médico-psiquiátrico, para significar as dores sociais enfrentadas, invisibilizam as diversas formas de desigualdade social que estão incorporadas às experiências de juventude em um país de iniquidades como o Brasil.

A dor psíquica, quase inevitável em um país como esse, vista como um mal com o qual é preciso conviver, ao ser significada a partir do paradigma neoliberal da individualização, transforma o sofrer em uma ostentação simbólica da produtividade. O significado atribuído a essa dor, para que não seja perdido o prestígio social, faz com que os jovens busquem vivências de esgotamento de si mesmos (LE BRETON, 2013, p. 109-110). Diante das condições de existência as quais os jovens estiveram submetidos, percebi a existência de uma relação habitual com a dor e com o sofrimento psíquico. A adoção da normalidade da dor mostra-se como um dos recursos utilizados por esse grupo em consequência à lógica neoliberal. Essa habitualidade, mediada pelas brincadeiras, jocosidades, memes da internet e senso de humor, justifica moralmente o porquê tais experiências devem ser suportadas.

O reconhecimento de que essas vivências, significadas a partir da ideia de adoecimento, não são originadas pela juventude em si, torna possível a apreensão dos fatores sociais que geram o sofrer e fogem ao controle individual. Essa investigação me fez perceber que o fenômeno social do adoecimento psíquico em massa não é inevitável, assim como não é inevitável a forma como a juventude é percebida e estigmatizada socialmente. Por ser fruto dessa longa história de invisibilização, olhar para os aspectos culturais, sociais e políticos que envolvem a experiência estruturalmente estabelecida para os jovens brasileiros é fundamental para elaboração de respostas eficazes para sua atual condição psicossocial.

Concluo as minhas análises dizendo que fico agora com a sensação de que a pesquisa foi como um rio de emoções que me convidava para um mergulho. Tive receio de atender a este chamado e me afogar em meio às águas profundas. Sobrevivi. Ainda sinto o frio causado por permanecer submersa por tanto tempo. Vejo agora que me permitir experimentar essas águas trouxe a compreensão das coisas que me atravessaram para além do Eu, para além da minha individualidade. Saiu desse rio cambaleante, porém transformada. Embora ainda veja as marcas das feridas causadas pela experiência, tomo a consciência de que enxergar o processo de nado como algo coletivo ajudou na cicatrização das dores em mim causadas.

REFERÊNCIAS

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. **Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga**. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>>.

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. (orgs.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. P. 1-23.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ALVES, P. C. O discurso sobre a enfermidade mental. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 91-100.

ANDRIOLO, Eric – Agenda Jovem Fiocruz. **Pesquisadores elaboram política de cuidado para jovens e adolescentes**. 07 ago. 2023. Disponível em:

<<https://agencia.fiocruz.br/pesquisadores-elaboram-politica-de-cuidado-para-jovens-e-adolescentes>> Acesso em: 26 set. 2023

BELTRÁN, Mariana; VILLARREAL, Jimena; PAZ MEYER, María José. Territorios escolares virtuales – Una lectura interseccional e interdisciplinaria sobre las subjetividades juveniles actuales. *In*: ACEVEDO, Patricia; DA PORTA, Eva (orgs.). **Juventudes, prácticas y conocimientos situados**. Notas em Pandemia. Buenos Aires: CLACSO, Set. de 2022. p. 87-100.

BERNI, Vanessa; ROSO, Adriana. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126–136, jan. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100014>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. *In*: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a. p. 185-201.

BUTLER, Judith. Introdução. *In*: A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2022 [1997]. p. 9-38.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. *In*: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b. p. 15-60.

CASAÑAS, Rocío; LALUCAT, Lluís. Promoción de la salud mental, prevención de los trastornos mentales y lucha contra el estigma. Estrategias y recursos para la alfabetización emocional de los adolescentes. **Revista de Estudios de Juventud. Promoción de la salud y bienestar emocional en los adolescentes: panorama actual, recursos y propuestas**. Jun. 2019. n. 121. p. 117-132. Disponível em: <<https://www.injuve.es/observatorio/salud-y-sexualidad/revista-de-estudios-de-juventud-121-promocion-de-la-salud-y-bienestar-emocional-en-los-adolescentes>>. Acesso em: 14 out. 2023.

DIAS, Mateus. Pesquisa Quantitativa. **Instituto OPUS**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/pesquisa-quantitativa/>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, D. I.; TORRES ROMERO, F.; ROSARIO CRUZ, R. Efectos de la covid-19 en la educación superior en línea en el estado de Guerrero, México: percepción de los estudiantes. **RIDE Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo**

Educativo, v. 12, n. 24, 7 mar. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.23913/ride.v12i24.1151>>. Acesso em 08 ago. 2022.

DUARTE, Luiz. A Outra Saúde - Mental, Psicossocial, Físico Moral?. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 83-90.

FALAVIGNA, Carla; LUNA, Marcos; CASTAGNO, Tatiana Rodríguez. ¡Que no se corte! Estudiar en la universidad en tiempos de pandemia – El ingreso a la universidad como problemática. In: ACEVEDO, Patricia; DA PORTA, Eva (orgs.). **Juventudes, prácticas y conocimientos situados**. Notas em Pandemia. Buenos Aires: CLACSO, Set. de 2022. p. 101-115.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [1961].

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185–204, maio 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200003>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

FEIXA, Carles. **Los jóvenes deben tener un papel clave para superar la pandemia**. 22 de fevereiro de 2021a. Disponível em: <<https://carlesfeixa.com/2021/02/22/los-jovenes-deben-tener-un-papel-clave-para-superar-la-pandemia/>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

FEIXA, Carles. Situação da Juventude e desafios Pós-Pandemia. In: MARCON, Frank; NORONHA, Danielle (orgs.). **Juventudes e Desigualdades Sociais em Tempos de Crise e Radicalização Política**. Aracaju: Criação Editora, 2021b. p. 61-72.

FIGUEIRÊDO, Alessandra; QUEIROZ, Tacinara. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Anais Eletrônicos. Florianópolis: UFSC: set. 2013. Disponível em: <<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. O corpo dos Condenados. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988, p. 69-82.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. v. 19, n. 55. abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções. mai. de 2020. p. 13-26. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343981500_O_Covid-19_e_as_emocoes_pensando_na_e_sobre_a_pandemia>. Acesso em: 22 set. 2022.

KOURY, Mauro. Um excuro em torno das noções de situação limite, situação crítica e vulnerabilidades interacionais em contextos de co-presenças engolfadas. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 51, dez. 2018. p. 27-37. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>. Acesso em: 20 out. 2022.

LE BRETON, David. *Antropologia da Dor*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

LIMA, Márcia. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016, p. 10-32. Disponível em: http://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2017_EBOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Quantitativo.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

LIRA, Bruno. Estado, pandemia e reprodução de desigualdades interseccionais no Brasil: uma reflexão a partir da tensão colonialidade/decolonialidade. **Revista Sociedade e Cultura**. v. 24, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/66307>> Acesso em: 20 nov. 2022.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey M. A Antropologia das Emoções. Sociabilidades Urbanas, **Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 5, n. 13, pp. 81- 115, mar. 2021.

MALUF, Sônia Weidner. Pandemia e as ligações perigosas entre neoliberalismo e neofascismos *In: Das margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA,

2022, v.1, p. 437-449. Disponível em: <<https://soniamaluf.paginas.ufsc.br/capitulos/>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MALUF, Sônia Weidner. Saúde mental e direitos humanos: gênero, raça e classe In: **Luta antimanicomial e feminismos: formação e militância**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, v.1, p. 183-198. Disponível em: <<https://soniamaluf.paginas.ufsc.br/capitulos/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MALUF, Sônia. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Revista TOMO**, [S. l.], n. 38, p. 251–285, 2021. DOI: 10.21669/tomo.vi38.14280. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/14280>. Acesso em: 02 out. 2023.

MARCON, Frank. Juventudes, precariedades e estetização: mobilidades, formas de trabalho e estilos de vida. In: MARCON, Frank; NORONHA, Danielle (orgs.). **Juventudes e movimentos**. Aracaju: Criação Editora, 2018. p. 335-353.

MARCON, Frank; NETO, Mateus; Geração como problema e achado empírico nos estudos sobre juventudes. In: MARCON, Frank; NORONHA, Danielle (orgs.). **Juventudes e Desigualdades Sociais em Tempos de Crise e Radicalização Política**. Aracaju: Criação Editora, 2021. p. 241-267.

MARSELLA, Anthony J. Culture And Mental Health: An Overview In: MARSELLA, Anthony J.; WHITE, Geoffrey M. **Cultural conceptions of mental health and therapy**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1982. P.359-388.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 399-422.

MEAD, Margareth. A adolescência em Samoa. In: BENEDICT, R.; MEAD, M.; SAPIR, E. **Cultura e Personalidade**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2015 [1928]. p. 17-65.

OLIVEIRA, Victor; SANTOS, Andreia. Juventudes Contemporâneas e a Pandemia da Covid-19: Constituindo Novas Formas De Ser e Estar Jovem. **Revista Huminum**, v. 20, n. 1, p. 148-155, 2021. Disponível em:< <https://hdl.handle.net/10923/21873>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

PIRES, Thula Rafaela. Por uma concepção amefricana de direitos humanos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RAMOS, Marília Patta. **Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais**. Mediações. Londrina, v. 8, n. 1, p. 55-65, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/16807>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

RESTREPO, Eduardo. **Etnografía. Alcances, técnicas y éticas**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. Emoções: biológicas ou culturais?. In: **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo de feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica, 2021. p. 17-45.

SANTANA, João Victor (et al). Entre o Protagonismo e e Invisibilidade: Dinâmicas Reivindicatórias das Políticas Públicas de Juventudes em Sergipe. In: MARCON, Frank; NORONHA, Danielle (orgs.). **Juventudes e Desigualdades Sociais em Tempos de Crise e Radicalização Política**. Aracaju: Criação Editora, 2021. p. 149-168.

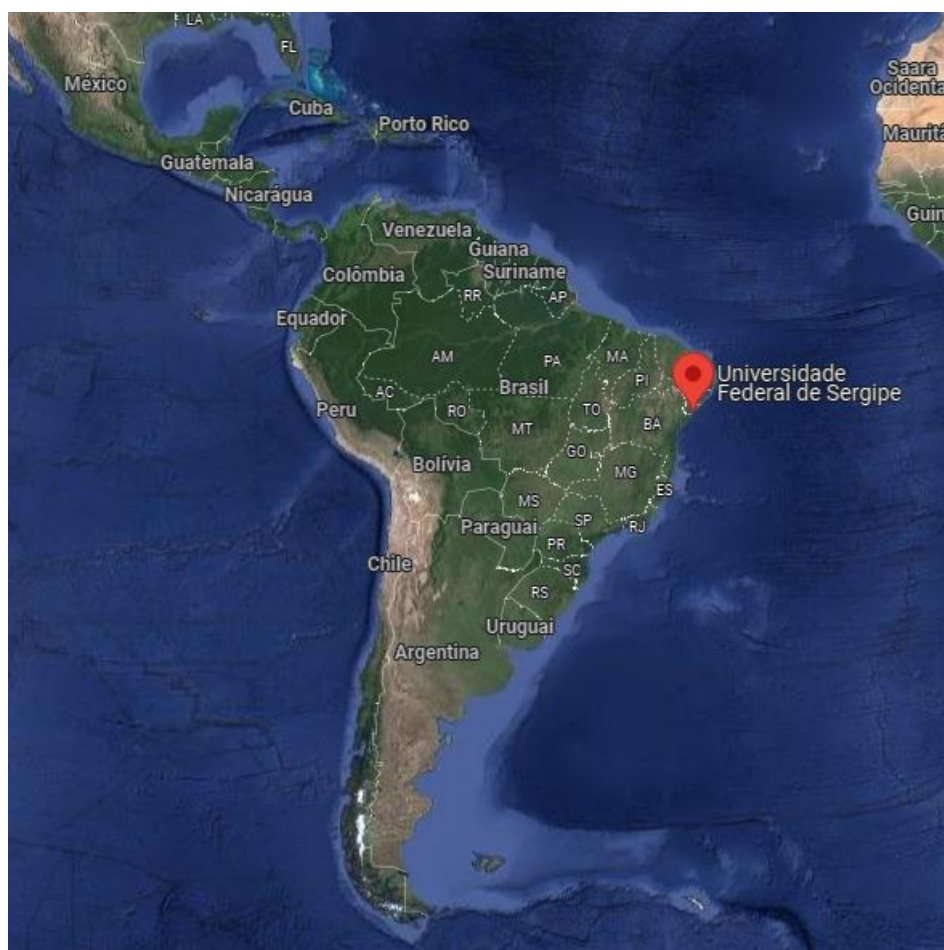
SOBRINHO, A.; ABRAMO, H.; VILLI, M. Introdução: Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil. In: Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. P. 9-14. Disponível em: < <https://portal.fiocruz.br/documento/jovens-e-saude-revelacoes-da-pandemia-no-brasil>>. Acesso: 20 dez. 2023.

STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem. **Mana**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 2, out. 1999. p. 157-175.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 60-61, set. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jan. 2024.

WHO. COVID-19 and mental health *In*: **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022. p. 28-32. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>>. Acesso em: 22 set. 2022.

ANEXO 1 – Localização da UFS na América Latina



Fonte: Google Maps. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Universidade+Federal+de+Sergipe/@-31.4243067,-103.1769359,4.13z/data=!4m6!3m5!1s0x71ab2423713aed3:0xdc26874c8378592c!8m2!3d-10.9263351!4d-37.1030664!16s%2Fm%2F0c40rh8?entry=ttu>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

ANEXO 2 – Questionário

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: “JUVENTUDES E A PANDEMIA: A VIVÊNCIA BRASILEIRA DAS CRISES E OS SENTIMENTOS EXPERIMENTADOS PELOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS”

1. Data de nascimento: _____
2. Gênero com o qual você se identifica:
☐ Homem ☐ Mulher ☐ Não Binário
3. Cor/Raça:
☐ Branco ☐ Preto ☐ Pardo ☐ Indígena ☐ Amarelo
4. Curso da Graduação: _____
5. Período em que começou o curso: _____
6. Trabalhou durante o isolamento social?
☐ Sim ☐ Não

Caso tenha marcado “Sim”:

- a. O trabalho permitia que fosse feito o isolamento social (trabalho remoto)?
☐ Sim ☐ Não

Durante o período de isolamento social, nos anos de 2020 e 2021:

7. Você ou alguém que mora com você chegou a ser infectado com o COVID-19?
☐ Sim ☐ Não
8. A estrutura do local em que você residia, durante esse período, permitia que fosse feito o isolamento social dos que foram infectados pelo COVID-19?
☐ Sim ☐ Não
9. Você tinha acesso à internet na sua casa?
☐ Sim ☐ Não
10. Durante o período de aulas remotas, você teve como acompanhá-las?
☐ Sim ☐ Não

Caso tenha marcado “Sim”:

- a. O aparelho utilizado para acompanhá-las era de uso pessoal/individual ou precisava compartilhar com alguém?
☐ Pessoal/individual ☐ Compartilhado
- b. A sua conexão de internet era suficiente em termos de qualidade?
☐ Sim ☐ Não
- c. O ensino remoto trouxe algum tipo de limitação para o seu aprendizado?

() Sim () Não

11. Você precisou trancar disciplinas ou o curso em razão da pandemia?

() Sim () Não

Caso tenha marcado “Sim”:

a. Você vê algum problema nisso?

() Sim () Não

12. Você tem pensado sobre saúde mental?

() Sim () Não

Caso tenha marcado “Sim”:

a. marque as alternativas que mais te auxiliam a pensar sobre isso:

() Conversas com amigos e/ou familiares

() Redes Sociais

() Filmes

() Séries

() Livros

() Músicas

() Indicação médica

() Outros: _____

13. Em relação a sua saúde mental, você acredita que houve alguma mudança em razão desse período da pandemia?

() Sim () Não

14. Você já se consultou com algum profissional de cuidado com a saúde mental (psicóloga(o), psiquiatra...)?

() Sim () Não

Caso tenha marcado “Sim”:

a. A consulta foi antes, durante ou depois do isolamento social da pandemia?

() Antes () Durante () Depois

b. O atendimento foi por meio do serviço público ou do serviço privado?

() Público () Privado

Caso tenha marcado “Não”:

c. Você já pensou em procurar esse tipo de atendimento?

() Sim () Não

15. Você costuma consumir algum tipo de substância psicoativa (álcool, medicações psicotrópicas, drogas afins)?

() Sim () Não

Caso tenha marcado “Sim”:

- a. Você começou a consumi-la antes, durante ou depois do isolamento social da pandemia?

() Antes () Durante () Depois

16. Se pudesse descrever o período mais intenso da pandemia (os anos de 2020 e 2021) através de um sentimento, qual seria ele?

17. Esse sentimento continua a ser sentido?

() Sim () Não

Caso tenha marcado “Sim”:

- a. Você vê algum problema nisso?

() Sim () Não

Caso deseje, use o espaço abaixo para expressar algo sobre sua experiência emocional durante a pandemia, sua experiência emocional depois dela, sobre a presente pesquisa e/ou algo a mais que gostaria de compartilhar!

Obrigada pela sua participação!